



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE LETRAS (FL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA (PPL)

MARIA CELINA PEREIRA DE CARVALHO

**Tecendo outros caminhos: o protagonismo das mulheres negras em
Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Maria Celina Pereira de Carvalho

3. Título do trabalho

TECENDO OUTROS CAMINHOS: O PROTAGONISMO DAS MULHERES NEGRAS EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Yvonelio Nery Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 10/07/2025, às 23:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Celina Pereira De Carvalho**, **Usuário Externo**, em 14/07/2025, às 11:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5497320** e o código CRC **5E46C75D**.

Referência: Processo nº 23070.026578/2025-24

SEI nº 5497320

MARIA CELINA PEREIRA DE CARVALHO

**Tecendo outros caminhos: o protagonismo das mulheres negras em
Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Literatura Comparada e Estudos Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Yvonelio Nery Ferreira

GOIÂNIA
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Carvalho, Maria Celina Pereira de
Tecendo outros caminhos [manuscrito] : O protagonismo das
mulheres negras em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo / Maria
Celina Pereira de Carvalho. - 2025.
CVII, 107 f.

Orientador: Prof. Dr. Yvonélio Nery Ferreira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2025.

Inclui lista de figuras.

1. Conceição Evaristo. 2. Ponciá Vicêncio. 3. Mulheres Negras. 4.
Literatura Negra. 5. Resistência. I. Ferreira, Yvonélio Nery, orient. II.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº **18** da sessão de defesa de dissertação de **MARIA CELINA PEREIRA DE CARVALHO** que confere o título de **Mestra** em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Literários

Aos **dezoito** dias do mês de **junho** do ano de **dois mil e vinte e cinco**, a partir das **quatorze** horas, na sala 79 da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "**TECENDO OUTROS CAMINHOS: O PROTAGONISMO DAS MULHERES NEGRAS EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**". Os trabalhos foram instalados pelo orientador, **Prof. Dr. Yvonelio Nery Ferreira** (Presidente/PPGLL/FL/UFG), com a participação dos demais membros da banca examinadora: **Prof. Dr. Jose Humberto Rodrigues dos Anjos** (POSLLI/UEG) e **Prof. Dr. Flavio Pereira Camargo** (PPGLL/FL/UFG), membros titulares externos. Durante a arguição, os membros da banca **não** fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo **Prof. Dr. Yvonelio Nery Ferreira**, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos **dezoito** dias do mês de **junho** do ano de **dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Yvonelio Nery Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 18/06/2025, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Humberto Rodrigues Dos Anjos, Professor do Magistério Superior**, em 18/06/2025, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Pereira Camargo, Professor do Magistério Superior**, em 18/06/2025, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5393245** e o código CRC **35AD6946**.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus cristão, pois foi o que deu sustento e proteção, a mim e aos meus, afinal, não tínhamos plena consciência de outras entidades espirituais, até pouco tempo. Agora, iniciando outra consciência, agradeço aos ancestrais e a quaisquer entidades espirituais, principalmente do feminino, pois a elas pertencem o poder e colo em que me deito quando preciso de sustento e força. Gratidão por deixar meus caminhos cada vez mais leves!

Aos meus pais, pela vida e as inclinações musicais e poéticas. Especial gratidão a sensibilidade e demais heranças de minha mãe, D. Adalgiza, forte e guerreira, mas que, infelizmente, não teve tempo de ser vitoriosa.

Herança de mãe

E ficou...

O colo que esqueceu a infância.

A voz que acalentava as noites.

O riso descansado na cama eterna.

O canto que acordava as madrugadas.

Filhos e

A invenção do amor pela inclinação musical.

E se perdeu...

O corpo belo de ancas largas.

Os cabelos longos sustentados pela cabeça cansada.

O riso persistente e incansável.

O corpo invadido por animais em metáforas.

Em subconsciência...

A ousadia de se dizer poeta.

O gosto de iniciar versos com letras grandes.

O atrevimento em resistir, insistir e não desistir.

M^a Celina

Figura 1 Dona Adalgiza (mãe desta pesquisadora) e 4 de seus filhos



Fonte: Arquivo pessoal

Aos meus filhos – Lílian, Laís e Lucas – pelo amor e admiração mútuos, bem como pelo incentivo constante. Gratidão pela vida de Matheus, Bernardo e José Miguel.

A toda minha família de sangue, especialmente e sempre: a Nilson – por ter conseguido chegar tão longe e me puxado pelas mãos e Neusinha por ser sem nenhuma simplicidade. Esta vitória é nossa, irmã!

Ao meu orientador, Professor Dr. Yvonélio Nery Ferreira, pelo cuidado para com uma mulher negra, de 60 anos, que urgia em continuar pesquisadora. Sua competência e carinho foram fundamentais para o meu processo. Foi um presente te conhecer!

Aos professores amigos que sempre acreditaram em mim e nunca soltaram minhas mãos: Renata Rocha; Tarsilla Couto; Rogério Max; Flávio Pereira Camargo; Jamesson Buarque.

Gratidão especial às minhas meninas da primeira turma da Especialização em Estudos Literários e Ensino de Literatura.

Agradecimento especial à minha amiga e colega de trabalho, Luzimar Pereira da Silva.

RESUMO

Esta dissertação partiu de um incômodo causado pelos estereótipos direcionados às mulheres negras que reforçam o racismo. Com isso, observamos as mulheres negras, personagens femininas do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, sendo: Ponciá Vicêncio, Maria Vicêncio, Nêgua Kainda e Biliza, especificamente com o objetivo de lançar luz para além dos estereótipos, feridas e dores do passado escravocrata, contrapondo-os por fenômenos e dinâmicas que singularizam e complexificam o humano. Ademais, enfatizamos a mudança de foco sem eliminar a crítica e a denúncia, e buscamos fortalecer e reconhecer as mulheres negras por outras singularidades como: silêncios, sonhos, afetos, arte, entre outros sentimentos, atitudes e características mais atinentes ao ser humano. A construção desta dissertação partiu de uma pesquisa bibliográfica e explorativa, investigando a fortuna crítica de Conceição Evaristo. Além disso, houve um estudo voltado às questões do contexto das pessoas e literatura negra brasileiras, momento em que identificamos contribuições e oportunidades para o povo negro, principalmente no que diz respeito à valorização das vozes das mulheres negras, em diversos âmbitos, proporcionadas pela escritora Evaristo e outras mobilizações negras. Destacamos trechos do romance que representam as contraposições dos estereótipos de mulheres negras, bem como características literárias da literatura negra, ainda nomeada como Afro e/ou Negra brasileira, por estar em construção, amparados, especialmente, pelos estudos de Duarte (2011), Mosquera (2017), Salgueiro (2020), entre outros. Por meio do romance, focalizamos os aspectos que contrapõem os estereótipos das mulheres negras e identificamos importantes elementos que identificam a história do povo negro, como a tradição da oralidade, refletida em forma de música, canto e dança, como formas de resistência. Outrossim, destacamos o Banzo, representando resistência, enquanto proporciona o contato com a ancestralidade, em busca de proteção e de conhecimento, simbolizado pelos silêncios, ausências e vazios da protagonista.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; *Ponciá Vicêncio*; Mulheres Negras; Literatura Negra; Resistência.

ABSTRACT

This dissertation was born out of discomfort caused by stereotypes directed at black women that reinforce racism. With this, we observe black women, female characters in the novel *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo, namely: Ponciá Vicêncio, Maria Vicêncio, Nêngua Kainda and Biliza, specifically, with the aim of shedding light beyond the stereotypes, wounds and pains of the slave past, contrasting them with phenomena and dynamics that singularize and complexify the human. Furthermore, we emphasize the change of focus without eliminating criticism and denunciation, and we seek to strengthen and recognize black women for other singularities such as: silences, dreams, affections, art, among other feelings, attitudes and characteristics more related to human beings. The construction of this dissertation started from a bibliographic, exploratory and comparative research, investigating the critical fortune of Conceição Evaristo. In addition, there was a study focused on issues related to the context of black Brazilian people and literature, at which time we identified contributions and opportunities for black people, especially with regard to the valorization of the voices of black women, in different areas, provided by the writer Evaristo and other black mobilizations. We highlight excerpts from the novel that represent the counterpositions of stereotypes of black women, as well as literary characteristics of black literature, still called Afro and/or Brazilian Black, as it is under construction, supported, especially, by studies by Duarte (2011), Mosquera (2017), Salgueiro (2020), among others. Through the novel, we focus on aspects that counter the stereotypes of black women and identify important elements that identify the history of black people, such as the tradition of orality, reflected in the form of music, song and dance, as forms of resistance. Furthermore, we highlight Banzo, representing resistance, while providing contact with ancestry, in search of protection and knowledge, symbolized by the silences, absences and emptiness of the protagonist.

Keywords: Conceição Evaristo; Ponciá Vicêncio; Black Women; Black Literature; Resistance

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Dona Adalgiza (mãe desta pesquisadora) e 4 de seus filhos	2
Figura 2	Figura 2 Maria Celina em Ensaio Fotográfico para o Salão Entrelinhas em Goiânia (2024).....	8
Figura 3	Conceição Evaristo - por Isabela Kassow	20
Figura 4	Capa Ponciá Vicêncio (2003)	21
Figura 5	Capa Ponciá Vicêncio (2017)	22
Figura 6	Cartaz Espetáculo baseado na obra Ponciá Vicêncio (2024)	22
Figura 7	Capa do Livro Becos da Memória (2006)	23
Figura 8	Capa do Livro Insubmissas Lagrimas de Mulheres (2011)	23
Figura 9	Capa do Livro Olhos D'Água (2014)	24
Figura 10	Capa do Livro Poemas da Recordação e outros Movimentos (2008)	24
Figura 11	Capa do Livro Histórias de Leves Enganos e Parecenças (2016)	25
Figura 12	Capa do Livro Canção para Ninar Menino Grande (2018)	25
Figura 13	Capa do Livro Macabéia, <i>Flor de Mulungu</i> (2023)	26
Figura 14	Conceição Evaristo no dia do Lançamento do referido livro, na FLIP ...	26
Figura 15	Frente do Espaço Cultural Casa da Escrivência - Rio de Janeiro	28
Figura 16	Conceição Evaristo no desfile da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira - Carnaval Rio de Janeiro 2025	28

SUMÁRIO

1 EU, MULHER NEGRA E PESQUISADORA – VIVÊNCIAS E ENTRELAÇAMENTOS.....	8
1.1 Conceição Evaristo e Ponciá Vicêncio: a emergência das vozes das mulheres negras	13
2 DA VIDA À PALAVRA: “DE MÃOS DADAS” RUMO À CONSTRUÇÃO DA LITERATURA NEGRA	20
2.1 Biografia e a escrita de Conceição Evaristo	20
2.2 Literatura Afro / Negro-Brasileira e a escrita de Conceição Evaristo, fios entrelaçados em construção	42
3 FIOS POÉTICOS EM <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i>: CONTRAPONDO ESTEREÓTIPOS..	61
3.1 Ponciá Vicêncio fortalecendo a literatura negra	61
3.2 De histórias inventadas ao reencontro com a identidade	75
3.3 Contrapondo os estereótipos: tecendo outros caminhos, outras histórias	85
4 FIOS, SILÊNCIOS E HERANÇAS: “A vida era a mistura de todos e de tudo”	97
5 REFERÊNCIAS:	103

1 EU, MULHER NEGRA E PESQUISADORA – VIVÊNCIAS E ENTRELAÇAMENTOS

Figura 2 Maria Celina em Ensaio Fotográfico para o Salão Entrelinhas em Goiânia (2024)



letra por letra, palavra por palavra,
uma borracha que espera permanência pelo verbo,
mais papel que não aceita tinta. existe por existir.
um complô muito bem planejado
e tudo segue esvaindo até desaparecer por completo.
até nada restar:
nenhum muro ou parede alvo de escrita.
e como se não bastasse toda essa barbárie
depositam nas mãos ansiosas: uma caneta sem tinta
e um manual de escrita.

Maria Celina - 2015

A voz que vos fala por meio desta dissertação pertence a uma mulher negra com sessenta anos, contextualizada por uma longa história de vida e preciosas conquistas, apesar das dificuldades marcadas pelas minhas características fenotípicas. Trabalhadora concursada da saúde e pesquisadora literária, desde sempre, e a caminho de um título necessário para chamar de meu. Mãe de duas mulheres e um homem. Avó de três meninos.

Na minha trajetória de vida, esta é a primeira vez que pesquiso obra de alguma escritora negra. Passei por um longo processo acadêmico até conhecer uma escritora que me motivasse ao processo de pesquisa. Tal afirmação não significa a total falta de acesso a qualquer escritora mulher, muito menos negra. O fato é que, desde o primeiro contato com a literatura, sempre estiveram homens e fui sendo levada a eles e tudo bem. Brasigóis Felício, escritor goiano, foi o primeiro escritor da minha lista de leitura, iniciada na biblioteca da comunidade católica do meu bairro, em Goiânia. Outro destaque está no fato de quando cursava o antigo ginásio, tive como professor de português o meu tio José Alves, o qual era formado em Letras, e me apresentou Graciliano Ramos. Daí por diante, sempre estive rodeada por literatura. Mesmo não sendo do interesse do leitor, preciso dizer que a escrita de poesia me veio por inclinações musicais de pai e mãe. Além disso, quando surgia a necessidade de manuscruver as canções que faziam parte do contexto familiar para não as esquecer. Mal sabia eu que ela era poemas e me inclinavam a escrita de poesia, também. Ademais, sempre fui tocada pelas palavras que rumavam à poesia. Acontece que, certa vez, alguém leu um escrito meu e findou dizendo ser aquilo poesia. Achei por bem acreditar e, bastou para que eu prosseguisse.

Houve um tempo em que a literatura foi meu sustento psicológico. Aos dezesseis, idade em que meu mundo foi todo desestruturado com a partida de minha mãe para outro plano, culminando minha mudança de cidade e contexto de vida. Meu passeio diário era a biblioteca da cidade, saindo de lá com sete livros para ser devolvidos em uma semana. Naqueles momentos eu me fartava de narrativas, especificamente. Os livros lidos me fizeram resistência e escritora de minha história, apesar de as escritas permanecerem engavetadas.

Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, foi um presente dado por alguém que, hoje, deve confirmar meu título de pesquisadora-mestra, com a sua assinatura - Angelita Pereira de Lima. Éramos crianças quando nos conhecemos e lemos juntas o livro *Encontro Marcado*, de Fernando Sabino. Assim, *Ponciá Vicêncio* coroa a minha história de vida, pelo presente oferecido e pela narrativa literária que também é minha vida.

Costumo dizer que o exercício de escrever minhas vivências, reais ou fictícias surgem pela inspiração do vento, do sol que me inundava no quintal de casa, das melodias dos sons que minha mãe solfejava, enquanto labutava na cozinha ou à beira do tanque de lavar roupa. Enfim, tudo isso me permitiu ser mais que uma menina negra e feia, geralmente rejeitada. Pelo menos até entrar na academia, um tanto tardiamente, e sentir-me intrusa, todos os dias. Mas o conhecimento adquirido e o contato com várias personalidades seguiam me fortalecendo. Muita gente não desistiu de mim.

Ao ler o texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (1980) de Glória Anzaldúa, me senti convocada e motivada a continuar a escrever. Então, a mesma instituição que me derrubou do auto-título de escritora foi a que me reergueu, quer poética, quer acadêmica. A referida escritora, ainda, levou-me a me questionar: de onde vem a motivação para a escrita? Em que momento me sinto autorizada ou com ousadia a ser escritora? Assim como Anzaldúa, “Ainda não desaprendi as tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita” (1980, p. 229), mas, por outro lado, muito tenho aprendido com as instituições de ensino, e aproveito para entrelaçar às minhas vivências.

Esqueça o quarto só para si - escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar. Eu escrevo sentada no vaso. Não se demore na máquina de escrever, exceto se você for saudável ou tiver um patrocinador - você pode mesmo nem possuir uma máquina de escrever. Enquanto lava o chão ou as roupas, escute as palavras ecoando em seu corpo. Quando estiver deprimida, brava, machucada, quando for possuída por compaixão e amor. Quando não tiver outra saída senão escrever (Anzaldúa, 1980, p. 233).

Hoje, esta mulher negra, de 60 anos, três filhos e três netos, registrada como parda, dado no contexto de nascimento, ser muito forte a tentativa de embranquecimento, afinal, ninguém queria ser negro ou ter filhos negros, anseia e ousa a escrever sempre, em qualquer lugar.

Comumente, mulheres negras relatam momentos em que sofreram racismo, principalmente na infância. Da minha parte, preciso dizer que tenho muitas dificuldades em recuperar esse tipo de memória. Um dos fatores para esse vazio de racismo na memória pode vir do fato de ser a que tem o cabelo menos crespo da família e, possivelmente, talvez, sofrer menos. Ou foram traumas que minha memória decidiu esconder ou excluir. Mas isto não quer dizer que não tenha sofrido racismo. Acredito que diz respeito ao fato de sempre ter sido educada a me portar em “meu devido lugar”. E o que é isso senão o próprio racismo? Hoje sei. Porém, possivelmente, tenho uma imagem traumática na minha memória, que não consigo

afirmar se aconteceu comigo ou qualquer outra criança negra. Mas, de qualquer forma, pelo conceito de “dororidade”, a dor foi minha, também. Diversas crianças estão brincando dentro de uma piscina, quando uma mulher branca se aproxima de uma menina negra e a puxa pelo cabelo, esbravejando em gestos e palavras. Houve uma vez, também, que fugi como louca de continuar limpando o chão da patroa, por causa de uma imagem: eu agachada esfregando o chão dela (tinha que ser ajoelhada?) e ela em pé, ao meu lado, fiscalizando o serviço. Fugi mesmo, pois já sentia que nascera para escrever e não para escraviver! O sentimento de humilhação, impotência e silenciamento é mais real do que a própria imagem.

Apreendi, desde cedo, a não ultrapassar certos espaços, e o verbo ousar não fazia parte do meu mundo. Qualquer forma que me tratavam, quaisquer espaços que não me eram permitidos, ou que eu tivesse que entrar pelas beiradas, era consentido com muita naturalidade, findava em me conformar com as situações e a forma como era tratada.

Contudo, tive uma mãe que, ao menos, mirou um futuro melhor para seus filhos e, particularmente, antes dela partir deste mundo, planejou uma escola particular para a caçula das mulheres, esta que vos fala. Planejamento e desejo não concretizados, já que a doença a levou cedo demais, regada a muitas dores, minha mãe foi devorada pelo câncer, literalmente, aos 50 anos. Alguns dos filhos conseguiram se agarrar aos estudos, às duras penas e, hoje, a família têm um graduado, outro pós-doutorado e eu, a única mulher que teve o privilégio, mesmo que tardio, de alcançar a pesquisa do mestrado. Convém ressaltar que, em termos gerais, todos os filhos e filhas de D. Adalgiza e Seu Gregório são potentes pelas artes e conhecimentos, independente de academias. Isto é resistência e revolução preta.

De questões sobre conhecimento de identidades e história de nós mesmos, enquanto negros, palavras como: empoderamento, dororidade, negritude, ancestralidade, entre outras, são muito novas para mim. O que sabia delas é o sentimento sem nome que sempre me levou a escrever. Minha escrita nunca foi de luta ou protesto explícito, mas acredito, cada vez mais, que o complexo ato de escrever vivências já é resistência.

Nesse sentido, devo compartilhar um pouco sobre a década de 70, uma época rica em questões de ancestralidades africanas, pelo menos no que coube às minhas lembranças afetivas. Tive a sorte de conhecer músicas que contam a história de arte e fé do povo preto escravizado. No âmbito familiar fomos tocados por tal arte pela melodia e o ritmo dos tambores, mas não sabíamos da ligação com nenhuma outra fé, pois até então, conhecíamos somente um Deus-Cristão. Chamados pelas músicas, como estas abaixo, dançávamos e cantávamos cheios das entidades e ancestralidades, sem ter consciência:

O sino da Igrejinha
 Faz belém blem blam
 Deu meia-noite
 O galo já cantou
 Seu tranca rua
 Que é dono da gira
 Oi corre gira
 Que ogum mandou¹

Eu vi chover, eu vi relampear
 Mas mesmo assim o céu estava azul
 Samborê pemba, folha de jurema
 Oxóssi reina de norte a sul²

E é por este contexto que me enxerguei plenamente na obra de Conceição Evaristo. Por vezes, senti-me estranha em meio a questões culturais e religiosas que, a princípio, nunca fizeram parte da minha vida. Mas, ao findar esta pesquisa, compreendi que tudo isso fez parte da minha vida, de uma forma ou de outra. A diferença é que os nomes dados eram outros, ou simplesmente os sentia.

Após iniciar a vida acadêmica, nunca mais deixei de ser pesquisadora. Turrone igual a meu pai, sempre ousei em ocupar os espaços, mesmo com toda a dor que sentia, o prazer sempre foi maior. Nesta caminhada, cheguei à especialização considerada, por mim, como um presente e, finalmente, iniciei o enfrentamento ao monstro do mestrado acadêmico, fortalecido por uma mulher negra, grande escritora brasileira, Conceição Evaristo.

Justifico que a importância de falar de mim no início desta dissertação diz respeito aos entrelaçamentos que me unem à autora do objeto da minha pesquisa. Neste início, que parece fim, os fios de costura, bordados e crochês de minha mãe teceram teias de sustento, que se uniram aos meus fios poéticos e de crochê, que se entrelaçaram aos fios talentos de Evaristo, que se entrelaçaram aos fios vivências das mulheres de Ponciá Vicêncio e que se unem às escrevivências de todas as mulheres negras brasileiras. A polifonia de mulheres negras está presente em toda esta dissertação, por Conceição Evaristo, já que a voz não é somente dela é de toda a população negra escravizada e contemporânea e, principalmente, das mulheres negras brasileiras que, pela arte e vida, resgatamos nossa humanidade e seguimos sendo resistência. Há aqui um entrelaçamento de vozes, que é das mulheres da minha família, das minhas ancestrais, tardiamente reconhecidas por mim, e de todas as mulheres pretas que partilharam suas dores comigo.

Sendo assim, convém questionar sobre quantas pesquisadoras e escritoras negras brasileiras podem estar, neste momento, a sujar de tinta um papel branco qualquer, lá no

¹Festa de Umbanda, cantada por Martinho da Vila.

² “Nem Ouro nem Prata”, cantada por Ruy Mauriti

fundo do profundo escuro escondido? Algumas ousam, outras, não. A resistência está lá como cá, pois basta sobreviver, no nosso caso. Resistir também é viver. Resisto porque persigo, insistentemente, as palavras que um dia foram minhas, de meu corpo de mulher negra, que um dia foi parda e quisera, à época, branca. Ninguém se empodera de um dia para o outro. É preciso ter representatividade para que o empoderamento chegue lentamente, às vezes, se arrastando, ferindo os joelhos, mãos e pés, e ele chega tímido e inseguro para as mulheres negras.

1.1 Conceição Evaristo e Ponciá Vicêncio: a emergência das vozes das mulheres negras

A partir da reflexão acima, apresentamos alguns aspectos de Conceição Evaristo, a escritora do romance *Ponciá Vicêncio*, objeto desta pesquisa, tendo em vista que o seu contexto pessoal está atrelado ao desta pesquisadora, enquanto mulher negra, bem como às mulheres negras da sua ficção. Sendo assim, a escritora do romance possui um histórico não tão diferente da maioria das mulheres negras do Brasil, a não ser pelo fato de ter conseguido chegar a um ápice respeitado da academia, pois grande porcentagem das mulheres negras mal consegue concluir o Ensino Médio. Felizmente, esse panorama tem se tornado positivo.

Conceição Evaristo costuma dizer, em suas entrevistas, que o ambiente em que viveu na infância não foi rodeado de livros, mas de palavras, isto é, a tradição oral reinava ali, assim como na de nossos ancestrais negros. Era pela oralidade que se passava o conhecimento para além das salas de aula. As palavras é que ocupavam os vazios de muitos momentos e de, inclusive, dos bens materiais. Por isso, a convivência tão próxima e apaixonada pelas palavras, de maneira em que a escrita surge não manipulando, mas brincando com elas.

O romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, consta como o primeiro livro da autora, publicado pela primeira vez no ano de 2003, bem como já foi traduzido para narrando a trajetória de uma mulher negra, desde sua infância até a fase adulta. A construção da narrativa é fragmentada para que cumpra a metáfora da memória como transporte que leva aos momentos do passado e presente, o que faz o leitor conhecer todas as personagens. Encontramos uma escrita sensível, super regada a poesia, tendo em vista que a autora também é poeta. A linguagem é permanentemente voltada para a informalidade, representando a fala simples, característica da protagonista como se ela mesma fosse a narradora. Destacamos que a família de Ponciá é composta de ausências, vazios e silêncios, metafórica e literalmente falando. Por meio da leitura do romance conhecemos Ponciá com todos os seus sentimentos, afetos e crises de silenciamento, por meio de uma narrativa circular a qual ainda nos apresenta

a sua família, que são ex-escravizados que ainda carregam o sobrenome dos seus “ex-donos” (Vicêncio). Pela obra, Conceição Evaristo permite ao leitor conhecer e reconhecer a história do povo negro, proporcionando essa reconstrução pela estratégia da *escrevivência*. São as memórias de Ponciá que conduz, também, o leitor pelas vivências e conhecimentos da sábia do vilarejo, Nêngua Kainda, bem como as da prostituta Biliza.

A título de exemplificação, Conceição Evaristo cede sua voz às personagens do romance *Ponciá Vicêncio*, principalmente à protagonista de nome homônimo ao título para que conheçamos a sua história, seus desejos, afetos, suas dores e seus inúmeros vazios carregados de significados. Assim, passamos a conhecê-la sob a sua ótica e, também, de toda uma coletividade. Inclusive, toda a obra de Evaristo é marcada pela experiência do povo negro, de uma coletividade negra, partindo da sua própria vivência de mulher negra.

O que pretendemos com essa pesquisa é lançar luz sobre o que está além do instrumento de denúncia e crítica social, mostrando um processo de singularização que complexifica o humano; as mulheres negras para além dos estereótipos da dor e do passado escravocrata. Acreditamos que, ao mudar o foco, a crítica e a denúncia se farão presentes, mesmo assim. Especificamente, os silêncios, os sonhos, os afetos, a arte, entre outros sentimentos, atitudes e características atinentes às personagens femininas do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, existem e podem atuar como formas de resgate das humanidades desses sujeitos e de resistência contra os estereótipos criados e atribuídos por séculos sobre a população negra escravizada e seus descendentes. Com tal temática, temos em nosso radar as personagens femininas do referido romance, a saber: Ponciá (a protagonista), Maria Vicêncio (sua mãe), Biliza, (a prostituta) e Nêngua Kainda (a sábia do povoado). Buscaremos demonstrar como a “*escrevivência*”, enquanto escrita da vivência de uma coletividade, pode ser compreendida como forma de resistência. Ademais, procuraremos identificar os sentidos advindos dos silêncios que perpassam as personagens e como esses silêncios podem representar, também, formas de resistência. Outrossim, pelo contraponto, discutiremos sobre a variedade de sentimentos, características e atitudes que permeiam essas personagens, possibilitando o resgate da humanidade desses sujeitos historicamente estereotipados de modo negativo. Com isso, pretendemos destacar as mulheres negras por suas singularidades humanas para além do que já é mostrado de forma negativa, insistentemente, pela literatura até os dias atuais.

Esse objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos: 1) demonstrar como a “*escrevivência*”, enquanto escrita da vivência de uma coletividade, pode ser compreendida como forma de resistência; 2) identificar os sentidos advindos dos silêncios

que perpassam as personagens femininas e como esses silêncios também representam formas de resistência; 3) discutir, pelo contraponto, que variados sentimentos, características e atitudes que permeiam as personagens femininas do romance em questão podem ser compreendidas como possibilidades de resgate da humanidade de sujeitos historicamente estereotipados negativamente.

Para atingir os objetivos citados, a metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa foi fundamentada em uma pesquisa bibliográfica, explorativa e comparativa, fazendo uma revisão da fortuna crítica com abordagem nas personagens femininas do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Consultamos, ainda, o aparato teórico-crítico da escritora, considerando sua formação acadêmica e artística, sabendo de sua importante contribuição para os estudos literários, nos âmbitos nacional e internacional, principalmente com o seu conceito de “escrevivência”. Por exemplo, quando essa escritora levanta considerações a respeito da literatura afro-brasileira, buscando “situar a existência de um discurso literário que, ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico” (Evaristo, 2009, p. 19).

Em contribuição a esta pesquisa, destacamos o que Andrea Franco Lima e Silva (2020) em seu artigo: “As cores do afeto: um ensaio sobre as mulheres negras no contexto das relações afetivas”, fala da importância para as pesquisas tratando de temas que apresentem a mulher negra, para além dos habitualmente tratados, podendo abrir para outras questões que não somente as feridas coloniais, haja vista que:

Abordar a questão da afetividade da mulher negra abre as janelas para vários níveis de relação entre esses e outros marcadores de diferenças (idade, classe social, escolaridade e outros), permitindo outra visão sobre a mulher negra, para além das descrições dos seus lugares nos indicadores sociais, comumente abaixo das médias” [...] “Tratar desse tema é fazer ecoar, no campo das pesquisas sociológicas, sua subjetividade e sua voz, que têm muito a dizer sobre as relações sociais e raciais brasileiras.” (p. 86-87)

Percebemos a relevância de olhar para outros demarcadores da mulher negra, pois nos preocupa a prevalência do mito da democracia racial que persiste em defender essa miscigenação “positiva”. Isso é muito grave no sentido de que muitas mulheres negras ainda sobrevivem com seus traumas das feridas coloniais, se acostumando a serem menos do que poderiam. Logo:

Compreender processos de microsociação, como os são as relações afetivas, podem nos dizer muito sobre a dinâmica das relações raciais brasileiras, bem como sobre a posição e a perspectiva da mulher negra nesse processo. Do mesmo modo

em que a afetividade não é apenas pautada pelo sentimento/amor, também não pode ser explicada satisfatoriamente por seu viés economicista/ utilitarista. Há nessas escolhas preferências sociais, políticas, culturais e étnicas que merecem ser objeto do interesse sociológico. (Silva, 2020, p.88)

Destacamos, em conformidade ao projeto estético de Evaristo, que Almeida e Bezerra (2019) produziram um artigo intitulado “Escrivência: Escrita, identidade e o eu feminino negro em *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo”, no qual afirmam que a escritora, ao colocar Ponciá, mulher negra, como protagonista, e deixando-a se autorrepresentar, “quebra as correntes da subalternidade que silencia a mulher e o povo negro ao longo dos séculos.” (2019, p. 10). Além disso, a narrativa apresenta a possibilidade de uma leitura outra, por conta de sua escrita descolonizadora, que ressalta singularidades das mulheres negras. Logo:

Percebe-se na escrita de Evaristo, a importância dada a voz, aos sentimentos e as experiências tanto coletiva quanto individual, de um povo que foi e ainda é ignorado. Daí a perspectiva de escrivência colocada pela própria autora para dar uma característica particular a sua forma de escrever (ALMEIDA e BEZERRA, 2019, p. 13)

Durante esta pesquisa, no que se refere à fortuna crítica de Conceição Evaristo, nos deparamos com algo que ainda incomoda, o fato de o foco estar em temas ligados à violência, talvez se recusando a olhar mais profundamente e enxergar outros temas da singularidade humana, por exemplo: sonhos, arte, afetos e outras questões e sentimentos comuns aos seres humanos. Esse problema incomoda já que parece desumanizar ainda mais a coletividade negra, persistindo as velhas formas de representação negra na literatura. Percebemos que o problema acontece de forma similar em, pelo menos, três ambientes, perpetuando a imagem parcial e racista para com as mulheres negras.

Muitos historiadores, em virtude de uma visão marcadamente colonial, apagaram inúmeros aspectos da identidade dos povos negros que foram escravizados e que, arduamente, tentam se recuperar, até hoje. Quando pensamos em literatura, isso ocorre por meio de romancistas e contistas, quando criaram (e ainda criam) personagens nos quais reforçam os estereótipos dessas mulheres. E, no que tange à crítica literária, por meio dos estudiosos da área, quando se dedicam a falar somente das cicatrizes deixadas pelo período escravocrata. Essa situação contribui, consideravelmente, para a perpetuação de estereótipos do racismo, já que esses três ambientes proporcionam o conhecimento de somente um lado dessas mulheres, o qual é, frequentemente, distorcido ou estereotipado.

É relevante observar que todos os textos citados aqui possuem análise e discussões relevantes para a literatura brasileira, bem como para pensar as diversas violências sofridas pela população negra. É natural que esses temas apareçam, já que fazem parte da realidade

desse coletivo, mas convém ressaltar o quanto a crítica literária se debruça nos temas pelos quais essa população, especificamente as mulheres negras, são estereotipadas. Porém, deixam de aprofundar o olhar para outras questões que podem representar formas importantes para o resgate da humanidade e resistência desses sujeitos.

Convém destacar que a escritora Evaristo preserva as marcas das feridas coloniais em suas personagens femininas porque elas sempre estarão presentes em nossos corpos e mentes, e são elas que nos diferenciam, pois não há como remover o passado, mas podemos mudar o presente, recontando o passado, a partir de características que não foram observadas e relatadas, já que a nossa história sempre fora contada por outros. Corroborando com isso, Constância Lima Duarte (2018), ao falar sobre uma confusão entre real e ficção que acontece no leitor de Evaristo, ao tratar de situações de violência contra a mulher, enfatiza que:

[...] as mulheres, ao exibirem com orgulho as antigas cicatrizes, mesmo quando descrevem chorando um episódio dramático do seu passado, o fazem a partir de uma atitude de sobreviventes, de quem exorcizou a dor e se encontrou inteira para além dela. (2018, p. 150)

O feminismo negro surge como movimento importante para esse orgulho da negritude feminina, apesar das feridas coloniais. Nesse sentido, Sueli Carneiro (2011), em esforço constante em afirmar a importância de se ter um feminismo negro, demonstra como são diferentes as formas que as mulheres negras são vistas, em relação às mulheres brancas:

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito [mito da fragilidade feminina], porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas. (Carneiro, 2011, *online*)

A partir da afirmação de Carneiro, percebemos a necessidade de representar as mulheres negras a partir de suas singularidades, diferenciando-as, apresentando outros ângulos distintos daqueles estereotipados durante o processo de colonização e, assim, decolonizar a história do povo negro. As reflexões de Sueli Carneiro contribuem para pensar sobre a necessidade de reconstrução humanizada de um povo que ainda é tratado com subalternidade, ao afirmar que “são suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular.” (Carneiro, 2011, *online*). Assim como as personagens femininas de *Ponciá Vicêncio*, “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca.” (Carneiro, 2011, *online*), afinal, nunca foram

tratadas como seres humanos e, atualmente, isso ainda é uma realidade. Carneiro (2011, *online*) ainda ressalta que, como nunca tivemos igualdade de direitos, é necessário que sejamos de fato humanos em plenitude, com possibilidades e oportunidades, sem diferenciação de gênero e raça. A escrita de Conceição Evaristo busca exatamente isso, humanizar as mulheres negras pela escrita das vivências, representando-as como passíveis, não somente de sofrimento, pela violência, mas de sonhos, amor, afetos, entre outros sentimentos e características humanas.

A partir do que foi exposto, no primeiro capítulo, apresentaremos Conceição Evaristo e os lugares que ela ocupa no cenário literário, social e acadêmico. Outrossim, a escrita da autora será destacada por características literárias, projeto estético e o que mais se encontra com denominação enquanto parte da literatura contemporânea negra-brasileira. Ademais, traremos o conceito “escrivência”, a partir da própria criadora, bem como de pesquisadores literários, o que vai corroborar no decorrer desta pesquisa. Nesse mesmo capítulo, no sentido ainda de identificar a escritora como afro-brasileira, alguns pesquisadores foram consultados no afã de compreender a identidade literária de Evaristo. Outro fato importante constante neste capítulo é a importância dos movimentos sociais para instigar as pessoas negras a acessar e produzir suas próprias escritas, tendo a contribuição especial da série *Cadernos Negros*. Finalizando o capítulo, apresentamos um *corpus* da fortuna crítica de Evaristo que ainda analisa os estereótipos e violências sofridas pelas mulheres negras.

No segundo capítulo, debruçamo-nos a uma Literatura negra e a escrita de Conceição Evaristo, rumando a uma plenitude da escrita negra contrapondo os estereótipos que marcaram as mulheres negras. Ademais, buscando ressaltar outras características como contra estereótipos, no sentido de desfazer as histórias inventadas pelo colonizador. Para isso, utilizamos algumas teorias essenciais para a discussão desses fatores que criaram imagens negativas da população da diáspora negra. Alguns termos ligados à população negra são aqui explicitados em contribuição às nossas reflexões, como movimento revolucionário em busca de uma identidade negra, orgulhosa para os seus pares. Nesse contexto, dar-se-á a corroboração para a contraposição dos demarcadores negativos em relação aos positivos, culminando, ao nosso ver, na resistência e reivindicação à dignidade presente e do porvir negro.

Ademais, o propósito do segundo capítulo foi analisar as personagens femininas negras do romance, Ponciá, Biliza, Maria Vicêncio e Nêgua Kainda, no intuito de demonstrar como essas mulheres, em suas vivências, promovem o resgate das humanidades, contrapondo os costumeiros estereótipos, bem como esse contexto vai contribuir enquanto

resistência de uma coletividade negra. Mostraremos que as vivências das mulheres negras do romance, quer sentimentos, características, entre outras experiências corriqueiras, como: arte, música, religiosidade são representatividades do povo negro, voltados para o resgate do que há de humano e de resistência.

2 DA VIDA À PALAVRA: “DE MÃOS DADAS” RUMO À CONSTRUÇÃO DA LITERATURA NEGRA

Figura 3 Conceição Evaristo - por Isabela Kassow



Fonte: <https://vermelho.org.br/2018/05/19>

2.1 Biografia e a escrita de Conceição Evaristo

Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada por minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredito ser verdadeira. Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filho da senhora tal, que seria ela. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra. (Conceição Evaristo, 2009)

Quisera fosse possível colocar o texto completo aqui, por conta do prazer estético e poético provocado. Não sendo possível, apresentamos a autora do romance *Ponciá Vicêncio*, mais formalmente. Maria da Conceição Evaristo de Brito, mulher negra-brasileira, nascida

numa favela de Belo Horizonte, Minas Gerais, professora aposentada do município do Rio de Janeiro - RJ, escritora consagrada e respeitada na cena literária de âmbito nacional e internacional. Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Vencedora do Prêmio Jabuti, em 2015, e, em 2019, foi considerada a Personalidade Literária do Ano pelo mesmo prêmio. No ano de 2023, fundou a *Casa Escrivência*, no município do Rio de Janeiro - RJ, modificando, certamente, o cenário social das mulheres negras, principalmente das que se propõem a adentrar no mundo da leitura, crítica e escrita literária. Nesse sentido, destacamos que Evaristo está inserida na chamada literatura afro-brasileira.

Conceição Evaristo costuma enfatizar em suas entrevistas que o ambiente em que viveu na infância não era rodeado de livros, mas de palavras, isto é, a tradição oral reinava ali, assim como na de nossos ancestrais negros. Era pela oralidade que se passava o conhecimento para além das salas de aula. As palavras é que ocupavam os vazios de muitos momentos e, inclusive, dos bens materiais. Por isso, a convivência tão próxima e apaixonada pelas palavras, de maneira em que a escrita surge não manipulando, mas brincando com elas.

Das produções literárias de Evaristo, apresentamos as capas de algumas que nos comove, iniciando pelo romance que contém o objeto deste estudo, *Ponciá Vicêncio*, que foi traduzido, até o momento, para inglês e francês, em 2007 e 2015, respectivamente. O romance narra a trajetória da protagonista Ponciá Vicêncio, desde a infância até a vida adulta, período em que vive com sua família nas terras que pertenciam aos antigos senhores de seus ancestrais, em um contexto pós-escravidão. Em busca de melhores condições de vida para si e para os seus, Ponciá migra para a cidade grande, onde se depara com a exclusão social e o racismo, vivências que a conduzem a frequentes estados de ausência e silenciamento de si mesma.

Figura 4 Capa Ponciá Vicêncio (2003)



Figura 5 Capa Ponciá Vicêncio (2017)

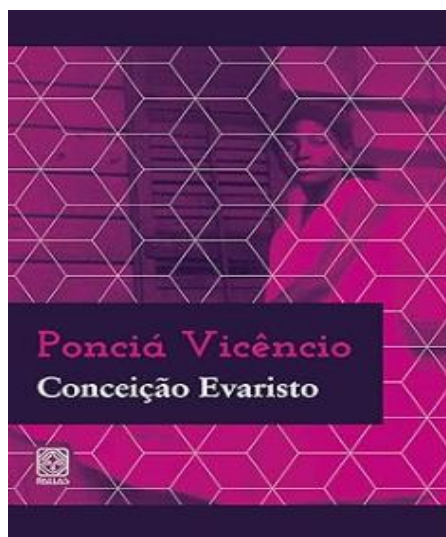


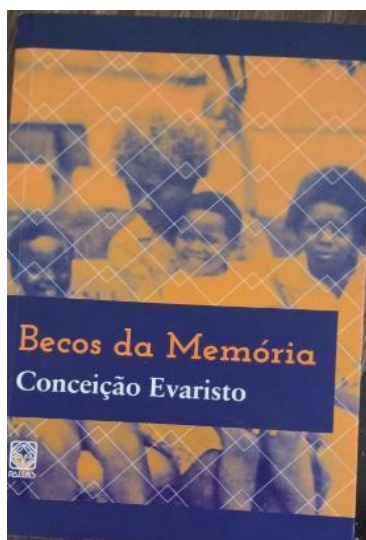
Figura 6 Cartaz Espetáculo baseado na obra Ponciá Vicêncio (2024)



Acima, cartaz da peça teatral baseada no romance *Ponciá Vicêncio*. Divulgação no Instagram oficial da escritora Conceição Evaristo. A “Adaptação cênica para o clássico da escritora, leva à cena as peculiaridades da “escrevivência” em diálogo com a referência negra feminina nas recordações da autora”, Temporada de 25 de julho a 18 de agosto de 2024, no SESC Copacabana, Rio de Janeiro.

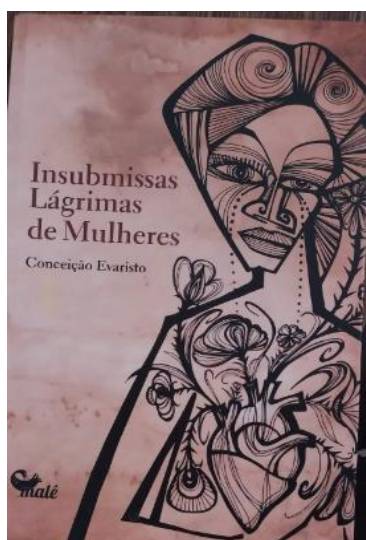
A seguir, as capas do romance *Becos da Memória* (2006) e o livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011):

Figura 7 Capa do Livro Becos da Memória (2006)



Fonte: Fotografia do Arquivo pessoal Fonte: Fotografia do Arquivo pessoal

Figura 8 Capa do Livro Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2011)



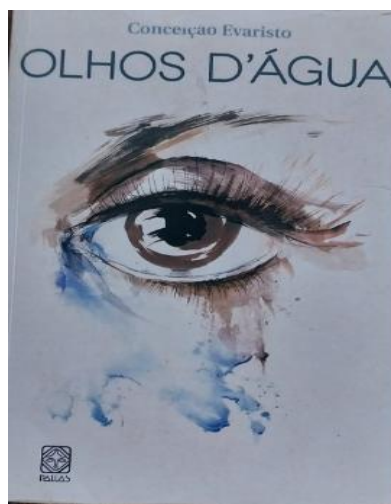
Fonte: Fotografia do Arquivo pessoal

No livro [...] “*Becos da memória* diversas histórias se entrelaçam contando do dia a dia numa favela prestes a ser destruída na área central de Belo Horizonte. O olhar da protagonista Maria-Nova prevalece no texto, embora a narrativa se apresente por vezes em terceira pessoa e conte sobre a vida das outras personagens. É à Maria-Nova que as pessoas da favela recorrem para contar suas memórias” (Araújo, p. 1, 2019).

Insubmissas lágrimas de Mulheres (2011) é uma obra composta por contos, tendo como protagonistas mulheres negras, em que Evaristo leva-nos a conhecer essas mulheres, suas resistências e o poder de se reinventarem em seus contextos.

Ademais, abaixo apresentamos a capa de *Olhos D'Água* (2014), outro livro da escritora, composto por 15 (quinze) contos, construídos com linguagem popular e extremamente poéticos, característicos da escrita de Conceição Evaristo.

Figura 9 Capa do Livro Olhos D'Água (2014)



Fonte: Fotografia do Arquivo pessoal

A seguir, apresentamos a capa do livro *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2008), obra na qual a autora nos presenteia com uma seleção de seus poemas. Tal fato não constitui surpresa, uma vez que Conceição Evaristo, além de possuir uma escrita marcadamente poética, sempre se dedicou também à produção de poemas.

Figura 10 Capa do Livro Poemas da Recordação e outros Movimentos (2008)



Fonte: <https://www.editoramale.com.br>

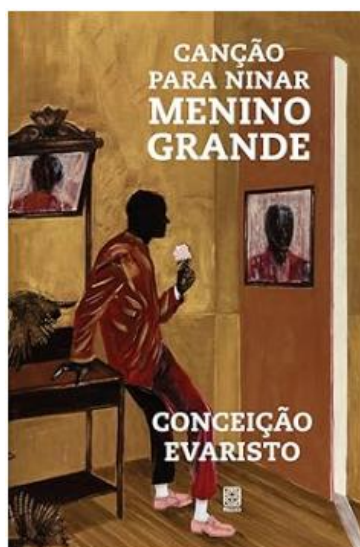
Neste momento, apresentamos as capas das obras *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016) e *Canção para Ninar Menino Grande* (2018). A primeira é composta por doze contos e uma novela, em que Conceição Evaristo aborda temáticas como a ancestralidade e a oralidade afrodescendentes, elementos recorrentes em sua produção literária. Já a obra publicada em 2018 foi incluída na lista de leituras obrigatórias da FUVEST a partir do vestibular de 2026. Com uma narrativa marcada pela polifonia, a novela narra a trajetória de Fio Jasmim, um homem conhecido por sua beleza e poder de sedução.

Figura 11 Capa do Livro *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016)



Fonte: <https://www.amazon.com.br>

Figura 12 Capa do Livro *Canção para Ninar Menino Grande* (2018)



Fonte: <https://www.amazon.com.br>

Finalizamos nossa lista com a capa do livro *Macabéa, Flor de Mulungu* (2023) seguida por uma foto de Conceição Evaristo no dia do lançamento na Flip do mesmo ano. A obra trata de uma espécie de releitura da personagem de Clarice Lispector, em *A Hora da Estrela*.

Figura 13 Capa do Livro *Macabéa, Flor de Mulungu* (2023)

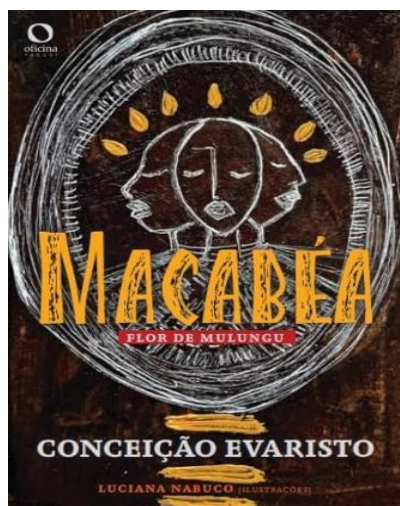


Figura 14 Conceição Evaristo no dia do Lançamento do referido livro, na FLIP



Fonte: <https://www.africas.com.br>.

No conjunto de sua obra podemos encontrar diversos outros textos como: Antologias, Críticas, textos individuais e em parceria.

Na arte literária, Evaristo publicou pela primeira vez nos *Cadernos Negros*, espaço voltado para as artes existente desde a década de 1970, fundado por um grupo de estudantes negros, coletivo intitulado *Quilombhoje*, cujo intuito era visibilizar a voz de artistas negros no campo da literatura e de outras artes.

Enquanto pesquisadores, por um lado, acreditamos ter prazer e sorte em pesquisar a obra de Conceição Evaristo, já que ela está viva e lançando produções diversas, ampliando, para além de narrativas escritas, poemas e crítica literária; inclusive, podemos afirmar que Evaristo possibilita a ampliação das nossas perspectivas sobre teoria e crítica literárias nas universidades brasileiras, quando nos voltamos ao seu conceito mais conhecido: “escrevivência”. Por outro lado, a nossa tarefa é árdua, diante da intensidade de produção, ainda mais que essa escritora também se dedica a vários campos, como já dito anteriormente.

Na teoria, a autora assina o termo *escrevivência* que, atualmente, circula pelos espaços acadêmicos, abarcando, além de suas obras, as de outro(a)s autores negro(a)s. O referido termo, grosso modo (haja vista ser um conceito chave que será devidamente desenvolvido no decorrer desta dissertação), indica escrever a vivência, e leva-nos a refletir sobre a possibilidade da promoção, tanto da consciência dessas diferenças como da possibilidade de mostrarmos-nos mais humanos, com direitos às condições humanas outras que nos foram roubadas como: afeto, amor, sonhos e até a maternidade etc. Nesse direcionamento, Evaristo enfatiza:

A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte de sua condição de escravizada. E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”. E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. (Evaristo, 2020, p. 29-30)

Talvez, na perspectiva de tornar vivo o referido conceito, atualmente, Evaristo mora no Rio de Janeiro e conduz a Casa da *Escrevivência*³, espaço cultural localizado naquela cidade, que comporta o acervo artístico e livros da escritora e promove diversos eventos. Além disso, a escritora é, frequentemente, convidada a promover palestras, bem como a conceder diversas entrevistas, sendo uma importante referência literária nacional e internacional.

³ “O objetivo da Casa é manter o acervo artístico e livros da Conceição e também ser um local para pesquisa sobre a literatura negra. Conceição conta que a abertura da sede temporária é o início da realização de um sonho.” (Rodrigues, 2023).

Figura 15 Frente do Espaço Cultural Casa da Escrivência - Rio de Janeiro



Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br>

Esta última imagem mostra Conceição Evaristo defendendo o enredo intitulado: *À Flor da Terra – No Rio da Negritude entre Dores e Paixões*, na Sapucaí, pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, no Carnaval no Rio de Janeiro, em 2025.

Figura 16 Conceição Evaristo no desfile da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira - Carnaval do Rio de Janeiro 2025



<https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/conceicao-evaristo-defende-enredos-afro-na-sapuca/>

Consideramos destacar que, a partir desse e de outros movimentos, Conceição Evaristo inspira muitas mulheres negras, bem como foi e é inspirada por outras, a saber, as mulheres de sua família, principais e primeiras, além de sua ancestralidade referenciada por ela, seguidas por outras como: Carolina Maria de Jesus que inspirou, inclusive, sua mãe a escrever diários; Ângela Davis, escritora e mulher negra muito respeitada pela luta feminista negra; na atualidade, Conceição Evaristo destaca as pesquisadoras com quem se reúne no Congresso de Pesquisadores Negros e, ainda, Lélia González, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro, autoras que comporão, entre outras, o arcabouço teórico deste texto dissertativo.

Destacamos um trabalho interessante que Conceição Evaristo se dedica no momento e que dialoga com esta pesquisa, é o da reedição da obra de Carolina Maria de Jesus, na qual a autora procura mostrar Carolina para além do seu lugar de moradora de favela e catadora de papel. Nossa escritora afirma, em uma entrevista ao Programa Roda Viva (2013), que o objetivo da equipe de reedição é o de enfatizar “a escritora”, inclusive insistindo que “a fome que Carolina falava em *Quarto de Despejo* não era só uma fome física”. Ouvimos essa fala como uma mensagem estimulando-nos a olhar as mulheres negras de outra forma, que não a que está posta e estereotipada. Afinal, enquanto mulheres negras, queremos mais do que comoções pelas nossas dores. Assim como na canção “Amarelo” de Emicida (2019):

[...] Permita que eu fale
 Não as minhas cicatrizes
 Achar que essas mazelas me definem
 É o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir, aí

Considerando a atuação de Conceição Evaristo, particularmente original, cabe aqui refletir sobre a qual literatura esta escritora pertence. Dizer que Evaristo pertence a Literatura Brasileira seria desprezar todas as suas características peculiares e inovadoras. É fato que qualquer escritor literário brasileiro que produza no Brasil está situado na Literatura Brasileira. Porém, não só Evaristo, mas muitos escritores literários possuem características para além disso. Todavia nos dedicamos a comentar e refletir sobre a escritora, sobretudo por sua escrita diferenciada e relevante, tanto para leitores “comuns” quanto para a academia. Em meio às reflexões sobre sua própria escrita, escrevendo vivência/existência, Evaristo apresenta o ambiente do qual ela retira personagens e enredo para transpor à sua obra, ressaltando a necessidade que tal contexto tem de ser ouvido, quando apresenta o seguinte relato:

Na origem de minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para as outras a suas mazelas assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! [...] Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de

uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens, seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente, para apoiá-los depois. Talvez por isso, tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isso, não afirmo (Evaristo, 2007, apud Duarte, 2018, p. 155)

É por isso, também, que sua obra, majoritariamente, seja composta por protagonistas negras femininas e que são sobrepostas à violência sofrida, bem como apontam para ousadia e resistência, características diferenciadas dentro da Literatura brasileira. É possível, ainda, perceber que o leitor de suas obras vai se deparar com denúncias das injustiças raciais e sociais pelas quais os brasileiros afrodescendentes sofrem, porém, isto é colocado com sensibilidade poética. Digamos que sua denúncia vai além, porque o leitor encontra ternura que o envolve emocionalmente, mas reflete sobre a realidade apresentada. Os personagens negros são apresentados com a humanidade devida e negada pela historiografia.

Falar sobre Conceição Evaristo sem conhecer o conceito *escrevivência* é omitir muito do que é a escritora, é saltar grande parte do que ela se tornou, afinal, o seu legado foi tecido por ela pela sua experiência de vida – o experimentar a vida é fio condutor do que hoje temos como *escrevivência*. Principalmente para as mulheres negras brasileiras, o referido termo é responsável pelo viver literatura pela escrita negra, tanto para quem escreve, quanto para quem aprecia, é contexto de vivência da mulher negra.

O termo *escrevivência* cunhado por Conceição Evaristo, caro a esta pesquisa, pode ser compreendido como escrever a vivência; que é o que a escritora se dispõe a fazer em toda a sua obra, proporcionando voz principalmente às mulheres negras, pelas personagens femininas. Em sua obra, a *escrevivência* acontece pela tomada de posse das vozes silenciadas desde o período escravocrata. O que antes era conhecido apenas pela perspectiva do colonizador, agora surge pela voz das mulheres negras. Não é mais pelo olhar da patroa que a empregada doméstica é vista e sim por sua própria perspectiva e, assim, a história vai sendo reescrita. Pensado como um fenômeno da diáspora, portanto, universal para a população negra, atentemos para o que Evaristo descreve como a imagem fundante da *escrevivência*. Tal contexto possibilita reflexões sobre como fomos tão silenciados ao ponto de seguirmos resistindo pela própria imposição do silêncio:

A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte de sua condição de escravizada. E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para

cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”. E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo (Evaristo, 2020, p. 29-30).

O termo *escrevivência* é importante para que possamos pensar a nossa própria existência, enquanto pessoas negras brasileiras, principalmente mulheres negras, sem direito às próprias vozes, e todos os herdeiros de um período escravocrata. É necessário que tomemos consciência do nosso existir diferenciado, porque assim é como somos tratados, como diferentes. Sentimos as dores e parece que somos reconhecidos somente por elas e, nessa perspectiva, muitas vezes somos desumanizados. Escrever as vivências promove tanto a consciência dessas diferenças quanto a possibilidade de nos mostrar mais humanos, com direitos das condições humanas outras que nos foram roubadas, cito: afeto, amor, maternidade, etc. Até a nossa própria voz não nos pertencia, mas:

[...] por um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (Evaristo, 2020, p. 30).

Maria Aparecida Andrade Salgueiro, pesquisadora e professora de Literatura e Cultura Norte-americanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, realizou uma atividade muito potente, na qual foi possível destacar os aspectos considerados fundamentais das *escrevivências* (2020, p. 108):

1. Três aspectos que caminham juntos: “ter sempre se sabido negra”, tal como presente em tantas entrevistas e escritos, afirmação que, além de ser em sua essência um marcador ato político, se soma em sua natureza a dado de atemporalidade, que remete à ancestralidade, aos
duros/inomináveis tempos dos porões dos navios;
2. Os sempre presentes marcadores de classe e gênero;
3. A oralidade, como ponto de partida para a representação da voz do cotidiano, e com especial valorização da escuta das vozes femininas ainda sub-representadas e tantas vezes contestadas;
4. O duo memória-família: o trauma e a memória, escritas do corpo negro pela arte da palavra, inscritas no poder de narrar do sujeito negro;
5. O combate ao racismo;
6. A resistência e a resiliência;
7. A síntese poética final

Consideramos importante apresentar esses aspectos, já que temos suas materialidades, principalmente no romance aqui analisado. A construção da narrativa de Ponciá Vicêncio contempla todos os aspectos apresentados acima, o que nos faz perceber que a estratégia da autora é também nos fazer entender o que é a escrevivência na prática literária. A questão de “ter sempre se sabido negra” vai aparecer de forma política em qualquer entrevista que assistimos ou lemos da escritora, emergindo estrategicamente em toda a sua obra. Ainda não sabemos de nenhuma escrita de Evaristo que não se coloca como mulher negra engajada na situação histórica e social do povo negro.

Como exemplos, apresentamos abaixo trechos do romance que mostram marcadores de gênero e classe. Em *Ponciá Vicêncio*, o relacionamento da protagonista com o marido representa um contexto muito comum da mulher negra brasileira em que, após os dois passarem a morar juntos em um barracão, continuam uma rotina de pobreza e de violência doméstica, quer física ou psicológica:

O homem de Ponciá [...] se lembrava, a cada esforço, do barraco onde moravam e que flutuava ao vento. Ao ver a mulher tão alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (Evaristo, 2017, 19).

No romance ainda temos questões de classe e gênero, mostrando a protagonista como trabalhadora doméstica, bem como a prostituta Biliza – pela qual Luandi, irmão de Ponciá era apaixonado – que, anteriormente, tivera como profissão a mesma de Ponciá. Biliza passou a trabalhar como prostituta, após de ter seu dinheiro roubado pelo filho da patroa, depois, foi assassinada por Negro Climério:

Negro Climério havia matado a moça. Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval. Luandi tremia. Negro Climério havia matado sua Bilisa-estrela. Matou a mulher! Matou a sua mulher! Matou a mulher que ia ser tão feliz. Não, não era verdade! Negro Climério era perigoso mesmo. (Evaristo, 2017, 97)

Ao longo desta dissertação, aprofundaremos os aspectos abordados por Salgueiro (2020), especialmente no que se refere à visibilização de características das pessoas negras que vão além dos estereótipos habituais, abrangendo outros elementos constitutivos da escrevivência. Destacamos, contudo, nossa percepção de que a estética literária da escritora Evaristo apresenta particularidades próprias, as quais serão discutidas ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Ao refletirmos sobre uma possível irmandade ou confraria no contexto do termo *escrevivência*, deparamo-nos com alguns impasses, uma vez que o conceito mais amplamente difundido é o de *sororidade*, entendido como a união entre mulheres. No entanto, torna-se evidente que tal noção não contempla plenamente as mulheres negras, considerando que, histórica e socialmente, essas experiências são marcadas por feridas distintas. É sabido que a mulher negra ocupa um lugar de maior vulnerabilidade e sofrimento, o que impossibilita a equiparação entre a dor vivida por mulheres brancas e a dor vivida por mulheres negras. O emblemático discurso de Sojourner Truth, intitulado “E não sou eu uma mulher?”, proferido em 1851 por uma ex-escravizada, evidencia esse lugar de dor extrema atribuído à mulher negra, ao apontar as lacunas de um feminismo que não oferece o amparo necessário para abarcar suas especificidades. Djamila Ribeiro (2018, p. 34), em *Quem tem medo do feminismo negro?*, retoma esse discurso para reafirmar a denúncia feita por Sojourner naquele período: “já anunciava que a situação da mulher negra era radicalmente diferente da situação da mulher branca. Enquanto àquela época, mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para ser consideradas pessoas”.

Faz-se necessária uma outra forma de empatia — aquela que una, fortaleça e empodere o coletivo das mulheres negras. Conceição Evaristo alcança essa união de trajetórias por meio da criação e vivência plena da *escrevivência*, que funciona como uma rede de apoio e resistência. Nesse contexto, Vilma Piedade (2017) propõe um conceito que contempla as experiências das mulheres negras a partir de suas vivências compartilhadas, reconhecendo que nossas dores se assemelham e dialogam diretamente com a proposta de Evaristo. Para sustentar essa abordagem, a autora apresenta dados que evidenciam a dor comum e o apagamento histórico que nos atravessam:

Em dez anos (de 2005 a 2015), o índice de homicídios de não pretas caiu 7,4%. Já entre as Pretas, cresceu 25%. Outro número da mesma pesquisa: 65,3% das mulheres assassinadas no Brasil, em 2015, eram Pretas. Diante das trágicas estatísticas, dessa Dororidade histórica, precisamos praticar cada vez mais a Sororidade. Fortalece a todas nós. Mulheres, Pretas, brancas. Dororidade trata no seu texto, subtexto, das violências que nos atingem a cada minuto (Piedade, 2017, p. 14).

Ressaltamos que não é nossa intenção aprofundar as questões de dados de violências para com a população negra, nem, especificamente, com as mulheres negras. Tais dados serão apresentados somente para elucidar o texto apresentado. Temos consciência da importância desses dados, porém o objetivo deste trabalho é fazer emergir as características para além das cicatrizes, infelizmente, reais e costumeiras, como já especificado ao anunciar os objetivos

desta dissertação. Isto não impede que tenhamos nossos posicionamentos políticos em relação a esse contexto.

Foi a partir de uma percepção de que a sororidade não contempla nosso contexto negro que Piedade, pensando em outra direção, apresenta um novo conceito que:

carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, têm um agravo nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados (Piedade, 2017, p. 17).

Ademais, esse novo conceito “já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor – mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor (Piedade, 2017, p. 17).

Por meio da estratégia literária da escrevivência, Conceição Evaristo desenvolve um estilo de escrita que possibilita a emergência de uma narrativa negra ancorada nas experiências do povo brasileiro historicamente escravizado. A seguir nos debruçamos nessa escrita de pessoas negras, ainda chamada de Afro ou Negra-Brasileira, buscando contribuir para a visualização de um *corpus* robusto e consistente, principalmente, composto pela obra de Evaristo.

A pesquisa sobre a obra de Conceição Evaristo revela uma variedade de reflexões, muitas vezes divergentes entre si. Tal heterogeneidade pode estar relacionada ao fato de a autora estar em plena atividade criativa, o que dificulta a apreensão total de sua produção por parte da crítica. Nesse sentido, torna-se necessário recorrer a uma abordagem crítica distinta daquela proposta pelo cânone tradicional, a fim de compreender adequadamente a complexidade de sua obra.

Entre os estudiosos da obra de Conceição Evaristo, destaca-se Duarte *et al.* (2018, p. 1), ao afirmar que ela é “uma escritora que, a cada novo livro, amplia sua presença na cena literária brasileira contemporânea e consolida sua projeção internacional”. Nesse contexto, outros textos críticos apontam que a escritora transita pela classificação *Bildungsroman*, gênero de origem alemã, especialmente na obra *Ponciá Vicêncio*. Essa leitura se justifica pela trajetória da protagonista, marcada por sucessivos abortos e processos de anulação de si, cuja narrativa acompanha seu desenvolvimento desde a infância até a vida adulta. O termo alemão, tradicionalmente associado ao chamado romance de formação, é aqui mencionado apenas de forma introdutória, uma vez que não se pretende, neste trabalho, confirmar ou refutar tal classificação na obra de Conceição Evaristo.

De acordo com Duarte:

Sua obra está marcada por uma poética da alteridade comprometida com a crítica social, a história dos afrodescendentes, a ancestralidade cultural, ao lado de profundas reflexões sobre a mulher. Daí, seus protagonistas – Ponciá, Alírio, Maria, Davenga, Natalina – figurarem como porta-vozes de um coletivo marcado pela violência cotidiana perpetrada no asfalto e nas comunidades periféricas das grandes cidades: vítimas da mal disfarçada opressão ainda hoje imposta ao povo negro, e representadas de acordo com a melhor tradição da literatura da diáspora negra no Ocidente. (Duarte *et.al*, 2018, p. 2)

Com isso, percebemos que a estética literária de Evaristo, consegue levar ao leitor o seu compromisso com sua própria história, por ser mulher negra e, portanto, envolvida com o contexto sócio-histórico, marcada pela forma como são tratados os negros afrodescendentes. A ancestralidade do povo negro, por certo, está presente em suas obras, mesmo que alguns não percebam por falta de conhecimento no assunto. Inclusive, podemos responsabilizar alguns textos de Conceição Evaristo pela primeira experiência com heranças culturais e religiosas africanas.

Passado o momento biográfico e busca por saber em qual literatura Conceição se encaixa, partiremos para um recorte da fortuna crítica que prioriza o foco em violências e outros marcadores que chamamos de negativos, como: exclusão, silenciamentos entre outros que ainda são recorrentes quando da identidade das mulheres negras. Lembrando que a obra de Conceição Evaristo apresenta, recorrentemente, um prazer estético, com a totalidade de cada narrativa, algo de esperança-revolucionária pela resistência do protagonismo das personagens femininas negras.

A princípio, o critério para a escolha da fortuna crítica da obra *Ponciá Vicêncio* surgiu a partir de experiências pessoais e coletivas do contato com literaturas diversas, nas quais era comum encontrar personagens negras com aspectos identitários focados nos estereótipos que, frequentemente, são atribuídos à população negra escravizada e a seus descendentes. Ainda é recorrente personagens negras estereotipadas na literatura brasileira e, raramente, o foco está em características positivas, pois racismo e estereótipos ultrapassados ainda são enfatizados, perpetuando uma identidade desumanizadora à referida comunidade. A princípio, questionar a sociedade contrapondo os estereótipos atribuídos à população negra escravizada e de seus descendentes é um dos propósitos deste texto.

Algo não tão comum, mas possível, ocorreu durante a seleção da fortuna crítica de Conceição Evaristo, especialmente na busca por personagens negras marcadas por identidades estereotipadas. Embora essa recorrência tenha sido identificada, ao se tratar especificamente das personagens do romance *Ponciá Vicêncio*, a tarefa tornou-se mais complexa. Isso se deve ao fato de que tais personagens são construídas a partir de traços que

evidenciam resistência, protagonismo e, de certo modo, aspectos revolucionários que visam resgatar as humanidades historicamente negadas à população negra. Diante disso, o projeto inicial passou por uma leve reformulação, visto que já não era possível atribuir ênfase exclusiva à perpetuação de estereótipos. Cabe destacar que, ao tratar da identidade negra, os estereótipos estão sempre presentes, pois integram a trajetória histórica desse grupo social; no entanto, o foco deste estudo recai sobre o propósito com que tais marcas são inscritas na narrativa.

A partir das observações realizadas ao longo da pesquisa, foi possível selecionar uma fortuna crítica com base em critérios específicos: artigos, dissertações e teses disponíveis na Plataforma CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e na BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). Para tanto, foram selecionados trabalhos produzidos entre 2003 — ano de lançamento da obra em destaque — e o primeiro semestre de 2024, com foco nas personagens femininas negras do romance *Ponciá Vicêncio*. Aproveitou-se, ainda, parte da fortuna crítica reunida no projeto inicial, que proporcionou uma análise relevante acerca das representações negativas e estereotipadas de mulheres negras, as quais, à época, despertaram nosso olhar crítico. Foram priorizados os estudos que abordassem formas de violência contra a mulher negra — física, psicológica, social, entre outras —, como racismo, abuso, objetificação da mulher negra e privação da maternidade. No que se refere aos descritores positivos, o esforço concentrou-se na identificação de palavras-chave que expressassem resistência e aspectos humanizadores da experiência do povo negro.

Matos (2017), em seu artigo “O amor e o abuso em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo”, busca compreender como a “construção social do amor se conecta à manutenção do relacionamento abusivo na [...] (2017, p. 127) referida obra, e debruça-se sobre o tema violência da mulher, pela qual a protagonista Ponciá Vicêncio sofre, vivendo um relacionamento abusivo com o seu marido. Felizmente, nas considerações finais, a pesquisadora afirma que “Ponciá Vicêncio traz consigo a herança de seus ancestrais, esse legado representa sabedoria, mas também expressa muita dor e sofrimento” (2017, p. 163), destacando os elementos dor e sofrimento acima de qualquer outro sentimento.

De qualquer forma, percebemos que a constatação da presença da sabedoria pela herança de ancestrais somente acontece depois de muito sofrimento passado pela protagonista. E, mais uma vez, é notório o destaque às dores e violências sofridas. A população negra resiste, e quando se trata de resistência, claramente o contexto é de dor e da morte da maioria desse povo.

Sobre a mulher negra como objeto, percebemos uma questão de interseccionalidade, isto é, machismo e sexismo em intersecção com o racismo, já que toda a população negra sempre foi tratada como objeto, iniciando com os tráficos negreiros. Porém, a agrura maior se encontra no fato da perpetuação da objetificação da mulher negra.

A respeito dessa temática, trouxemos as reflexões apontadas no texto de Hermes e Umbach (2022), que trata da mulher negra como objeto, intitulado “À sombra da colonialidade: a violência em ‘The welcome table’, de Alice Walker e ‘Duzu-Querença’, de Conceição Evaristo”. Os pesquisadores procuram compreender as encenações de violências que perpetuam o histórico de uma matriz colonial de poder (2022, p. 105). Entre variadas questões, a privação da maternidade dessas mulheres é outro ponto discutido com o amparo de Ângela Davis, no contexto dos Estados Unidos (2022, p. 111). Interessante observar que os autores do texto consideram que as duas personagens dos contos analisados, “vivem à sombra da colonialidade, os fios que costuram as suas histórias de vida são tecidos pela colonialidade e, nessa leitura, suas mortes são causadas pela arquitetura de poder da colonialidade que se manifesta pelo racismo e pelo sexismo.” (2022, p. 128).

Durante a análise, umas das conclusões dos pesquisadores é a percepção das “sombras da colonialidade cruzando as dinâmicas de socialização e a tessitura das subjetividades” (2022, p. 128), levando-nos a enxergar que as mulheres negras são impedidas de demonstrar suas verdadeiras identidades.

Dentro deste recorte dos demarcadores de estereótipos, apresentamos o último texto selecionado, tecido pelo pesquisador Santos (2020, p. 06), analisando um elemento não tão antigo, mas muito conhecido que é o mito da democracia racial, em “Faces do racismo no romance *Ponciá Vicêncio*”, no qual se dedica a observar o romance de Evaristo, focando no racismo sofrido pela protagonista, constatando que ele ainda persiste no contexto brasileiro, “mitigando o direito à dignidade de mulheres negras e quebrando a premissa do famigerado mito da Democracia Racial”.

Pelo título já é possível observar o destaque à dor e sofrimento que, ainda hoje, assola a população negra. A palavra racismo causa dor pelo contexto em que foi criada, aos pés da colonialidade, a qual escravizou milhares de pessoas, partindo de um pressuposto de que o que é diferente do europeu tem menor valor humano.

Comprendemos muito bem a necessidade de lembrar e relembrar de onde viemos, bem como da nossa trajetória. Porém, nos dói fazer isso. Ao menos seja valorizado e estimulado a falar de nossas resistências e revoluções parcialmente vitoriosas. Ao menos seja

possível e divulgado todos os nossos valores humanos para que a objetificação se descole dos nossos corpos e, pouco a pouco, sejamos tratados como humanos, verdadeiramente.

Destacados alguns demarcadores negativos, passamos para o seu contraponto, demarcações positivas encontradas em estudos diversos sobre Evaristo. Outrossim, a identidade negra a partir do romance *Ponciá Vicêncio*, é a temática de Silva (2016), que se propõe a:

[...] entender de que modo a identidade étnica da protagonista é construída, estudando os caminhos de errância/exílio percorridos por ela, e como a errância se torna eixo motivador para uma busca identitária. [...] a relação da protagonista com as demais personagens, e sua contribuição para a reescrita da identidade negra de Ponciá Vicêncio. (2016, p. 08)

Em sua dissertação *Errância e reescrita da identidade negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*, a pesquisadora reflete sobre questões de sofrimentos da protagonista, o que leva a mulher negra a ser diminuída pelo seu contexto social. Porém, conclui que tudo isso fez com que outra identidade fosse revelada, diferente da que a colonialidade encobriu. O fato de o romance *Ponciá Vicêncio* estar esteticamente inserido na Literatura Afro-brasileira é um dos principais motivos identificados por Silva (2016, p. 11) já que “marcas identitárias étnicas de uma ‘errância diaspórica’” emergem, alcançando a vista do leitor.

Diante do exposto, podemos perceber que a totalidade da narrativa de Evaristo pode ser proporcionada quando enxergamos que a jornada da protagonista se assemelha à diáspora da população negra, o que contribui para a percepção identitária mais próxima do real, digamos assim. Inclusive, quando Conceição Evaristo proporciona direito à voz das suas personagens, uma outra história é possível. A voz literária pode ser a condutora da história e compositora da real identidade.

Há alguns pesquisadores que contribuem com reflexões emergentes de uma população negra, até então não conhecida. Em parte dessa fortuna crítica da escritora Conceição Evaristo e, especificamente quando se trata do romance *Ponciá Vicêncio*, percebemos o destaque de um outro perfil de mulheres negras. Como já apontado e defendido por nós, as feridas e estereótipos herdados por essas mulheres certamente aparecerão como composição de suas identidades, já que fazem parte da história – diáspora. Porém, outros demarcadores ganham destaque como mais importantes, características que atualizam suas identidades e recuperam suas humanizações.

A exemplo do que foi dito, o texto dissertativo de Souza (2018), intitulado *Imagens do negro nas obras A cor da Ternura, de Geni Guimarães e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: A reafirmação da identidade e da cultura afro-brasileiras*, analisa as representações

da identidade afro-brasileira nas obras citadas, mapeando novos modelos de representação das culturas afro-brasileiras. Para isso, Souza volta seu olhar à construção das personagens, justificando que as referidas escritoras conseguem evidenciar o que há de riqueza e influências africanas. No decorrer do texto, é possível perceber que a autora da dissertação pretende mostrar uma outra imagem que destoa da velha e estereotipada forma de caracterização do negro; uma outra identidade é convidada ao destaque.

Apontando para outras questões, Costa (2017), em sua dissertação intitulada *Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane*, analisa, especificamente, o sujeito feminino de três autoras negras que criaram personagens com características que apontam para resistência e destaca outras imagens das mulheres negras. Uma dessas é Conceição Evaristo, olhando para o romance *Ponciá Vicêncio*.

Costa (2017) lembra que os papéis sociais de mulheres brancas e negras são diferentes:

Os próprios papéis sociais são díspares. À mulher branca de família mais abastada atribuía-se a modéstia, a pureza, a ociosidade, enquanto as menos favorecidas, entre as quais se pode incluir as mulheres negras, ficavam relegadas a preconceitos como a promiscuidade, a sensualidade, a sedução e o próprio trabalho como algo pouco apreciado, na medida em que este se apresentava como fundamental para a sua sobrevivência. (Costa, 2017, p.39)

Convém ressaltar que esse contexto social afetou o acesso que essas mulheres tiveram/têm à leitura e escrita, perpetuando um aspecto de que mulheres negras sempre foram excluídas de espaços intelectuais e acadêmicos. Os papéis e contextos sociais construíram, consideravelmente, a imagem estereotipada das mulheres negras.

Outro texto que coloca em destaque a escrita literária, quando da construção de personagens, é a tese de doutorado defendida por Costa (2019): *O silenciamento da mulher negra na escrita literária de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane*, em que é realizado um estudo comparativo das obras *Ponciá Vicêncio* e *O alegre canto da perdiz*, procurando evidenciar o rompimento do silenciamento das mulheres negras, por meio da literatura. A autora da tese considera que tanto as escritoras como as personagens criadas por elas são protagonistas da ressignificação que acontece no processo de escrita, apesar de todas as dificuldades, uma outra imagem da mulher negra para ocupar os espaços de destaque na sociedade é possibilitada.

Costa (2019) dedica um capítulo a analisar as personagens do romance de Conceição Evaristo, mostrando a dinâmica social vivida por elas, constatando que o ato de viver é considerado como ato de resistência. De acordo com Costa, a protagonista se recusa a ficar no

povoado em que nasceu e parte para a cidade grande, fugindo da dependência de uma vida de escravidão, perpetuada em sua família por conta das condições pós “libertação dos escravos”. Mesmo desconhecendo o destino que a espera, ela busca uma outra forma de viver e constituir uma família com possibilidades diferentes da sua origem. A autora da tese afirma que Ponciá é acometida pelo silenciamento espontâneo como forma de resistência. Ela escolhe ficar em silêncio. Costa diz que há resistência também na atitude da prostituta Bilisa, que opta pela profissão e busca o casamento com Luandi. Outrossim, a mãe da protagonista, Maria Vicêncio é analisada como uma resistente à forma em que o período escravocrata separava os filhos de suas mães negras, criando seus filhos junto a ela.

Somente por sobreviver, a população negra possui uma representatividade de resistência, tendo em vista o altíssimo índice de mortalidade dessa população, principalmente no que diz respeito a assassinatos.

A tese intitulada *No vão da voz de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: uma poética de silêncios*, defendida por Cruz (2021), é mais um texto que se dedica a refletir sobre os silêncios tomados por Ponciá Vicêncio. Enquanto no texto de Costa (2019), a autora analisa as obras, refletindo sobre o silenciamento das mulheres negras, vistas como protagonistas de ressignificação e resistência, no de Cruz (2021), a observação se deu pela questão de o silêncio se constituir enquanto linguagem, protagonizando as linhas do romance. A autora dessa tese buscou compreender o silêncio “como movimento constitutivo do sentido e matéria primeira da significação, fundamental para a compreensão dos significados que se erguem do romance *Ponciá Vicêncio*.” (Cruz, 2021, p. 239) A análise foi conduzida voltada para autoria feminina negro-brasileira.

A questão do silêncio e do silenciamento é, em comum, analisada nesses textos como pleno de significados importantes e positivos. Esse termo surge como libertador e resistente, enquanto linguagem para o povo negro que foi, por muito tempo, somente mudo, sem nada importante a dizer, nem tampouco, sobre sua própria identidade.

Cruz (2021, p. 140) afirma que “Ao optar pelo indizível, por não traduzir seus pensamentos em palavras, Ponciá prefere mantê-los na imensidão do silêncio e se autoprotger no refúgio da onipotência do inefável”. E, a partir da leitura de Le Breton (1999), inferimos que o automutismo de Ponciá – como uma condição de resistência frente ao apagamento sistêmico e estrutural imposto ao seu povo – é uma forma de resgate identitário individual e coletivo. Portanto, é possível perceber que, apesar de toda a violência sofrida pela protagonista, existe na obra de Evaristo um propósito estético literário das mulheres

negras continuarem resistindo e possibilitarem as emergências de adjetivos que as destaque com humanidade, como evidenciado na citação que se segue:

Em *Ponciá*, a poética do silêncio significa uma pluralidade de produção de sentidos que desconstrói o silenciamento e escancara questões há muito naturalizadas e impostas às vidas e vozes negras. Assim é que, ao traduzir entre silêncios e dobras das palavras muito da trajetória de Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo exterioriza uma busca identitária que recupera muito das vivências da população afro-diaspórica no Brasil. Entretanto, é somente a partir dos silêncios que se erguem do romance, bem como do autossilêncio da personagem, que se pode apreender a significação dos sentidos vista do interior da narrativa e compreender as grandes ausências e o próprio esvaziamento dos quais Ponciá é acometida. (Cruz, 2021, p. 149)

A partir da seleção da fortuna crítica apresentada, observa-se que, conforme já era previsto, os estereótipos, as feridas e, de modo geral, as diversas formas de violência historicamente impostas às mulheres negras desde o período colonial e escravocrata permanecem presentes na literatura, mesmo quando representadas sob formas distorcidas. Contudo, há um avanço significativo na forma como se busca reconhecer e descrever resistências e processos de humanização das pessoas negras, especialmente no âmbito da literatura afro-brasileira, aspecto que consideramos de maior relevância.

Os estudos sobre o romance *Ponciá Vicêncio*, em sua maioria, abordam as personagens femininas negras sob uma nova perspectiva, distinta da representação estereotipada. Realiza-se, nesses textos, uma espécie de resgate histórico que identifica os adjetivos recorrentes atribuídos às mulheres negras, mas destaca, sobretudo, os marcadores que contribuem para a perpetuação do racismo.

Consideramos que todos os trabalhos analisados oferecem contribuições valiosas para a reflexão acerca da constituição da identidade da mulher negra. Todavia, a proposta desta dissertação é colaborar para a construção de uma identidade mais humanizada. Assim, enfatizaremos a importância de direcionar o olhar para outros marcadores mais positivos que compõem essas personagens. É nesse sentido que nos propomos a analisar os silêncios, os sonhos, os afetos e a arte — elementos que atravessam as personagens femininas de *Ponciá Vicêncio* —, em contraposição aos estereótipos historicamente atribuídos à população negra escravizada e a seus descendentes.

2.2 Literatura Afro / Negro-Brasileira e a escrita de Conceição Evaristo, fios entrelaçados em construção

No intuito de diferenciar conceitos de “Afro” ou “Negro” brasileiro para a literatura escrita por pessoas pretas, nos deparamos com discussões que se diluem com as experiências vividas, individual e coletiva pelos nossos pares. As experiências, digamos, iniciais se deram durante as travessias do oceano rumo ao desconhecido e desaguaram nas águas brasileiras se tornando um só movimento, social e artístico, particularmente, literário. A princípio, consideramos necessário tal reflexão conclusiva.

À procura de um nome que classifique a arte literária de Conceição Evaristo, escritora negra contemporânea, constatamos que estamos diante de uma Literatura contemporânea brasileira. Quanto aos conceitos “afro-brasileiro” e “negro-brasileiro” a maioria dos estudiosos pesquisados sempre apontam para a, ainda, construção dos conceitos citados, portanto, percebemos que é perfeitamente natural este contexto, já que estamos diante de uma escritora inserida em uma vertente da Literatura Brasileira em plena produção teórica e literária. Convém ressaltar que Evaristo, enquanto teórica ativa na academia, também contribui para a conceituação e nomeação da própria literatura, como veremos mais adiante.

Neste sentido, faz-se necessário trazer à tona textos que discutem tal assunto, já que a própria academia ainda não se alinhou nesse sentido, no intuito de enriquecer a discussão. Além disso, sabendo que Conceição Evaristo, autora de *Ponciá Vicêncio*, é autodeclarante negra, percebemos a necessidade de identificar em qual denominação literária sua obra pode ser inserida. Antecipamos o incômodo em precisar “encaixar” as pessoas em locais, mas lembrando que tal atitude é cobrada, pelo menos, ao que se sabe, no âmbito literário acadêmico, partimos para reflexões sobre os conceitos da Literatura afro-brasileira e/ou Literatura negro-brasileira, considerando a necessidade apontada por Silva (2023, p. 32), em sua tese, ao afirmar que as terminologias são essenciais, pois expressões amplas e generalizadas como “literatura brasileira” ou simplesmente “literatura” praticamente ignoram os diversos significados étnicos, raciais e identitários, os quais foram apagados do cânone, bem como, as vozes esquecidas e/ou marginalizadas ao longo da tradição literária.

O histórico de apagamento das produções realizadas por pessoas negras, com o objetivo de desconsiderá-las como sujeitos pensantes e produtores autônomos de conhecimento, contribui para a dificuldade que ainda persiste em reconhecer a existência de uma literatura específica. Eduardo de Assis Duarte (2008, p. 1) reforça que, diante da força e da relevância dessa produção, chega a ser perverso questionar a existência de uma afro-

literatura. Com o avanço das pesquisas, torna-se evidente a potência dessa literatura produzida por pessoas negras, marcada pela diversidade de contextos históricos e sociais que atravessa.

Personalidade contemporânea das discussões referidas, Conceição Evaristo, partindo do escopo literário da literatura brasileira escrita por pessoas negras, contribui, imensamente, para discussões sobre o assunto, a partir de sua experiência pessoal, do seu exercício de pensar sua escrita, bem como a de seus pares, histórica e literariamente. A escritora afirma “não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina” (Evaristo, 2009, p. 18). Em seu artigo *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, publicado em 2009, que apresenta “reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro. Considera[ndo] a invenção, pelos brasileiros descendentes de africanos, de formas de resistência à violação e à interdição do negro” (Evaristo, 2009, p. 17), Evaristo enfatiza a afirmação de escritore(a)s afro-brasileiro(a)s sobre a existência de uma especificidade dentro da Literatura Brasileira, isto é, existe nela um *corpus* que se destaca “por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira” (Evaristo, 2009, p. 17).

Outrossim, a pesquisa realizada por Santos e Paixão (2018) por meio do artigo “*Literatura Afro-brasileira como instrumento de construção de identidades negras*”, apresenta reflexões que surgiram a partir de oficinas de leituras de jovens de uma escola EJA (Escola de Jovens e Adultos), nas quais utilizaram obras de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. O objetivo era “identificar e problematizar as questões étnico-raciais, desmistificando imagens e discursos estereotípicos que foram pedagogicamente construídos e introjetados no imaginário coletivo” (Santos e Paixão, 2018, p. 1). Essa experiência nos mostra que textos literários como os das escritoras citadas apresentam conteúdos nos seus projetos literários que podem levar à reflexão, (re)identificação do sujeito, principalmente o que está apagado e silenciado. Estas questões caracterizam a Literatura Brasileira de vertente Afro ou Negro-brasileira. Ademais, a experiência compartilhada pelos pesquisadores ressalta a necessidade dos jovens compreenderem a importância das identidades negras, como no combate ao racismo, atentando para a origem do termo raça:

é pertinente mencionar que a perspectiva étnica busca transcender a problemática do combate ao racismo, busca uma inserção nas questões das contribuições desses povos, sejam elas materiais ou imateriais. Logo, essa problemática perpassa pela questão da base africana na cultura brasileira e sua relação com a visão histórica sócio-político dessa população com base na ancestralidade africana. É preciso que

pensemos a partir do enfoque étnico para distanciarmos das concepções biológicas que nortearam as discussões sobre raças no passado, que ainda está presente na contemporaneidade. Assim, o enfoque étnico deve ampliar as políticas públicas para além do combate ao racismo, pois devemos pensar na compreensão do campo das relações étnicas a partir de uma igualdade entre as etnias, não somente pelas ausências e negações produzidas por este racismo. (Santos e Paixão, 2018, p. 4-5)

Consideramos a relevância das atividades desenvolvidas, bem como o produto reflexivo em forma de artigo, já que os pesquisadores se empenharam em construir um “*corpus*, literário negro dentro da literatura universal”, o que nos leva a conhecer o poder da escrita negra brasileira, a qual, de acordo com Santos e Paixão (2018, p. 5) “produzem a desarticulação entre as políticas étnico-raciais e escrita e reduzem o conflito racial num conceito de opressão, tornando a literatura afro-brasileira em um projeto de libertação”. Nesse sentido, tal projeto nos remete à escrita e vivência – escrevivência, caminhando na mesma perspectiva da pesquisadora Maria Aparecida Andrade Salgueiro (2020) que, em seu artigo *Escrevivência conceito literário de identidade afro-brasileira*, afirma que:

Entre outros Autores e Autoras afro-brasileiro/as, Conceição Evaristo é hoje - não só como escritora de destaque em nossa Literatura, mas também, como intelectual negras, [...] aquela que nos brinda com uma escrita de conceito inovador nascida e produzida dentro dessa mesma Literatura, contribuindo, em meio aos avanços já mencionados do presente para o reconhecimento ampliado de valor, originalidade e relevância da Literatura Afro-Brasileira, ou Negro-brasileira, no conceito de Cuti (2010), em sua estatura firme e própria e de traços marcantes de parcela majoritária da população brasileira (Salgueiro, 2020, p. 99)

Assim, proporcionando um encontro entre Evaristo, escrevivência e Literatura Afro ou Negro-brasileira, Salgueiro (2020) afirma que a escritora aborda a segregação socioespacial nos territórios urbanos, periféricos e rurais do Brasil, analisando-a sob a ótica do racismo, das desigualdades, dos serviços precários e desumanos, da vida sem perspectivas e da falta de afeto. Sua escrita é repleta de referências culturais, destacando momentos marcantes de uma cultura que, no presente, busca se reconstruir. Esses ambientes e características podem ser identificados no romance *Ponciá Vicêncio*, como a seguir, em que é possível perceber questões sobre a segregação urbana e racial nas quais pessoas sem recursos partem do interior para a cidade grande no afã de uma vida melhor, encontrando somente a marginalização construída socialmente para a maioria pobre e, conseqüentemente, negra da sociedade. No contexto do romance, Ponciá procura uma vida melhor e, de início, encontra a escadaria da igreja como lugar para passar a noite, junto aos marginalizados da cidade grande:

Quando o trem foi diminuindo a marcha e parou na plataforma, Ponciá Vicêncio apertou contra o peito a pequena trouxa que carregara no colo durante a viagem inteira. Levantou-se aflita e olhou desesperada lá fora à procura de alguém. Não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de

antemão que não havia ninguém esperando por ela. Não conhecia ninguém, nunca viera até a cidade e todos os seus parentes haviam ficado para trás. Nenhum deles havia ousado tamanha aventura. Estava escurecendo, Ponciá não sabia bem o que fazer. Caminhou rápido e alcançou o lado de fora da estação. Quis olhar para trás, mas temeu o desejo de recuo. Olhou em frente, uma imponente catedral, com suas luzes acesas, esperava pelos crentes, no final da avenida. O relógio da matriz era enorme, de longe conseguiu ler as horas. Eram seis. Ponciá tinha então 19 anos, sendo capaz ainda de inventar sentimentos de segurança. Caminhou firme, sempre em frente, e só parou quando chegou à escadaria do templo (Evaristo, 2017, p. 31).

Assim como Ponciá, outra personagem do romance tem a sua história atrelada à história da maioria das mulheres pretas brasileiras, quanto aos sonhos e à realidade que os espera. Bilisa, a prostituta-estrela pela qual Luandi – irmão da protagonista – se apaixonou:

Viera com a ideia de trabalhar. Trabalhou muito, juntou algum dinheiro com o propósito de voltar à casa dos pais para buscá-los e os irmãos. Um dia, não se sabe como, a caixinha de dinheiro que ela guardava no fundo do armário sumiu. Sumiram as economias, o sacrifício de anos e anos. Bilisa se desesperou. Ninguém entrava em seu quarto a não ser, de vez em quando, o filho da patroa. Sim, ele era o único que entrava lá, às vezes, quando dormia com ela. Só podia ter sido ele a tirar o dinheiro por brincadeira, para assustá-la talvez. A patroa não gostou da suspeita que caiu sobre o seu filho. Quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse a brincadeira, que incentivasse o filho à investida. O moço namorava firme uma colega de infância, ia casar em breve e a empregada Bilisa era tão limpa e parecia tão ardente. Bilisa não encontrou o dinheiro e nunca mais viu o filho da patroa (Evaristo, 2017, p. 84).

São inúmeras as passagens do romance que remetem ao contexto histórico do povo negro, especialmente no que se refere ao período escravocrata e ao falso ideal de liberdade associado à assinatura da Lei Áurea. Contrariando as promessas de emancipação, a população negra foi abandonada à própria sorte, relegada à margem da sociedade, tornando-se, em muitos casos, alvo de uma marginalização sistematicamente promovida pela mesma estrutura escravocrata. No enredo, observa-se que o desejo dos moradores do povoado por uma vida melhor na cidade grande resulta em frustração diante da falsa promessa de felicidade — experiência que ecoa o desencanto vivido no pós-abolição. A liberdade concedida revelou-se ilusória, uma transição das senzalas para as favelas, ruas e presídios:

Outros e outros casos de conhecidos que saíam do povoado a caminho da cidade e eram roubados na estação de chegada. Perdiam o pouco que tinham e ali mesmo viravam mendigos. Outros não conseguiam trabalho ou ganhavam pouquíssimo e não tinham como viver. A vida se tornava pior do que na roça. Ela sabia de muitos casos tristes, em que tudo havia dado errado. Procurou se lembrar de algum que tivesse tido um final feliz. Não lembrou. Esforçou mais e não atinou com nenhum. Não esmoreceu. Relembra tanto, falavam tanto daqueles casos tristes, que até ela só se lembrava deles. Não tinha importância. O caso dela, quando voltasse para buscar os seus, haveria de ser uma história de final feliz (Evaristo, 2017, p. 33).

No trecho seguinte do romance, evidencia-se a realidade da população negra por meio de um momento de reflexão da protagonista. Essa passagem revela não apenas experiências

individuais, mas também a memória coletiva de um povo historicamente marcado pela exclusão e pela resistência:

Valeria a pena pôr filho no mundo? Lembrava-se da sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau-a-pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. E esta era a condição de muitos. Molambos cobriam o corpo das crianças que até bem grandinhas andavam nuas. Entretanto, assim que as meninas cresciam um pouco, as mães providenciavam panos para tapar-lhes o sexo e os seios. Crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupas e de alimento para compensar um salário que não bastava (Evaristo, 2017, p. 70).

Por meio do romance *Ponciá Vicêncio*, é possível identificar a presença da escrita afro-negro-brasileira, conforme apontado por Salgueiro (2020) ao analisar a abordagem literária de Conceição Evaristo. Afirmamos, inicialmente, que, para além desse enquadramento, a escrita de Evaristo se destaca, sobretudo, pela construção de imagens de pessoas negras que protagonizam — ainda que, por vezes, em papéis considerados secundários — a expressão do humano, mesmo sob o peso das feridas coloniais. Essa proposta literária mostra-se essencial diante de um contexto social e artístico marcado por sucessivos processos de apagamento identitário, decorrentes de diversas formas de violência, frente às quais os descendentes de africanos escravizados no Brasil têm buscado sustentar-se, sobreviver e reexistir, inclusive por meio das artes. Nesse sentido, Evaristo (2009) observa que manifestações culturais como a música, os jogos e a religiosidade são mais facilmente aceitos como expressões legítimas da identidade negra; no entanto, quando se trata das artes literárias, observa-se uma resistência mais acentuada por parte das elites que dominam esse campo:

Se, por um lado, tanto as elites letradas como o povo, dono de outras sabedorias, não revelem dificuldade alguma em reconhecer, e mesmo em distinguir, os referenciais negros em vários produtos culturais brasileiros, quando se trata do campo literário, cria-se um impasse que vai da dúvida à negação. Ninguém nega que o samba tem um forte componente negro, tanto na parte melodiosa como na dança, para se prender a um único exemplo. (Evaristo, 2009. p. 19)

Ademais, nossa estudiosa afirma que existe um outro discurso literário diferente do cânone branco e que, portanto, precisa ser separado e estudado como um *corpus* específico pertencente à escrita negra. Há nele algo diferenciado das “classes detentoras do poder político-econômico” (Evaristo (2009, p. 19). Assim como no seu texto literário, há outros,

escritos por pessoas negras, que colocam seus protagonistas, também negros, como pessoas que se destacam positivamente pelas suas características e identidades negras, bem como enaltecendo suas heranças culturais, herdadas dos povos africanos. São personagens como: Ponciá, Soldado Nestor, Ana Davenga, Duzu-Querença, Nêngua Kainda, entre outros, que apresentam aos leitores mais que estereótipos, pois se destacam pelo que há de humano.

Do meu lugar de pesquisadora e, sobretudo, de apreciadora das artes literárias, reconheço que a escrita de Conceição Evaristo, bem como os conceitos de literatura afro e negro-brasileira — entendida como produção de autoria negra — existem, particularmente, quando são tecidos por fios poéticos. Metaforicamente, somos conduzidos pelas mãos que entrelaçam linhas para formar ornamentos em crochê e tricô, assim como Evaristo compõe poemas e prosas, promovendo o encontro entre diferentes expressões artísticas. O fio condutor dessas produções é, invariavelmente, a memória e o aprendizado herdado dos ancestrais — verdadeiros contadores de histórias que, por meio da oralidade, deram forma à essência de nossas origens.

Pensando nesses entrelaçamentos das artes, destacamos um pesquisador que reflete sobre os “entrelaçamentos diaspóricos” a partir de obras de Conceição Evaristo, afirmando que:

As obras de Conceição Evaristo se caracterizam pela ênfase na história, na memória e nas experiências de pessoas e comunidades afro-brasileiras em Minas ou no Rio de Janeiro, no Sudeste do Brasil. Os focos principais incidem sobre a vivência da mulher negra e pobre, com as sombras e ecos da escravidão pairando sobre o presente. (Coser (2018, p. 23)

Inclusive, temos afirmações de Evaristo declarando que sua escrita se faz com base numa identidade feminina e negra, ou seja, em sua “condição étnica e de gênero” (Coser, 2018, p. 23), remetendo às interseccionalidades presente em sua obra, a princípio, com essas duas questões.

Dando continuidade às discussões sobre a necessidade de nomear a escrita literária pesquisada neste texto, frequentemente, nos deparamos com textos que procuram sustentar a ideia de que a arte é universal, sugerindo que não há necessidade de separar. Isto nos remete ao velho e preconceituoso pensamento de que todos somos humanos, ideia perigosa de se apegar ou sustentar, pois beira a uma espécie de negação da existência de multiplicidade de subjetividades. Parece que o cânone branco se sustenta pelo conceito de universalidade, dispensando a necessidade de outras classificações, por exemplo, a da escrita negra.

Citamos, novamente a memória, relevante para a revisão da história do povo negro escravizado brasileiro, a qual é bastante utilizada nas narrativas de Conceição Evaristo com

particular importância. No caso de Ponciá Vicêncio, a memória familiar é particularmente colocada como uma espécie de “transporte” utilizado para recuperar a identidade, apontando para a representatividade do povo da diáspora negra africana, pois a protagonista está em constante angústia, a partir do momento em que deixa a família e vai morar na cidade grande. Fica visível que o reencontro da família pode curar sua depressão.

Tal contexto pode ser percebido próximo ao final da narrativa, quando a protagonista está na estação e é vista pelo seu irmão, Luandi, depois de tanto tempo separados, o irmão a vê em um momento crítico de sua depressão, querendo somente rumar para o rio:

Seu olhar escorregava de um ponto a outro da pequena estação e eis que de repente capta a imagem de uma mulher que ia e vinha, num caminhar sem nexos, quase em círculo, no lado oposto em que ele se encontrava (Evaristo, 2017, p. 106).

Nesse momento, Ponciá precisava de sua família que serviria como um “transporte” à cura, isto é, condução ao rio – elemento condutor de reorientação da protagonista. Por fim, as três pessoas da família se reencontram e Maria Vicêncio (mãe) “contempla a filha”:

A menina continuava bela, no rosto sofrido, feições de mulher. [...] Maria Vicêncio se alegrou; o tempo de reconduzir a filha à casa, à beira do rio estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a substância, o húmus para o seu viver (Evaristo, 2017, p. 108).

Ademais, esses e outros aspectos nos possibilitam afirmar sobre a posição de Conceição Evaristo como escritora da diáspora no Brasil.

Ainda sobre o aspecto desse “transporte”, assim como a memória de Ponciá, em Oliveira (2018), podemos perceber o lado mais humano como o que leva à recuperação de identidade do povo preto. O pesquisador reflete sobre a prosa de Conceição Evaristo, especificamente, acerca do romance *Becos da Memória* (2006), no afã de enxergar o romance da escritora enquanto “afro-brasileiro de corte autoficcional”. Consideramos importante esse olhar, já que o estudioso nomeia diversos personagens presentes na obra, sobre os quais a sociedade contemporânea procura jogar um manto para escondê-los, quando lhe for apropriado. Personagens como: “moradores de favelas, meninos e menina de rua, mendigos, desempregados, bebedores, prostitutas, etc” (2018, p. 71), que costumam desempenhar um outro papel, para além de suas existências marginais, apontando para o que há de mais humano, rumando à recuperação de identidade do povo negro.

Em contribuição a tais reflexões, é pertinente a observação de Oliveira (2018, p. 72) no que diz respeito a outra obra de Evaristo, ao afirmar que:

Os episódios que compõem *Becos da memória* procuram aliar a denúncia social a um lirismo de tom trágico, o que remonta ao mundo íntimo dos humilhados e ofendidos, tomados no livro como pessoa sensíveis, marcas, portanto, não apenas pelos traumas a exclusão, mas também por desejos, sonhos e lembranças. Violência intimismo, realismo e ternura, além de impactarem o leitor, revelam o compromisso e a identificação da intelectual afrodescendente com aqueles colocados à margem do que o discurso neo-liberal chama de progresso.

Outro estudioso que contribui imensamente para a nossa reflexão é Luiz Silva, mais conhecido como Cuti, homem negro que, neste caso, se dedica a refletir sobre os conceitos que buscam nomear a Literatura Brasileira escrita por pessoas negras, em seu livro *Literatura negra-brasileira* publicado na *Coleção Consciência em Debate* (2010). Cuti foi um dos idealizadores e produtores dos *Cadernos Negros*, série que circula como periódico anual, editado em 1978 (São Paulo - SP), publica contos e poemas de escritores e poetas negros e é considerado o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que se reconhecem ou procuram se reconhecer em suas genuínas identidades negra. O estudioso contribui, sobremaneira, para a Literatura Brasileira, sobretudo, à Literatura de pretos.

Sobre o texto de Evaristo, Cuti (2010, p. 42) enfatiza:

de literatura negro-brasileira por conta de não descender o seu *corpus* da literatura africana. Os negros africanos que no Brasil chegaram escravizados não trouxeram em sua bagagem nenhum romance, livro de contos ou de poesia que pudessem ter servido de base para a continuidade de uma literatura afro no Brasil. Veio, sim, a literatura oral.

Ademais, Cuti (2010, p. 16), no intuito de diferenciar a literatura de Evaristo da ainda costumeira forma, pensando no contexto de escravização brasileira, afirma que:

[...] os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade.

Assim como em diversas outras esferas sociais além da cultural e literária, as pessoas escravizadas e seus descendentes foram historicamente representadas a partir de estereótipos — prática que, lamentavelmente, ainda persiste na contemporaneidade. No campo da arte literária, esse fenômeno se intensificou durante o período de construção da identidade nacional brasileira, reproduzindo a mesma lógica de exclusão observada em outras dimensões da vida social. Uma das estratégias de dominação mais eficazes consiste justamente em enfraquecer o “outro” por meio da destruição de sua autoestima, levando-o a desvalorizar suas próprias origens — como ocorre com os sujeitos da diáspora negra-brasileira.

Outrossim, a vergonha que muitos brasileiros brancos ainda sentem, de forma velada ou explícita, ao ver o país representado por pessoas negras em diferentes contextos tem sido gradualmente desafiada pelo destaque de talentos negros, especialmente nas áreas do esporte e da música. Apesar dos inúmeros obstáculos impostos pelo racismo — que, de formas variadas, busca conter o avanço da população negra no cotidiano —, novos talentos continuam a emergir em diversos campos. No entanto, o preconceito, por se tratar de uma ideia formulada antes de qualquer conhecimento real, constantemente se reinventa para manter viva sua raiz: o sentimento de superioridade racial dos brancos (Cuti, 2010, p. 23). Portanto, é fundamental atribuir a devida importância a essa dinâmica, percebendo o quanto ela é grave para a perpetuação do racismo e para a manutenção de uma lógica colonial ainda presente nas estruturas da sociedade brasileira como um todo, como afirma Cuti (2010, p. 23):

Esta arma quase sempre é usada no escuro das relações sociais. Sua ação – da mais sutil à mais brutal – tem atingido a população negra visceralmente, gerando nela a baixa autoestima e a vergonha da África (o segundo continente mais populoso do planeta), pelo seu atraso econômico e, acima de tudo, pela atuação dos meios de comunicação brasileiros que, dos 54 países, divulga repetidamente as tragédias e as misérias, deixando de se referir a outros aspectos da vida naquele continente.

Quando concentramos nosso olhar no ambiente literário, especificamente, na escrita literária, a refletir sobre o processo de criação dessa arte, compreendemos que o contexto do escritor, provavelmente, estará marcado em suas obras. Cuti (2010, p. 24-25) afirma que quando tal artista produz, manuseando as letras do arquivo de suas memórias, carrega, também, seus preconceitos, já que o escritor foi formado por tudo isso. De forma viciosa, o processo segue reforçando conteúdos existentes.

Como se faz, então, para romper esse círculo? Para Cuti (2010) isso já acontece na produção de autores negros-brasileiros quando esses artistas se dispõem a refletir sobre as relações raciais no Brasil, culminando um olhar crítico e percepção das necessidades de mudança. Esse artista busca “fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o ‘lugar’ de onde fala.” (Cuti, 2010, p. 24-25). Partindo desse pressuposto, pressupõe-se que os estereótipos ainda farão parte das obras, porém, não mais como foco negativo.

Em *Ponciá Vicêncio*, a autora utiliza de uma terceira pessoa para conhecermos o íntimo da protagonista, nos levando a entrar em contato com suas dores, seus sonhos e, mesmo quando a personagem se recolhe na loucura e em seus silêncios, não a perdemos de vista. Não sabemos da voz de Ponciá, mas sabemos dela. Ademais, a estratégia de Evaristo

leva-nos a refletir sobre o contexto do povo preto brasileiro, quando representa a dinâmica diária da família da protagonista:

Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupa e de alimento para compensar um salário que não bastava. Um homem sisudo, cansado, mais do que ela talvez, e desesperançoso de outra forma de vida (Evaristo, 2017, p. 70-71).

Além do pesquisador Cuti (2010), Eduardo de Assis Duarte (2005) integra o grupo de estudiosos que desempenham um papel fundamental nas reflexões acerca da atuação do povo preto, especialmente no campo artístico-literário. Sua contribuição é significativa no debate sobre a ausência de um corpus literário consolidado, ao afirmar que:

A inexistência de uma recepção crítica, volumosa e atualizada, bem como de debates regulares nos fóruns específicos da área de Letras, decorre desses fatores e também da ausência da disciplina “Literatura Afro-brasileira” ou Literatura Brasileira Afro-descendente” nos currículos de graduação e pós-graduação da maioria dos cursos de Letras espalhados no Brasil (Duarte, 2005, p. 114).

Nesse sentido, consideramos importante contextualizar o nascimento e continuidade de um meio fundamental para possibilitar ousadias de escritas e leituras, como a movimentação provocada pelo grupo Quilomboje, por meio da série *Cadernos Negros*, já que tal espaço é caro à nossa pesquisa, pois Conceição Evaristo teve sua primeira publicação (e continua publicando) naquele espaço literário.

Quando utilizamos o prefixo “afro” corremos o risco de incluir toda a população do continente africano, e sabemos que naquele continente há diversidade de cores de pele, inclusive branca; bem como há diversidade social e histórica diferenciadas umas das outras. Com isso, a partir da citação abaixo, percebemos certa discordância de Cuti (2010) para com o uso do termo afro na literatura escrita por pessoas pretas de diáspora africana:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil (Cuti, 2010, p. 34).

Neste ponto, constatamos a discordância de Cuti (2010), ao criticar a denominação de afro à produção literária negro-brasileira, pois acredita que:

é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais (Cutí, 2010, p. 34).

Segundo o estudioso, as expressões Afro-brasileiro e Afro-descendente são termos que levam a certo retorno à África, provocando um afastamento silencioso do contexto da literatura brasileira, passando a compor com um mero acessório da literatura africana. Entendemos que tal *corpus* literário não seria por totalidade, nem um nem outro, sem nome, sem relevância, e “como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil” (Cutí, 2010, p. 34).

Além disso, nesse contexto, o racismo brasileiro não seria combatido pela literatura africana, já que África é um continente com diversos países, inclusive com população branca, compostos por outros denominadores diferentes de pessoas negras.

Cutí (2010) explica, apontando para certa negação, culminando em um novo tráfico, desta vez, de livros:

Atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra. Ainda, a continentalização africana da literatura é um processo desigual se compararmos com outros continentes. Países com a sua singularidade estético-literária são colocados sob um mesmo rótulo. A diversidade africana mais uma vez é negada. Como em um navio tumbeiro literário são misturadas as literaturas para venda em outras partes do mundo. Essa negação das singularidades nacionais enfatiza ainda a dominação global, com roupagem de um novo tráfico, agora de livros. Africanos de hoje, em particular os literatos, ciosos da busca de reconhecimento cultural de suas nacionalidades, incluindo aí os africanos brancos, tendem a rejeitar uma identidade continental para suas obras, preferindo a caracterização nacional baseada na noção territorial geográfica. (34/35)

Nesse sentido, Cutí (2010) levanta questionamentos relevantes: “O que tais estudiosos e escritores pretendem com as expressões ‘afro-brasileiro’, ‘negro’ e ‘afrodescendente’? Será que haveria uma indiferença na terminologia, ou seja, não seria tão importante a denominação e sim o conteúdo?” O autor sugere respostas afirmativas a essas perguntas, ao observar que as seleções realizadas frequentemente repetem uma quantidade significativa de textos — entre poemas e contos. Ademais, mesmo quando uma determinada expressão aparece no título da obra, é comum que, em seu conteúdo, outras denominações sejam empregadas, muitas vezes utilizadas como sinônimos: negra, afro-brasileira e afrodescendente. No que se refere aos autores, o crítico observa que um afro-brasileiro ou afrodescendente não é, necessariamente, um negro-brasileiro:

O que tais estudiosos e escritores pretendem com as expressões “afro-brasileiro”, “negro” e “afrodescendente”? Será que haveria uma indiferença na terminologia, ou seja, não seria tão importante a denominação e sim o conteúdo? Ao que parece, podemos entender afirmativamente, pois os recortes feitos, em geral, repetem uma boa quantidade de textos (poemas e contos), além de ser comum, apesar de uma expressão no título, no interior da obra usar-se também a outra expressão, ou ambas como sinônimos: negra e afro-brasileira, além de afrodescendente. Quanto aos autores, um afro-brasileiro ou afrodescendente não é necessariamente um negro-brasileiro (Cuti, 2010, p. 36).

Problematizando mais um pouco, no intuito de contribuir para as discussões sobre conceitos e conteúdos, Cuti, (2010, p. 36) remete à questão da cor, racismo e seus significados. Quando se menciona "poetas negros", parece que a referência não se limita apenas à cor da pele, embora isso seja um fator. Além da questão racial, a escrita também desempenha um papel importante. Mas que tipo de escrita seria essa? Aparentemente, a escrita afro-brasileira ou afrodescendente se diferenciaria, em certo aspecto, da escrita negro-brasileira. O ponto central dessa distinção é o racismo e os seus significados, especialmente no que diz respeito à expressão das subjetividades negra, mestiça e branca.

Numa sequência de problematização, o autor coloca em questão o fato de o termo negro ser utilizado na época dos movimentos, não o termo afro, e o que cada termo importou ou não. Ou seja:

O movimento de reivindicação da descendência africana no Brasil não se caracterizou como tal, no mesmo ano de criação da série, mas, sim, como Movimento Negro. A palavra “negro” lembra a existência daqueles que perderam a identidade original e construíram outra, na luta por suas conquistas, dentre as quais a Frente Negra Brasileira foi a organização de maior repercussão, pois chegou a ser um partido político (Cuti, 2010, p. 37).

O termo negro nos remete à luta contra o racismo, enquanto a expressão afro-brasileiro nos direciona, ao continente africano, que possui mais de 54 nações, sendo que nem todas têm maioria de pessoas com a pele escura ou diretamente ligadas à ancestralidade dos negros brasileiros (Cuti, 2010). Acreditamos ser bastante relevante a discussão apresentada por Cuti sobre um afro-brasileiro ou afrodescendente não ser necessariamente um negro-brasileiro, já outros contextos permeiam os negros do Brasil, implicando outros demarcadores contidos na literatura escrita por negros brasileiros.

No contexto dos povos colonizados, a necessidade de autoafirmação por meio de seus referenciais sociais, históricos e literários revela-se ainda mais premente, na medida em que se busca a reconstrução de identidades e, possivelmente, a retomada de sua humanidade. O passado colonial precisa ser revisitado e recontado, o que reforça a relevância de se estabelecer conceitos claros — inclusive no campo das artes literárias. É fundamental ter uma literatura que se possa reconhecer como pertencente, como expressão legítima de um povo. O

passado e o presente marcados por estereótipos, bem como os distintos processos de embranquecimento, compõem um cenário de apagamento histórico-literário e dificultam a aceitação da importância de nomear e conceituar a literatura produzida por pessoas negras descendentes da diáspora africana. Ainda que algumas discussões tenham começado a emergir em certos espaços, a consolidação desse campo permanece incipiente. Como destaca Duarte (2011, p. 121): “Vinculados à mestiçagem e aos estigmas provindas da escravidão, o branqueamento, como negação da afro-descendência tem nos legados escritores que produzem uma literatura esquecida na questão racial e das desigualdades dela recorrentes.”.

Eduardo de Assis Duarte (2011), reúne textos que passaram por diversas instâncias de discussões e reflexões sobre a literatura, política e identidade, como ensaios para contribuir com as buscas por definições a respeito, inclusive, da literatura escrita por pessoas negras brasileiras. Após apresentar autores que, também como ele, discutem tais assuntos, entre outros, o teórico observa que:

Há um consenso entre os críticos citados, no que toca aos momentos fundantes da literatura afro-brasileira. Este percurso para pelos poetas do século XVIII, chega aos primeiros românticos e deságua na poesia de Luiz Gama, colocados por todos como o Pai desta tradição. Além de ter sofrido a condição escrava, Gama assumiu seus vínculos étnicos e culturais e vislumbrou sempre na literatura o gesto político necessário à intervenção do *status quo* (Duarte, 2011, p. 128).

Ademais, o pesquisador dedica-se a desenvolver reflexões voltadas à conceituação de uma literatura que busca ser nomeada de maneira mais condizente com a identidade de escritores e leitores que nela se reconhecem. Tal intenção já se evidencia nos próprios títulos de seus trabalhos, indicando o esforço em nomear adequadamente essa produção literária. Pode-se afirmar que, apenas recentemente, a academia passou a produzir e a incentivar discussões mais sistemáticas sobre esses textos. Nesse sentido, Duarte (2011), no artigo intitulado “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”, aponta o início do século XXI como um período de grande efervescência para essa produção, que ele denomina “Literatura afro-brasileira”, ainda que reconheça tratar-se de um conceito em processo de construção.

Entretanto, esse contexto nem sempre foi assim, como certamente sabemos, tendo em vista o contexto social-histórico dos negros descendente de africanos escravizados no Brasil. Ao percorrer alguns textos literários, facilmente percebemos o modo o qual essas pessoas são representadas, pois os textos contemporâneos seguem a mesma linha de tratamento que desumaniza esses brasileiros. Logo, que ainda predomina é:

[...] um sequestro do negro enquanto individualidade pensante, guardião de uma memória tanto individual quanto familiar ou comunitária; o sequestro do negro enquanto voz narrativa, expressa na primeira pessoa do singular, com as prerrogativas inerentes ao desnudamento da subjetividade em todos os aspectos; e o sequestro, por fim, da própria humanidade inerente à maioria dos brasileiros ao retratá-los sob a moldura estreita ditada pelo estereótipo e pelos metarrelatos da cordialidade e da democracia racial (Duarte, 2011, p. 148).

No ensaio “O negro na literatura brasileira”, Duarte (2013, p. 149) apresenta um panorama conciso da presença do sujeito negro na literatura nacional, destacando que “os traços de negrícia ou negrura do texto seriam oriundos do que a escritora Conceição Evaristo chama de ‘escrevivência’, ou seja, a experiência como mote e motor da produção literária. [...] É uma escrita que, de formas distintas, busca se dizer negra, até para afirmar o antes negado.” Nesse contexto, observa-se também um processo de recuperação da subjetividade e da individualidade historicamente usurpadas das pessoas negras durante o período escravocrata. Assim, a literatura produzida por escritores negros brasileiros cumpre um papel que vai além da estética, configurando-se como ato de resistência e revolução, pela ousadia de ser e de existir.

É no século XXI que se observa uma efervescência nas discussões sobre a constituição de um “novo” corpus literário, especialmente no âmbito acadêmico universitário. No entanto, tais reflexões, ainda que de forma mais pontual e isolada, já vinham sendo articuladas desde a década de 1970. É o que aponta Zilá Bernd em seu livro *Introdução à literatura negra*, publicado em 1988. A autora busca evidenciar “algumas regiões da história da literatura brasileira que permaneceram, ou permanecem, à margem, trazendo-as à superfície para lançá-las ao debate crítico” (Bernd, 1988, p. 16), sendo uma dessas regiões justamente a literatura negra, como sinalizado no próprio título da obra. Já naquela década, portanto, tornava-se urgente o debate acerca da literatura negra como campo autônomo, distinto da totalidade da Literatura Brasileira.

Outrossim, Pereira (2013, p. 2), fazendo um percurso pela história-literária, comenta sobre os estudos de Zilá Bernd como fundamentais para o contexto em questão:

De modo geral, Zilá Bernd critica o estudo de Brookshaw por dividir os autores que utilizam temática negra em “brancos” e “negros”. A fim de moldar sua perspectiva do conceito de “poesia negra”, Bernd não aceita a possibilidade de definição associada à raça ou simplesmente à cor da pele do autor, considerando tal classificação ideologicamente perigosa e cientificamente falsa. Assim, sem qualquer menção à expressão “literatura afrobrasileira”, a estudiosa propõe uma definição para “literatura negra” com base na evidência textual de um “eu enunciador que se quer negro”, conceito de fato aplica-se quase que exclusivamente à poesia (Pereira, 2013, p. 2).

Previamente, Zilá Bernd (1988, p. 17) aponta o fato de algumas escritas literárias serem simplesmente ignoradas, permanecendo escondidas por muito tempo, porque não interessa à literatura, enquanto instituição, principalmente se for a literatura produzida por vozes marginalizadas, ditas como “Voz dos vencidos”. Seria normal, então, que as vozes negras literárias não tenham lugar neste universo das letras criativas e, por consequência, tenham que lutar por um título e conceito respeitável.

A autora, em busca de conceito para a literatura de negros brasileiros, afirma que o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor, nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que se quer negro, pois:

[...] a presença de uma articulação entre textos, determinada por um certo modo negro de ver e de sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma escritura negra vocacionada a proceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia. Logo, uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e de escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro (Bernd, 1988, p. 22).

A literatura negra pode ser vista como uma resposta à perda de identidade enfrentada pela comunidade negra ao longo da história, especialmente durante os períodos em que a "cultura negra" foi marginalizada ou considerada ilegal. Essa produção literária surge como uma tentativa de resgatar e reafirmar as raízes culturais e identitárias que foram sistematicamente suprimidas. Durante muito tempo, a assimilação da cultura dominante era vista como um caminho de aceitação ou sobrevivência para muitos negros brasileiros, resultando em um distanciamento forçado de suas próprias tradições culturais. Nesse contexto, a literatura negra busca ocupar o espaço vazio deixado por essa supressão, dando voz às histórias, vivências e expressões que foram historicamente silenciadas, revalorizando a cultura e identidade negras na sociedade brasileira (Bernd, 1988).

Na busca por critérios que permitam delimitar o que se entende por literatura negra — para além da simples presença da temática do negro ou da escravidão —, Bernd (1988, p. 48), ao analisar a poesia negra, propõe algumas suposições que contribuem significativamente para o debate em torno dessa literatura. A autora sugere que um dos possíveis marcadores reside no surgimento de um sujeito-enunciador no discurso poético, cuja presença revela um processo de conscientização acerca da condição de ser negro em uma sociedade majoritariamente branca.

Neste ponto, passamos a apresentar discussões e conceituações de termos fundamentais para a problemática da nomeação da literatura escrita por pessoas pretas. Ao propor a identificação de um objeto por meio da atribuição de um nome, é imprescindível, antes, investigar e compreender as características que o constituem — características essas construídas histórica e socialmente. No caso das pessoas pretas, trata-se de um processo ainda mais complexo, uma vez que suas identidades também foram sistematicamente desconstruídas por sujeitos não pretos.

Ainda de acordo com Bernd (1988), o negro que era “outro” passa a ser o “eu” (eu lírico), assumindo o seu papel dono de sua subjetividade, passando de criticado a crítico:

Esse eu lírico em busca de uma identidade negra instaura um novo discurso – uma semântica do protesto – ao inverter um esquema onde ele era o Outro: aquele de quem se condoíam ou a quem criticavam. Passando de outro a eu, o negro assume na poesia sua própria fala e conta a história de seu ponto de vista. Em outras palavras: esse eu representa uma tentativa de dar voz ao marginal, de contrapor-se aos estereótipos (negativos e positivos) de uma literatura brasileira legitimada pelas instâncias de consagração. (Bernd, 1988, p. 50)

Sobre o nomear negro, já que, antecipadamente, procuramos compreender o termo negro e compreender seu composto por pessoas negras brasileiras, nos deparamos com as definições: afro, negro, preto que são fundamentais para estas discussões.

Neste sentido, Cuti (2010), que contribui significativamente para as nossas reflexões nesta dissertação, também no sentido da questão do ser negro, ou se dizer negro, reafirma a posição no contexto histórico, político e social, por conta da hostilidade sofrida por esses seres humanos:

Dizer-se implica revelar-se e, também, revelar o outro na relação com o que se revela. O branco, como recepção do texto de um negro, historicamente foi hostil. Vencer essa hostilidade lastreada na postura de quem não se dispõe a dividir o poder com alguém que, por quatro séculos, teve o mínimo de poder é a grande aventura do escritor negro que se quer negro em sua escrita. Entretanto, acomodar-se a essa hostilidade pode ser uma estratégia ou uma renúncia. Ou seja, não dizer-se negro para ser mais bem aceito e, assim, sofrer menor restrição social, é um caminho trilhado por muitos negros que escreveram e escrevem. (Cuti, 2010, p. 49)

Por sua vez, Duarte (2005) alerta para a questão da “ideologia do purismo estético”, já que ela faz o jogo do preconceito, pois tal discurso pode reprimir e calar a voz dissonante:

A nosso ver, a ideologia do purismo estético, ela sim, faz o jogo do preconceito, à medida que transforma em tabu as representações vinculadas à especificidades de gênero ou etnia e as exclui sumariamente da “verdadeira arte”, porque “maculadas” pela contingência histórica. Este purismo é, no fundo, um discurso repressor, que cala a voz dissonante desqualificando-a como objeto artístico. É o caso de se indagar qual valor concede sustentação a valores estéticos enrijecidos por séculos de colonização ocidental. (Duarte, 2005, p. 109)

De acordo com Cuti (2010), no âmbito literário, agrupar a produção de autores apenas com base na cor de sua pele, independentemente de seus textos, disfarça uma abordagem teórica que privilegia o estudo do autor em detrimento da análise da obra:

A pele do autor pode, sim, nortear a pesquisa, a busca de uma literatura que a tome como simbologia em um contexto social. Relacionar autores negros e mulatos que não se pronunciaram como tal, ou ficar de seus textos amigalhando indícios pálidos de uma consciência negro-brasileira parece-nos um esforço vão ou uma persistência crítica autoritária que exige do escritor negro ou mestiço que se pronuncie como tal. Um escritor negro é livre como qualquer outro para tocar nesse ou naquele ponto da realidade como tema, incluindo aí a sua subjetividade. Pode escolher por mantê-la à margem ou não pronunciada no que escreve. E deve ser respeitado nessa sua opção, seja ela consciente ou uma fuga inconsciente. Em literatura, o que vale é o que está escrito e publicado por qualquer meio, e não o que ficou na gaveta ou no imaginário do escritor, a menos que tenha havido um registro do desejo de realizar, como o fez Lima Barreto no Diário íntimo. E pronunciar-se negro é escolha (Cuti, 2010, p. 54).

Nessa perspectiva, na obra *Tornar-se negro*, de Neuza Santos Souza (1983), a escritora e psicanalista se dedica a refletir sobre as questões sociais e psicológicas do negro do Brasil, abordando processos de construção de identidade em um contexto de racismo estrutural que afeta profundamente relações sociais e a autoimagem das pessoas pretas. A escritora analisa o racismo e como este, sendo internalizado, impacta os negros, principalmente, quando se trata de alguma ascensão social. Então, como lidar com os conflitos entre o desejo de pertencer ao novo grupo dos padrões brancos e ser o que se é, sabendo diferente daquele?

Souza (1983), então, procura definir o conceito de negro, *tornar-se negro*, observando o processo pelo qual a pessoa negra conscientiza-se de sua identidade racial em um ambiente de branquitude, historicamente valorizado e perpetuando a marginalização de pessoas negras. Para estas pessoas, há que se ter, constantemente, superações de sentimentos de inferioridade, tentativa de sobrepor a baixa autoestima, numa busca incansável pela valorização de sua própria negritude. Por ser psicanalista, a pesquisadora investiga efeitos emocionais e psicológicos do racismo, focando em análise crítica das estruturas sociais que ainda perpetuam no Brasil, no que diz respeito a discriminação racial. A partir do título da referida obra, é possível desconfiar, pelo emprego do verbo *tornar-se*, que não se trata de ser e sim passar por um processo de transformação até ser. Em uma de suas conclusões, a autora afirma que “Ser negro é tornar-se negro” (Souza, 1983, p. 82).

Indivíduos que apresentam, minimamente, pele escura, lábios grossos, nariz largo e cabelo crespo — traços fenotípicos associados ao grupo negroide — são frequentemente interpelados e pressionados a esclarecer o uso de nomenclaturas como “afro”, “negro” ou “preto”: quando usar, como usar e em que contextos. Tal cobrança, muitas vezes, não parte de

um desejo genuíno de respeito, mas sim do receio de incorrer em práticas de racismo. Ocorre, entretanto, que grande parte dessas interpelações parte de sujeitos que não se dispõem a estudar ou compreender a complexidade dessas designações, pois esse, na maioria dos casos, não é seu verdadeiro interesse.

Considerando o contexto histórico-social, pode-se afirmar que a identidade negra se constitui, muitas vezes, a partir de experiências de violência. A primeira delas, talvez a mais profunda, é a negação do próprio eu. Souza (1983, p. 11) afirma que “ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.” Tal afirmação revela o processo doloroso e conflituoso de construção identitária que atravessa o sujeito negro em uma sociedade estruturada pelo racismo, haja vista que:

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro. (Souza, 1983, p. 15)

No contexto de sua trajetória, Ponciá Vicêncio, em sua busca por ascensão social, distanciando-se de sua família e, por conseguinte, de suas origens, quase chega ao desaparecimento completo. Podemos afirmar que ela se definiu até um possível "renascimento", que ocorre no momento do reencontro com sua família, percorrendo uma jornada até perceber e (re)conhecer sua verdadeira identidade. Ao tentar se aproximar dos padrões de vida dos brancos, na busca por uma suposta "branquitude", ela acaba reafirmando sua negritude. Esse processo de autodescoberta pode ser ilustrado por meio das palavras de Neuza Santos Souza (1983), que:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (p. 26, 1983).

[...]

Afastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “tomar-se gente” (p. 27, 1983).

No processo de colonização a sociedade escravocrata utilizou o termo raça como forma de estabelecer a identidade do negro, determinando seu papel social, nas interações com os brancos, criando uma associação entre a cor preta e uma posição social inferior (Souza, 1983, p. 28). É assim que iniciou o processo violento e racista da escravização das

peças pretas da diáspora africana para o Brasil. A autora explica que o termo *raça*, utilizado por ela é entendido:

como noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição de posição na estrutura de classes. Apesar de estar fundamentada em qualidades biológicas, principalmente a cor da pele, raça sempre foi definida no Brasil em termos de atributo compartilhado por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais (Souza, 1983, p. 28).

Na busca incansável por conceituar essa literatura escrita por pessoas negras, muitas vezes nomeada como: literatura negra no Brasil ou literatura afrodescendente e ainda literatura negra, Rodrigo da Rosa Pereira (2013, p. 01), em artigo intitulado “Na negritude à literatura afro-brasileira: um olhar histórico-literário”, procura “refazer criticamente, o percurso de construção do conceito de literatura negra ou afrodescendente no Brasil”. Logo:

Na base crítico-conceitual dessa literatura, os movimentos literários da negritude definirão fortemente os traços mais significativos do conceito. São eles: a celebração de concepções e valores próprios de diferentes culturas africanas; e a busca de uma origem africana, que redundará por vezes na representação de uma África mítica, imaginada e, até mesmo, na retomada de alguns clichês sobre o exotismo do continente. (Fonseca apud Pereira, 2013 p. 01)

Diante do contexto histórico e da trajetória do povo negro e seus descendentes, expostos até aqui, e considerando a estratégia de reconstrução crítica da literatura e da história, destacamos, a seguir, as representações presentes na obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. A estratégia literária adotada pela escritora nos permite reconhecer a resistência e a revolução do povo negro, que revela suas verdadeiras identidades através da arte — especialmente a arte literária. Nesse sentido, a obra se constrói a partir dos olhares próprios dos personagens, que são protagonistas de suas próprias histórias.

Particularmente, por considerar de extrema relevância essa escolha, empenho-me em defender a denominação *Literatura negro-brasileira*. Justifico tal posicionamento tendo em vista os sujeitos brasileiros que carregam em seus corpos os fenótipos herdados dos povos africanos, bem como os múltiplos contextos de negritude que os envolvem, e que, certamente, estarão inscritos em suas produções literárias. Assim, as dores e o sangue que atravessam essas escritas de pele preta contribuem para contextualizar uma experiência histórica e existencial coletiva, podendo, portanto, ser reconhecidas como expressão legítima da Literatura negro-brasileira.⁴

⁴ Pode ser que ainda utilizarei tanto o termo Literatura negra, como Literatura afro, já que é muito persistente a utilização dos dois termos em vários textos ao se referirem à produção de Evaristo. Em respeito a isso, considero tal utilização dada a relevância desses textos para a continuidade da reflexão sobre essa literatura que ainda está em construção.

3 FIOS POÉTICOS EM *PONCIÁ VICÊNCIO*: CONTRAPONDO ESTEREÓTIPOS

3.1 Ponciá Vicêncio fortalecendo a literatura negra

Oportunamente, consideramos relevante destacar um momento fundamental na contribuição do pesquisador Eduardo Assis Duarte (2011) para os estudos literários, no qual ele apresenta alguns fatores estruturantes da literatura do povo preto. Segundo Duarte (2011, p. 12), “Descartados os fatores extraliterários, algumas constantes discursivas se destacam e têm sido utilizadas como critérios de configuração dessa literatura” escrita por pessoas negras. De acordo com o pesquisador, os elementos que auxiliam na configuração do texto literário afro-brasileiro interagem entre si e são descritos a seguir. Convém ressaltar que Duarte enfatiza que o conceito dessa literatura ainda está em construção. No entanto, consideramos seus argumentos bastante coerentes e, por essa razão, os apresentamos em sua totalidade

[...] **temática**: “o negro é o tema principal da literatura negra” (Ianni, apud Duarte, 2011, p. 12), que vê o sujeito afro-descendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que nutre essa literatura. [...] **autoria**. Ou seja, uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro, e, neste caso, há que se atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. [...] o **ponto de vista**. Com efeito, não basta ser afro-descendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população. Nas palavras de Zilá Bernd, essa literatura apresenta um sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro. [...] **linguagem**, fundado na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. [...] aponta para formação de um **público leitor** afro-descendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral. (Duarte, 2011, p. 12. Grifos nossos)

De acordo com Duarte (2011, p. 13) os fatores encontrados na literatura afro-brasileira configuram seu pertencimento, um deles é a “Temática”, na qual pode ser incluído o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de seus impactos, até a exaltação de figuras heroicas como Zumbi dos Palmares e Ganga Zumbi. Na referida temática serão encontrados tradições culturais ou religiosas, mitos, lendas, assim como imaginários bem-marcados que foram transportados ao Brasil, se adaptando ao local, geralmente por meio da oralidade, fixando-os como uma memória ancestral.

É possível perceber marcas da temática literária afro-brasileira já no início do romance *Ponciá Vicêncio*, conforme trecho abaixo, marcado pelo mito do arco-íris, elemento que faz

parte da mitologia Yorubá que permeia alguns países da África e que é destacado em outros momentos da narrativa de Conceição Evaristo como significado de ciclos da protagonista. Neste trecho, em particular, percebemos o mito africano (angarô), declinado pela perpetuação da oralidade, confirmando a ancestralidade modificada pelas culturas orais que passaram por países da África e Brasil:

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angarô. depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência, a não ser os pelos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. Passara rápido, de um só pulo. Conseguira enganar o arco e não virara menino. (Evaristo, 2017, p. 13)

Outra temática que compõe a narrativa é a arte ancestral de manusear o barro, aprendida pela protagonista com a mãe, e que servia para complementar o sustento da família. Ademais, para complementar a temática afro-brasileira, o romance nos apresenta Nêngua Kainda, a sábia da comunidade, possuindo dons de cura e ensinamentos espirituais. Depois que os padres passaram pela comunidade, batizando, casando e levando as pessoas a comungarem, bem como unguindo os doentes, eles foram curados por Nêngua, possibilitando que levantassem das camas e oportunizando que “pecassem outras vezes” (Evaristo, 2017, p. 26).

Outra questão importante é a representação da história do povo afro-descendente brasileiro, marcado por pobreza perpetuada pela falta de oportunidades, como demonstrado no seguinte trecho:

[Ponciá] foi até a prateleira, pegou uma lata de goiabada vazia e começou a servir a comida para ele” [...] “Fechou os olhos e lembrou da casinha de chão de barro batido de sua infância. O solo era todo liso e por igual, mesmo seco dava a impressão de ser escorregadio. Tudo ali era de barro. Panelas, canecas, enfeites e até uma colher com que a mãe servia o feijão. (Evaristo, 2017, p. 23)

Ademais, a história de violência sofrida pela população negra — desde os sequestros por meio dos navios negreiros até a perpetuação do racismo no período pós-escravidão — é perceptível no romance, como se observa no sobrenome Vicêncio, herdado dos antigos proprietários dos pais e avós de Ponciá, sobrenome que ela jamais aceitou. Essa rejeição pode ser interpretada como uma constante busca por liberdade: “Continuava achando o nome vazio, distante. [...] Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de

seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar” (Evaristo, 2017, p. 26). Outrossim, ao abordar a falsa liberdade concedida ao povo negro após a assinatura da Lei Áurea, Evaristo utiliza a narrativa para expressar sua crítica ao ilusório presente de libertação.:

Tempos e tempos atrás, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. O coração de muitos regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estava os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda sob o jugo de um poder, que, como Deus, se fazia eterno (Evaristo, 2017, p. 42)

É importante ressaltar que Duarte (2008) alerta que:

[...] o tema negro não é único ou obrigatório, nem se transforma numa camisa de força para o autor afro-descendente, o que redundaria em visível empobrecimento. Por outro lado, nada obriga que a matéria ou o assunto negro estejam ausentes da escrita dos brancos, atraídos desde cedo pela busca do exótico e da cor local. Nas primeiras décadas do modernismo – auge da moda primitivista e negrista na literatura e nas artes de vanguarda – ocorrem inúmeras apropriações, incorporadas a textos hoje clássicos, apesar da advertência de Oswald de Andrade contra a “macumba para turistas”. Por isto mesmo, é preciso enfatizar que a adoção da temática afro não deve ser considerada isoladamente e, sim, em sua interação com outros fatores como autoria e o ponto de vista. (Duarte, 2008, p. 14)

Com base no que foi exposto, aliamos a seguinte afirmação de Evaristo (2020, p. 31): “mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais variadas pessoas”.

Considerando o fator “Autoria” como um dos mais controversos — por envolver aspectos biográficos e fenotípicos, além das dificuldades em definir o que significa ser negro no Brasil —, Duarte (2011) alerta para o risco de se reduzir a literatura afro-brasileira ao negrismo, preocupação que lhe é suscitada pela pesquisadora Benedita Gouveia Damasceno. Outro ponto de atenção destacado pelo autor refere-se à atribuição da condição de afrodescendente a determinados escritores que, apesar dessa ascendência, não a reivindicam para si nem a incorporam em seus projetos literários. Nesse contexto, Duarte (2011) ressalva o caso do renomado escritor Machado de Assis, considerando-o uma exceção, pois sua obra parte de um lugar de fala dos oprimidos — fator decisivo, segundo o autor, para sua inclusão na literatura de brasileiros descendentes de africanos:

Já Machado de Assis que, como funcionário do governo imperial, ostenta uma postura irrepreensível ao propiciar a libertação de inúmeros cativos, adota em seus textos um ponto de vista coerente com seu procedimento de cidadão. E a acusação de omissão que muitos tentaram lhe impingir cai por terra diante das centenas de matérias abolicionistas publicadas pela Gazeta de Notícias, órgão do qual era um dos sócios. E mais: em suas crônicas, sempre que aborda o cativo, acrescenta elementos judicativos, que ora lamentam a condição dos escravos, ora louvam a filantropia dos que os libertam, ora criticam os que apoiam ou se beneficiam do sistema (Duarte, 2011, p. 15).

No caso de Conceição Evaristo, particularmente, como escritora preta, o quesito autoria é amplamente contemplado pelo recurso literário da palavra criada por ela que é a *escrevivência*, pois o termo percorre o contexto da mulher negra, de forma interseccional, contemplando etnia, classe, gênero, em que ela assume o controle de si:

[...] a *Escrevivência* extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da *Escrevivência* já demande outra leitura. *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (Evaristo, 2020, p. 38).

No romance, *Ponciá* nos conduz por sua trajetória quase cíclica: parte da comunidade onde vive ao lado dos seus, segue para a cidade grande e reencontra-se consigo mesma apenas quando se reconecta com o irmão e a mãe. É por meio da vivência da protagonista — mulher negra e pobre — que também conhecemos a história de sua mãe, Maria Vicêncio, de Nêngua Kainda e de Biliza. Trata-se de um retrato completo de mulheres negras em diferentes posições sociais e afetivas, apresentado ao leitor. Assim, Evaristo constrói, por meio de sua protagonista, a história da mulher negra.

Durante o episódio em que a protagonista conta à mãe sobre a mulher transparente que dançava no milharal, o leitor é conduzido à experiência de vida de Maria Vicêncio e como é sua dinâmica familiar, em que a mulher é quem demanda as obrigações do homem, enquanto está em casa. Convém dizer que temos consciência e sabemos da complexidade da vivência em tal contexto por muitas famílias pretas, mas não é nosso interesse tal abordagem, neste momento. No trecho que se segue, destacamos esse papel da mulher negra no âmbito familiar com base na figura de Maria Vicêncio:

[...] a mãe não lhe deu atenção, mas Ponciá notou que ela se assustou um pouco. Daí a uns dias quando o pai chegou, ela escutou a mãe pedindo-lhe que cortasse o milharal. O pai argumentou que não era tempo de colheita ainda. A mãe insistiu. E, quando Ponciá Vicêncio acordou no outro dia, o milharal estava derrubado. As bonecas mortas pelo chão. Ela ainda olhou para os lados com esperança de ver a mulher alta e transparente. Não viu. Tudo era um só vazio. Ponciá chorou. Nunca mais ela viu a mulher alta, transparente e vazia, que um dia sorria para ela entre as espigas de milho (Evaristo, 2017, p. 14)

Assis Duarte (2011, p. 15) ainda afirma que “a autoria há que estar conjugada intimamente ao ponto de vista. Literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto tradução textual de uma história coletiva e/ou individual”.

Ao sermos conduzidos na trajetória de Ponciá, Evaristo possibilita conhecermos o coletivo por meio do individual de cada personagem. No trecho abaixo, conhecemos Nêngua Kainda, a sábia do povoado, que simboliza a sabedoria filosófica e curadora que os povos negros originários de África deixaram como herança ancestral. Por meio das garrafadas da personagem, a autora recupera os conhecimentos de cura dos ancestrais, utilizados pelas pessoas conhecidas por Ponciá, as quais:

[...] tinham feito a derradeira viagem, mas que ficavam muito tempo fazendo a despedida. Experimentavam antes as garrafadas de Nêngua Kainda. E só depois de todos se acostumavam com a ideia da partida, e elas próprias também, é que se despediam” (Evaristo, 2017, p. 29).

Em um dos trechos do romance, Nêngua Kainda é adjetivada como a própria sabedoria, a que revela um futuro certo, mas ainda desconhecido. A personagem é representada como algo ou alguém que devemos confiar e seguir os ensinamentos, arriscamos afirmar que representa, por vezes, um ser a quem recorreremos quando duvidamos de nossa fé, uma representatividade dos mais velhos, nossos ancestrais:

E, depois de longa ausência pela cidade, durante o tempo de seu regresso, Ponciá encontrou com Nêngua Kainda. A mulher, que era alta e magra, pareceu-lhe mais alta e magra ainda. Continuava ereta, apesar da idade, como uma palmeira seca. A pele do rosto, das mãos, do pescoço e dos pés descalços era enrugada como a de um maracujá maduro. Tinha o olhar vivo, enxergador de tudo. A velha pousou a mão sobre a cabeça de Ponciá Vicêncio dizendo-lhe, que, embora ela não tivesse encontrado a mãe e nem o irmão, ela não estava sozinha. Que fizesse o que o coração pedisse. Ir ou ficar? Só ela mesma é quem sabia, mas, para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria. Mais cedo ou mais tarde, o fato se daria, a lei se cumpriria. Ponciá nada indagou. Nada respondeu. Pediu bênção a Nêngua Kainda e se dispôs a continuar a vida (Evaristo, 2017, p. 53).

Também no próximo trecho, início da narrativa, Evaristo representa o imaginário coletivo por meio do mito *angarô*, o arco-íris que pode transformar menina em menino, o qual a protagonista teme:

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes ficava horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do *angarô*. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma

saliência, a não ser os pelos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. Passara rápido, de um só pulo. Consequira enganar o arco e não virava menino (Evaristo, 2017, p. 13).

No que diz respeito ao “Ponto de vista”, é fundamental considerar o que o configura em um indicador preciso e universo axiológico presente no texto. Assis Duarte (2011, p. 16) indica que:

numa época em que muito sequer concediam aos negros a condição de seres humanos, o romance e a assumida afro-descendência da escritora, [no caso, Maria Firmina dos Reis] soam como gestos revolucionários que a distinguem do restante da literatura brasileira da época (Duarte, 2011, p. 16).

Conceição Evaristo contribui com uma verdadeira revolução para o povo preto, ao proporcionar um recontar de suas histórias e criticar aquelas que foram, e ainda são, narradas de forma equivocada. Na trajetória de Ponciá, a protagonista decide deixar sua comunidade, localizada nas terras pertencentes aos antigos donos de sua família, em busca de uma vida melhor e da realização de seus sonhos, que, segundo ela, “não eram somente sonhos, eram certezas! [...] Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova”. Assim, Ponciá passa a protagonizar não apenas uma existência marcada pela resistência, mas também uma história de afirmação e reconstrução de si mesma e de sua família.

Mulheres negras quando se dispõem a escrever literatura e, por ela, contam suas histórias entrelaçadas a de outras e outros negros, suas vivências e ancestralidades que são acessadas pelas memórias históricas, sociais e, digamos, espirituais, conseguem, por vezes, o grande feito de visibilizar o que foi apagado. Desde Maria Firmina dos Reis até o momento atual, de forma mais oculta, tímida, ou metafórica, essas mulheres transformam seus pontos de vista em luta de sobrevivência, resistência e protagonismo. Podemos afirmar que o romance *Ponciá Vicêncio* surge quase como completude do fator “ponto de vista”, já que apresenta a trajetória de uma protagonista preta, possibilitando ao leitor visualizar a trajetória do povo negro brasileiro em busca de uma vida melhor, se esbarrando com o racismo em vários espaços sociais e históricos.

Arriscamos afirmar, ainda, que a literatura de negros brasileiros — isto é, o corpus até hoje identificado — pode ser configurada como um monumento desse povo, uma vez que não possuímos, concretamente, um que nos faça lembrar o que foi feito com essa população. Trata-se, portanto, de um espaço de valor histórico, efetivamente relevante e mais próximo da realidade, o que o torna ainda mais significativo.

A “linguagem” é outro fator certamente importantíssimo, uma vez que a literatura se constitui por meio dela. Ela desempenha um papel fundamental na construção da diferença

cultural no texto literário, sendo especialmente relevante em qualquer tradição literária, como ocorre na literatura afro-brasileira. No contexto dos brasileiros descendentes de africanos, essa importância se evidencia por meio de uma discursividade que incorpora ritmos, entonações e escolhas vocabulares específicas, criando uma semântica própria. Esse processo, muitas vezes, envolve um esforço consciente de ressignificação, que desafia os sentidos hegemônicos da língua, subvertendo normas culturais e linguísticas dominantes. Sendo assim, a linguagem configura-se também como um espaço de resistência e afirmação identitária, no qual a cultura afro-brasileira pode se manifestar de forma até mesmo revolucionária.

Nesse sentido, observamos:

E no tocante às particularidades de ritmo e de entonação, são inúmeros os casos em que o texto expressa sonoridades outras, marcadas pelo rico imaginário afro-brasileiro. Entre tantos, podemos lembrar os sons guerreiros do poeta Bêlsiva – “Irmão, bate os atabaques / Bate, bate, bate forte / Bate que a arte é nossa” – em que o desdobramento anagramático do instrumento musical africano faz com que a poesia afro-descendente assuma o sentido de ritual coletivo e libertador (Duarte, 2011, p. 120).

A escrita de Conceição Evaristo, em Ponciá Vicêncio, leva-nos a conhecer parte da trajetória das personagens, particularmente da protagonista, suas experiências, perpassadas pela memória, sendo transportados do particular ao universal, conhecendo o coletivo do povo preto escravizado. Percebemos a oralidade, marca essencial das raízes do nosso povo, evocadas muitas vezes por frases curtas e poéticas, soando como cantos ancestrais. A autora utiliza um ritmo na construção da narrativa, similar ao da memória, sem linearidade, em um vai e vem do tempo, como um transporte que nos leva do simples até os sonhos e reflexões mais complexos das personagens, como exemplificado no trecho abaixo:

Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era o tempo de colheita, e ele passava o tempo todo lá na fazenda (Evaristo, 2017, p. 16).

[...]

Ponciá Vicêncio sentada no cantinho perto da janela, em seu matutar, acabou esquecendo o grande propósito, com o qual levantara naquela manhã. Tinha decidido firmemente deixar o pensar de lado e ir à luta, dar um jeito na vida. Mas nem se deu conta, nem percebeu o momento exato em que se assentou ali, antes mesmo do primeiro gole de café, e começou a buscar na memória as coisas, os fatos idos. Lembrou-se da fala de Nêngua Kainda, quando esperançosa, tinha voltado ao povoado em busca da família. Nêngua lhe havia dito que em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança, que Vô Vicêncio tinha deixado para ela, seria recebida. Ponciá ouvia esta conversa desde pequena. Que legado do avô seria pertença dela? (Evaristo, 2017, p. 53).

Neste próximo trecho, como na historiografia, Evaristo utiliza a narrativa para representar uma memória, de forma indireta, que possibilita enxergarmos o viver de uma criança escravizada, por meio da vivência do pai de Ponciá:

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco, e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço certificou-se de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber. (Evaristo, 2017, p. 18).

Conceição Evaristo consegue, por meio de sua linguagem literária, abordar um contexto extremamente complexo, combatendo o racismo por meio da denúncia presente em seu ato revolucionário de escrever e reescrever a história. No trecho mencionado, em particular, é possível vislumbrar todo o contexto do período escravocrata, bem como a permanência do racismo estrutural, no qual os negros, em um país construído com seu suor e sangue, continuam sendo vistos como “nada do sinhô-moço”. Somos retratados como servos, destinados apenas a obedecer a ordens, e considerados incapazes de aprender algo além do que é considerado necessário sob a ótica branca e eurocêntrica.

No que diz respeito ao público leitor, Duarte (2011), defende que:

[...] o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta-voz de uma determinada coletividade. Isto explica a reversão de valores e o combate aos estereótipos, que enfatizam o papel social da literatura na construção da auto-estima dos afro-descendentes (Duarte, 2011, p. 20).

Quando Conceição Evaristo se empenha em criar espaços de leitura e divulgação — não apenas de sua própria escrita, mas da produção de todo um coletivo negro —, torna-se evidente que ela pensa em um público ávido por uma literatura que fale de si e de seus pares. A escritora, pesquisadora e ativista atua, por meio da Casa Escrevivência e de outros espaços, na promoção de iniciativas que possibilitam que sejamos vistos para além dos estereótipos. Atualmente, sua imagem pública contribui para que outras pessoas negras consigam contar suas próprias histórias, sejam elas literárias ou não. A figura da escritora, que hoje alcança o status de celebridade, constitui, por si só, um ato político e revolucionário, pois ajuda a construir um mundo em que sejamos tratados como seres humanos, desconstruindo preconceitos e imaginários discriminatórios.



FOTO: MARCELO COSTA BRAGA

Estão abertas as inscrições para o Prêmio Conceição Evaristo de Literatura

<https://midianinja.org/estao-abertas-as-inscricoes-para-o-premio-conceicao-evaristo-de-literatura>

Abaixo, imagem do público formado e em formação, prontos para entrarem no espaço de leituras e escriturências fundado por Evaristo como “Casa da Escrivência”, já que “livro é para circular”, e o objetivo dela seria criar “um patrimônio físico e simbólico, a partir de uma perspectiva negra [...]”.



<https://agenciabrasil.ebc.com.br/en/foto/2023-07/escritora-conceicao-evaristo-lanca-casa-escrivencia>

Sendo o “Público” o último, aqui, dos cinco fatores que compõem a Literatura Afro-Brasileira, Duarte (2011) ressalta sua importância, destacando iniciativas como a do grupo

Quilombhoje, responsável pela série *Cadernos Negros*, que, como veremos mais adiante, promove eventos que atuam como mediadores entre o texto e o público:

A formação de um público específico, marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária compõe a faceta algo utópica do projeto literário afro-brasileiro, sobretudo a partir de Solano Trindade, Oliveira Silveira e dos autores contemporâneos. Este impulso à ação e ao gesto político leva à criação de outros espaços mediadores entre o texto e o público: os saraus literários na periferia, a encenação teatral, as rodas de poesia e rap, as manifestações políticas, alusivas ao 13 de maio ou ao 20 de novembro, entre outros. No caso, o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta-voz de uma determinada coletividade. Isto explica a reversão de valores e o combate aos estereótipos, que enfatizam o papel social da literatura na construção da auto-estima dos afro-descendentes (Duarte, 2011, p. 20).

Convém, então, compreender a literatura escrita por negros, digamos, Literatura Afro ou negro-brasileira, sim como uma ramificação da literatura brasileira e não a desconsiderar, procurando incluí-la na Literatura brasileira. Tal atitude é de fundamental importância na busca por recontar a história do negro brasileiro, descendente dos africanos.

Concordamos com discussões ampliadas e potentes para definir características que compunham e compõem a escrita de pessoas negras, bem como na busca de um nome para ela, definindo *corpus*, da mesma forma que outras literaturas já nomeadas e pesquisadas consistentemente. Por outro lado, observamos uma constante implicância com alguns termos, o que não surpreende, já que a nossa própria existência, enquanto negro, é criticada, em decorrência de um racismo persistente e fortemente construído. Faz muito sentido que uma escrita de negros descendentes de escravizados, isto é, desumanizados e desalmados, realmente não seria tão fácil considerar essa população como seres pensantes e atuantes intelectualmente.

Portanto, espaços de publicação e divulgação são extremamente importantes para o incentivo da referida escrita, bem como para fortalecer nossa própria existência, e não somente a costumeira e não menos necessária, resistência. Proporcionar espaços, inclusive acadêmicos pode fortalecer esse movimento estético literário, o que se configura como movimento político social e histórico, no intuito de ainda reescrever a história de nosso povo negro de diáspora africana.

Embora defendamos, neste texto, a nomeação *Literatura negro-brasileira*, também alertamos que os termos utilizados poderão aparecer de forma alternada, em um movimento de ir e vir, em respeito às diferentes reflexões teóricas e críticas que embasam a discussão. Portanto, quanto à nomeação dessa vertente contemporânea da Literatura Brasileira, inovadora e voltada principalmente para questões raciais para além da estética literária

tradicional, podemos afirmar que Conceição Evaristo escreve, entre outras possibilidades, com o propósito de combater o racismo no Brasil e recuperar a identidade negra afrodescendente, ou seja, a própria identidade histórica. Ademais, a partir das leituras utilizadas neste trabalho, constatamos o uso recorrente dos termos afro-brasileiro e negro-brasileiro na escrita literária de autores negros brasileiros, termos esses que permanecem em constante processo de construção. No que se refere especificamente à escrita de Conceição Evaristo, foco de nossa pesquisa, observamos que a crítica ora a classifica como negro-brasileira, ora como afro-brasileira e, a princípio, não consideramos necessário discordar de nenhuma das denominações, uma vez que identificamos, em grande parte de sua obra, as características apontadas pelos estudiosos. Como conclui Duarte (2011), trata-se de uma literatura ainda em construção:

Assim, temos uma produção que está dentro da literatura brasileira, porque se utiliza da mesma língua e, praticamente, das mesmas formas, gêneros e processos (procedimentos) de expressão. Mas que está fora porque, entre outros fatores, não se enquadra na “missão” romântica, tão bem detectada por Antonio Candido, de instituir o advento do espírito nacional. Uma literatura empenhada, sim, mas num projeto suplementar (no sentido derridiano) ao da literatura brasileira canônica: o de edificar, no âmbito da cultura letrada produzida pelos afro-descendentes, uma escritura que seja não apenas a sua expressão enquanto sujeitos de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na diferença que questiona e abala a trajetória progressiva e linear da historiografia literária canônica (Duarte, 2011, p. 22).

Ainda sobre o último fator elencado por Assis Duarte (2011) é preciso, obrigatoriamente, falar sobre a série *Cadernos Negros*, dada a relevância desta importante publicação de textos para a formação de público leitor da escrita de pessoas negras brasileiras. Segundo o autor, “a busca do público leva à postura do grupo *Quilombhoje* (condutor e divulgador da série) que prima por ir “onde o povo negro está”, [seguindo a linha poética contida na canção de Milton Nascimento] vendendo os livros em eventos e outros circuitos alternativos ao mercado editorial” (Duarte, 2011, p. 3). Muitas vezes, desde a sua fundação, o referido grupo promove os seus próprios eventos artísticos para divulgar e comercializar os livros.

A partir do conceito de escrevivência consideramos que, para muitos escritores e leitores, principalmente negros, a série *Cadernos Negros* têm sido um espaço de possibilidade de contar e perceberem suas histórias pelos seus próprios olhares. Quando afirmamos, contar suas histórias, consideramos todo o seu contexto histórico, composto de vivência diária (objetiva e subjetiva), arte, fé e a coletividade do povo negro. Com isso, podemos dizer que as edições dos *Cadernos Negros* são um espaço que possibilita o exercício de escrevivência para

um coletivo literário de pessoas negras. Ademais, seus eventos, além de proporcionar a construção um *corpus* potente, corrobora com a formação de um público leitor consciente e crítico, político e socialmente.

Evaristo, em um dos seus exercícios de escrivência, teve a oportunidade de ver seus textos publicados na série *Cadernos Negros* (número 13, em 1990), onde percebemos que a autora amalgama vida e arte, literariamente, falando de um eu-lírico e de toda uma coletividade, certamente cumprindo um papel fundamental para a sua comunidade. Apreciemos:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos

pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

O poema *Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo* dialoga muito bem com esta dissertação, já que traz a polifonia de mulheres negras, desde o sequestro do povo negro de países do continente africano, passando por nossa geração e dando sequência aos que virão

depois de nós. Especificamente, mostrando as vozes femininas negras: bisavós, avós, mães e filha, perpetuando essa voz regada a dores, sangue, mas que se misturam ao poder da palavra escrita. Ademais, o silêncio imposto e utilizado como banzo, que se reconecta com os ancestrais sempre que precisa se fortalecer e continuar sua luta pela liberdade, de fato.

Percebemos um movimento de grande destaque para a visibilização da produção literária fortalecido, quando Cuti (2010) destaca a importância do Movimento Negro Unificado, no final da década de 1970, ocasião em que possibilitou a criação da série *Cadernos Negros* espaço mantido pelo coletivo Quilomboje, o qual divulga e comercializa, atualmente a referida série. Nessa toada, houve um aumento considerável de escritores e leitores negros, críticos para com sua comunidade social e, ainda, refletindo sobre o lugar social ocupado por essa população (2010, p. 27-28). Com isso, é possível enxergar certa esperança para a formação da literatura dos povos pretos brasileiros, pois:

Considerando que a formação de um escritor é muito cara, pois envolve educação formal (escola) e informal (cursos paralelos de idiomas, redação, autodidatismo etc.), vemos que o desenvolvimento da literatura negro-brasileira necessitou e necessita que a população, cuja subjetividade é o fator fundamental daquela vertente, elabore a sua ascensão social. (Cuti, 2010, p. 28)

É essencial dizer que a diferença na produção literária de autores negros e brancos sobre questões raciais está diretamente relacionada às suas distintas perspectivas subjetivas, moldadas por seus lugares socioideológicos, de acordo com Cuti (2010, p. 32). Ademais, o autor observa que, quando comparados escritores brancos e negros, os negros, ao abordar relações inter-raciais, geralmente o fazem a partir de suas próprias vivências de discriminação, resistência e afirmação identitária. Por outro lado, autores brancos tendem a escrever a partir de um ponto de vista influenciado por privilégios que, muitas vezes os distanciam dessas experiências. Assim, a subjetividade de cada grupo reflete as realidades socioculturais e políticas de onde escrevem, resultando em abordagens distintas sobre as mesmas questões. Tais diferenças proporcionam um enriquecimento no debate literário, podendo revelar múltiplas camadas de percepção e vivência sobre as relações raciais.

Outrossim, Pereira (2013) ressalta os *Cadernos negros* como referência quando de proposição de resposta à forma marginalizada que pessoas negras brasileiras ainda são tratadas:

Por um lado, verificamos que a utilização do prefixo “afro” no caso de classificação da produção literária, não consegue evitar alguns problemas contidos no uso do termo “negro/a”, à medida que caracterizam uma particularidade. Por outro, como mostram os escritores ligados ao Movimento Quilomboje e conseqüentemente aos *Cadernos negros*, essa particularização torna-se necessária enquanto resposta à

marginalização histórica sofrida pelos escritores negros ou afrodescendentes no Brasil, frente aos critérios “universais” que configuram um mecanismo de exclusão legitimado pela literatura tradicional. (Pereira, 2013, p. 05)

Com o intuito de contextualizar, informamos que a série *Cadernos Negros* é um periódico anual, criado em 1978, em São Paulo (SP), destinado à publicação de contos e poemas de escritores e poetas negros. Atualmente, conta com 45 edições publicadas, sendo a mais recente de 2024, e é considerado o principal veículo de divulgação da escrita de autores que optam por registrar, em palavras, suas experiências e percepções de mundo, reconhecendo e afirmando sua identidade negra. As publicações se alternam entre poesia e narrativa, sendo que a primeira edição, em 1978, foi composta por poesias. O escritor e doutor em Literatura Brasileira Luiz Silva (Cuti) foi o idealizador do projeto, concebido ainda durante sua trajetória como estudante universitário. Reunindo um pequeno grupo de colegas negros da universidade, deu início a esse ousado empreendimento, com o objetivo de promover e divulgar uma escrita enraizada na cultura e na matriz africana no Brasil. Em 1980, esse grupo de estudantes consolidou-se como o coletivo Quilombhoje, assumindo a responsabilidade pela publicação da série *Cadernos Negros*, atualmente disponível também em formato digital. Para muitos escritores negros, esse espaço tem representado uma possibilidade concreta de narrar suas histórias por meio de suas próprias perspectivas. Ao afirmarmos "contar suas histórias", compreendemos esse gesto como expressão de um contexto histórico abrangente, constituído por vivências cotidianas, objetivas e subjetivas, pela arte, pela fé e pela coletividade que marca a experiência do povo negro.

Ressaltamos que Conceição Evaristo foi beneficiada pela referida série e foi nela que a escritora conseguiu exercitar sua escrevivência e compartilhá-la com os leitores, inspirando-os a serem autores de suas próprias histórias, por meio de suas vivências pessoais e de um coletivo, como destacado na citação abaixo:

[...] creio que talvez o primeiro esforço meu para passar para o papel uma experiência que não cabia mais em mim, foi quando, também nos anos 1960, escrevi um texto que, hoje, vejo – naquela pequena crônica – a origem de texto do *Becos da memória*. O texto tinha como título “Samba Favela” e foi publicado em 1963 ou 1964, no jornal *O Diário*, e também em uma revista de um seminário em Viamão, no Rio Grande do Sul. Era um texto que falava da vida na favela. Poderíamos pensar em uma crônica talvez. Hoje, relendo o texto, vejo que “Samba Favela” foi a semente de *Becos da Memória*. Foi a experimentação de uma escrita, marcada por uma escrevivência. Criei aquele texto, o primeiro, a partir de um lugar específico, particular, a minha vivência de jovem moradora em uma favela. Talvez naquele momento, eu confirmava para mim mesma, sem saber ainda, que a escrita me seria possível. Escrevivência vem daí, daquele texto.” (Evaristo, 2020, p. 33)

Ademais, Fonseca (apud Pereira, 2013, p. 03) reforça que a referida literatura, pela sua expressão, possui um forte compromisso com a conscientização, sem deixar de lado a atenção

ao uso da linguagem. Características que se destacam com mais evidência nos *Cadernos negros*, deixando claro a intenção principal do grupo, a de atribuir à literatura que produzem um significado que vai além do político.

Tendo em vista as reflexões apresentadas e defendidas, percebemos que a escrita literária de pessoas pretas tem sua diferenciação, não somente pelas características físicas, como cor da pele etc., mas toda a sua estética literária é construída objetivando o coletivo negro, mesmo que, aparentemente, vejamos ali, *a priori*, um sujeito brasileiro que fale de si.

Por fim, no que diz respeito à sua conceituação, posicionando-me enquanto pesquisadora, considero que, embora essa escrita tenha atravessado toda a historiografia brasileira desde a formação do país, ainda estamos em processo de (re)descoberta dessa literatura, que foi silenciada juntamente com seus autores e autoras. É compreensível que os teóricos contemporâneos apresentem divergências quanto às definições, mas arriscamo-nos a afirmar que, em tempos vindouros, a literatura produzida por pessoas negras brasileiras, em permanente construção, será estudada como parte integrante e estruturante da literatura brasileira, com conceitos consolidados e transbordantes de significado.

Destacamos, em particular, que essa literatura, tecida por fios poéticos, permite-nos visualizar metaforicamente as mãos que entrelaçam linhas para formar ornamentos de crochê e tricô, tal como Conceição Evaristo entrelaça poemas e prosas, promovendo um encontro entre diferentes formas de arte. O fio condutor dessas manifestações artísticas é, invariavelmente, a memória e o legado ancestral, transmitido por meio da oralidade, essência primeira de nossas origens e fundamento da tradição narrativa do povo negro.

3.2 De histórias inventadas ao reencontro com a identidade

“Eles só repetiam os casos infelizes, as histórias de fracasso” (Evaristo, 2017, p. 32) [...] veio então um apartar-se de si, uma profunda ausência” (Evaristo, 2017, p. 43)

Inicialmente, percebemos a necessidade de abordar alguns conceitos como raça, racismo e a identidade negra, entre outros, que permeiam este texto e contribuem para nossa formação ao nos incentivar a refletir criticamente sobre nossa história. Vale ressaltar que tais conceitos são importantes, inclusive para quem escreve, uma mulher preta, que desde a infância sabia ser diferente, mas que foi ensinada a ocupar um lugar de subalternidade, compreendendo sua verdadeira identidade de maneira tardia e, muitas vezes, evitando aprofundar-se nessas questões para fugir da dor. Hoje, entendemos que essa experiência,

compartilhada com outras mulheres negras, integra narrativas construídas no âmbito dos processos de internalização da subalternização das pessoas colonizadas.

A partir deste momento, entraremos em contato com diversos textos que proporcionam reflexões críticas sobre a invenção do “negro” sendo o “outro”, diferente do “eu” colonizador europeu para que possamos compreender as demarcações negativas as quais os povos negros colonizados foram caracterizados. Achille Mbembe (2014) afirma que o nome negro foi inventado pelo Eu europeu para que aquele fosse subjugado para ser-lhe útil. Porém, com todo esse processo construtivo, o negro será permeado por uma dualidade, resumidamente, que perpassa demarcadores negativos e, também, com devir positivo:

O nome Negro em particular libertou, durante muito tempo, uma extraordinária energia, ora como veículo de instintos inferiores e de forças caóticas, ora como signo luminoso da possibilidade de redenção do mundo e da vida num dia de transfiguração (Mbembe, 2014, p. 19).

Mbembe (2014), em seu livro *Crítica da razão negra*, apresenta suas reflexões, assim como outros pensadores contemporâneos, contribuindo para que negros e brancos repensem suas existências e participem da reconstrução de nossas histórias de forma mais ampla e, talvez, mais próxima da realidade. O autor afirma que o termo negro se apresenta enquanto um nome que transcende classificações negativas e positivas, ou, em outras palavras, luz e escuridão. Nesse sentido:

O nome Negro em particular libertou, durante muito tempo, uma extraordinária energia, ora como veículo de instintos inferiores e de forças caóticas, ora como signo luminoso da possibilidade de redenção do mundo e da vida num dia de transfiguração (Mbembe, 2014, p. 19).

Constatamos que os diversos pesquisadores utilizados nesta dissertação promovem reflexões lúcidas que destacam características variadas das pessoas negras, partindo das imagens negativas inventadas pelo colonizador com o intuito de subalternizá-las e, conseqüentemente escravizá-las. Todavia, esses estudos também ressaltam os aspectos positivos e humanos dessas pessoas, no sentido de desconstruir a invenção do negro pelo colonizador-dominador. Percebemos que essa dinâmica dialoga diretamente com o projeto desta, que visa revelar outras características que compõem a humanidade negra, observada por meio da análise do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo.

Inicialmente, nossa análise se concentrará nos marcadores negativos que ainda caracterizam as pessoas negras submetidas à colonialidade. No entanto, antecipamos que os tópicos subsequentes abordarão as reais características humanas reconhecidas por nós e por

diversos pesquisadores, pois consideramos isso essencial para manter viva a esperança de um devir negro que, ao menos, se aproxime de uma realidade mais justa e equânime.

O professor Kabengele Munanga (2012), em seu texto *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*⁵, afirma que “como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e especial” (2003, p. 1). Analisando o trajeto histórico desse termo, o autor aponta um panorama, pelo qual podemos perceber como a ideia de raça foi construída socialmente ao longo do tempo, frequentemente buscando justificar a apropriação do outro-diferente, no sentido de colocar pessoas subjugadas ao objetivo de colonização. De acordo com o texto, o conceito de raça foi se moldando e se modificando conforme a necessidade em vigor. Para Munanga (2012), a ideia de raça está imbuída de ideologia, pois, assim como outras ideologias, oculta algo não dito, a dinâmica de poder e dominação, como indicado abaixo:

No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d'água entre as chamadas raças”. [Já] No século XIX, acrescentou-se ao critério cor outros critérios morfológicos como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do formato do crânio [...] (Munanga, 2012, p. 3).

Não é possível ignorar o que Achille Mbembe (2014) afirma sobre o conceito de raça, ainda que suas observações sejam aterrorizantes. Apesar disso, elas não deixam de ser reais, pois quem vivência essa realidade sabe o quanto suas palavras são precisas. Afinal, estamos tratando aqui dos extremos que caracterizam as pessoas negras. Além disso, buscamos, ao final, contribuir para evidenciar os aspectos positivos dessa caracterização, por assim dizer. Logo, de acordo com Mbembe (2014):

Se aprofundarmos a questão, a raça será um complexo perverso, gerador de medos e de tormentos, de problemas do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes. Na sua dimensão fantasmagórica, é uma figura da nevrose fóbica, obsessiva e, porventura, histérica (2014, p. 25).

O horror constante no trecho acima é muito real para as pessoas pretas, e é possível ver essa representação no romance *Ponciá Vicêncio* (2017), no qual percebemos uma realidade sofrida por pessoas que viveram a escravidão e a pós-escravidão.

O avô da protagonista Ponciá nasceu homem perfeito, mas, em momento de revolta, busca a morte para sair da situação de escravizado:

[...] em que homens e mulheres trabalhavam na terra. O canavial crescia dando prosperidade ao dono. Os engenhos de açúcar enriqueciam e fortaleciam o senhor. Sangue e garapa podiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher, os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “Ventre Livre”,

⁵ Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03

entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele independente do seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos seus (Evaristo, 2017, p. 44-45).

Quanto ao pai de Ponciá:

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? (Evaristo, 2017, p. 17)

Ponciá, por sua vez, ficou fadada ao destino comum a muitas mulheres pretas, a profissão de empregada doméstica, considerada, ainda hoje, como umas das profissões mais comuns para essas pessoas, marca de subalternização. Mesmo seu irmão, Luandi, teve que trabalhar em serviços gerais, limpando a delegacia por muito tempo, enquanto sonhava em ser soldado. A mãe de Ponciá, Maria Vicêncio, foi se acostumando à vida de família incompleta, passando a maior parte do tempo somente com a filha, já que o marido e o filho estavam mais tempo na fazenda do sinhozinho, indo para casa esporadicamente.

Partindo da pressuposição de raça como uma construção social, termo caro à nossa reflexão neste texto, iniciamos alguns apontamentos referentes às histórias inventadas que compuseram povos colonizados, propositalmente, para que estes fossem subjugados no processo de transformar esses povos em objetos de valor comercial. E, após isso, descartá-los às margens da sociedade.

A protagonista do romance sai de seu vilarejo, de sua comunidade de iguais, e vai para a cidade, na qual já existe no imaginário branco demarcadores negativos das pessoas negras, na época, pós-escravizadas. Quando Ponciá chega na cidade, de imediato percebe como pessoas iguais a ela são tratadas. O emprego que ela consegue é o de doméstica, serviçal do lar, já que pós-escravizados não possuem inteligência suficiente para exercer outra função, de acordo com o imaginário das pessoas brancas. Nesse contexto, atentemos para uma espécie de epistemicídio da população negra pós-escravizada. Esse termo, de acordo com Sueli Carneiro (2023, p. 82), se afirma como instrumento de “dominação étnica e racial pela negação da legitimidade do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de

seus membros, que passam a ser ignorados como sujeitos de conhecimento”. Ademais, o referido conceito auxilia na compreensão do processo de negação da racionalidade, da cultura e da civilização do “outro”.

Outrossim, Grada Kilomba (2019) em *Memórias da Plantação - Episódio de racismo cotidiano*, apresenta reflexões a partir de entrevistas com mulheres negras. A autora se dedica, especialmente, ao que compõe a definição de racismo cotidiano:

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o *sujeito negro* e as Pessoas de Cor não só como “*Outra/o*” – a diferença contra a qual o *sujeito branco* é medido – mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade *branca*. Toda vez que sou colocada como “outra” – seja a “outra” indesejada, a “outra” intrusa, a “outra” perigosa, a “outra” violenta, a “outra” passional, seja a “outra” suja, a “outra” excitada, a “outra” selvagem, a “outra” natural, a “outra” desejável ou a “outra” exótica –, estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com o que o *sujeito branco* não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o “*Outra/o*” da branquitude, não o *eu* – e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual. (grifos da autora) (Kilomba, 2019, p. 52).

Com base na citação, compreendemos que o “Outro” sempre será o colonizado, já que toda e qualquer produção intelectual daquele que não é parte do eurocentrismo foi ignorada e apagada. Somente há pouco tempo é que estratégias estão sendo utilizadas para descortinar e ressuscitar as epistemologias que foram silenciadas e invisibilizadas.

Kilomba (2019) nos ajuda a compreender como o “sujeito branco” se alivia de características negativas, transferindo-as para esse “Outro” que é internalizado por demarcadores negativos, passando a ser o subalternizado e ideologicamente construído. Quando esse “Outro” surge com esse perfil, facilita a escravização pelo colonizador. Esses demarcadores não devem pertencer ao branco, cabe ao corpo negro internalizá-lo. Cabe ao colonizado de cor ser o mau-caráter, ladrão, feio, endemoniado e sexualizado, indo em confronto com as leis divinas, pertencer, não ao Deus branco, mas ao diabo branco, de acordo com esta crença.

Acerca desses apontamentos, Carneiro (2023) nos elucida que, ferindo a racionalidade do “outro”, o branco o torna subjugado, pois é um processo de produção da inferioridade intelectual, deixando-o vulnerável, pois sem razão. Ademais:

Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é

possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, restitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento considerado legítimo ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjogado, sequestrando a própria capacidade de aprender (Carneiro, 2023, p. 83-84).

Ponciá chega na cidade e, depois de algumas tentativas de abordagem às senhoras brancas frequentadoras da igreja, à procura de uma casa para trabalhar, recebe um pequeno pedaço de papel com um endereço escrito. Por sorte aprendera a ler umas poucas palavras, quando da passagem dos missionários, em curta temporada, na aldeia onde morava: “Ponciá, antes de buscar a maneira de chegar ao endereço, leu e releu o que estava escrito no papelzinho: Rua Prata de Lei, n. 39 - casa 7 - Bairro das Alegrias” (Evaristo, 2017, p. 38). Foi o suficiente para que ela encontrasse a casa. Podemos inferir que, naquela época, as pessoas negras não tinham acesso à educação, exceto talvez o necessário para serem evangelizadas, o que sugere uma educação com um propósito limitado. Essa constatação nos leva a refletir sobre o fato de que, ainda hoje, o acesso à educação permanece restrito e muitas vezes direcionado a objetivos específicos e limitados.

Para uma melhor compreensão de como ocorreram as construções das características que levaram as pessoas pretas a serem vistas exclusivamente de maneira negativa, Achille Mbembe (2014), em *A Crítica da Razão Negra*, afirma que o termo "negro":

Assinala uma série de experiências históricas desoladoras, a realidade de uma vida vazia; o assombramento, para milhões de pessoas apanhadas nas redes da dominação de raça, de verem funcionar os seus corpos e pensamentos a partir de fora, e de terem sido transformadas em espectadores de qualquer coisa que era e não era a sua própria vida (Mbembe, 2014, p. 19).

Ademais, o filósofo camaronês indica que este ser transformado em objeto para uso privado, nomeado “negro” e “outro”, fora inventado para:

significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria - a cripta viva do capital (Mbembe, 2014 p. 19).

Outrossim, Mbembe (2014) nos oferece um pequeno contexto do que o termo Negro, como manifestação da “existência objectal”, com objetivo de compreendermos melhor a figuração negativa inventada para ele:

A África, de um modo geral, e o Negro, em particular, eram apresentados como os símbolos acabados desta vida vegetal e limitada. Figura em excesso de qualquer figura e, portanto, fundamentalmente não figurável, Negro, em particular, era o exemplo total deste ser-outro, fortemente trabalhado pelo vazio, e cujo negativo

acabava por penetrar todos os momentos da existência - a morte do dia, a destruição e o perigo, a inominável noite do mundo (Mbembe, 2014, p. 28).

Com fundamento nos pressupostos apontados, estamos conscientes que raça e racismo são termos construídos socialmente, por brancos colonizadores, com o intuito de facilitar a exploração de outros sujeitos diferentes deles. Submeter as pessoas a determinadas verdades, de acordo com o interesse necessário à época, sempre foi uma estratégia que deu certo.

Temos em Sueli Carneiro (2023) o intento de exercitar a “aplicação dos conceitos de dispositivo e biopoder de Michel Foucault ao domínio da racialidade no Brasil” (2023, p. 25). A partir da noção desse “dispositivo”, Carneiro (2023, p. 25) se propõe a utilizá-lo como um recurso estruturante teórico para entender as várias práticas que o racismo e a discriminação racial geram na sociedade brasileira, bem como essa abordagem permite analisar a natureza dessas práticas e a forma como elas se interconectam, se reforçam ou se ajustam para alcançar certos objetivos estratégicos. A autora justifica dizendo que, para o filósofo, “o dispositivo consiste em ‘estratégias de relações de força, sustentando tipos de saberes e sendo por eles sustentado.’”. Além disso, indica que:

Para os meus objetivos aqui, interessa sobretudo sublinhar que ao instituir um novo campo de racionalidade em que relações de poder, práticas e saberes se articulam, um dispositivo instaura uma divisão que tem efeitos ontológicos, constituindo sujeitos através da enunciação sobre o Outro (Carneiro, 2023, p. 25).

Carneiro (2023) procura demonstrar:

[...] a existência de um dispositivo de racialidade operando na sociedade brasileira como instrumento articulador de uma rede de elementos bem definida pelo contrato racial e que determina tanto as funções e as atividades no sistema produtivo quanto os papéis sociais (Carneiro, 2023, p. 82).

A filósofa brasileira ainda nos aponta que, para Foucault, um dispositivo é sempre um dispositivo de poder, que opera em um determinado campo e se desvela pela articulação que se engendra a partir de uma multiplicidade de elementos e pela relação de poder que entre eles se estabelece (Carneiro, 2023, p. 24). Sobre esse dispositivo, existem os ditos e os não ditos e, a partir disso, Carneiro (2023, p. 27) esclarece o uso do referido termo do filósofo afirmando: “Haveria um não dito na formulação de Foucault: a imbricação do dispositivo de sexualidade com o de racialidade, abrangendo o segundo um território mais vasto que o de sexualidade, pelo estatuto que tem nele a cor da pele”.

O dispositivo de racialidade, ao demarcar a humanidade como sinônimo de brancura, irá redefinir as demais dimensões humanas e hierarquizar-las de acordo com a proximidade ou o distanciamento desse padrão. Desse modo, branco torna-se ideal de Ser para os Outros, e a

mulher branca, uma mística para os não brancos. Essa forma de afirmação da burguesia instituiu para todos o padrão estético desejável, a forma de amor e de sexualidade, a moral correspondente, sendo o corpo a expressão da autoafirmação, afinal, “o corpo funciona como marca dos valores sociais, nele a sociedade fixa seus sentidos e valores. Socialmente, o corpo é um signo” (Carneiro, 2023, p. 28).

Kilomba (2020) ao iniciar sua explanação sobre a “máscara de silenciamento”, que remete à máscara que a escravizada Anastácia usou, relata que:

Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do *sujeito negro*, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores *brancos* para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “*Outras/os*”: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (Kilomba, 2020, p. 23).

Em Ponciá Vicêncio, há momentos em que podemos identificar as violências de gênero e classe que se utilizam da “máscara de silenciamento” para impor à protagonista o seu devido lugar de subalterna. Quando a personagem saiu de sua terra com esperança de uma nova vida na cidade, ela planejou realizar seus sonhos, juntando dinheiro para comprar uma casa e buscar sua família para morar com ela, pois “acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (Evaristo, p. 2017, p. 30). Porém, seus planos foram desfeitos em virtude de inúmeras imposições sociais e, depois que conheceu o homem que seria seu companheiro, seus sonhos foram se desfazendo ou se modificando. Em uma das ocasiões em que seu marido a agrediu:

Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (Evaristo, 2017, p. 19).

Quando vivia na vila, Ponciá gostava de ser mulher, tanto que temia passar por debaixo do arco-íris e se transformar em homem. Neste contexto, percebemos uma reconfiguração do contexto de um sistema escravocrata – vivência do passado histórico dos negros pós-escravizados, em que havia esperanças de um porvir. Porém, qualquer passo que Ponciá dava era barrada pelos estereótipos inventados pelos brancos e que dificilmente seriam modificados.

A partir desse momento, Ponciá frequentemente era acometida de mudez, configurando uma imposição dada à uma mulher negra, descendente de pós-escravizados. Era um passado histórico de um povo se apropriando do presente, dizendo que ela não poderia falar quando quisesse. Cumpre-se, de acordo com Kilomba (2020, p. 23), a “principal função era [de] implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura”.

Entretanto, em meio a múltiplos significados atribuídos ao termo silêncio, inclusive, o de formas de resistência, caro a este trabalho, Ferreira e Santos (2021, p. 894) no artigo “Ausências, fragmentos e silêncios em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e *El Libro de Emma, de Marie-Célie Agnant*” apontam silêncios advindos da ferida colonial que perpassam os personagens do romance *Ponciá Vicêncio*, bem como as pessoas da diáspora africana, destoando dos corriqueiros discursos em que o referido substantivo se apresenta como um termo vazio de sentido. Outrossim, no artigo citado, os autores se utilizam do estudo de Sérgio Mosquera (2017), no qual o autor se debruça sobre traumas adquiridos pela população negra que sofreu com o comércio de escravos, a partir do aspecto psicológico.

É preciso dizer que Ponciá é uma mulher preta, descendente de escravizados e semi-escravizados, então, somente pela cor da pele sofre racismo. Conceição Evaristo não suaviza o sofrimento de nenhuma personagem do romance, justificando, assim, a necessidade de abordar o tema do racismo.

No processo de formação da estratégia para que o “Outro” negro seja subalterno e, por consequência, escravizado, Kilomba (2020, p. 24-26) enfatiza que:

O *sujeito negro* torna-se então tela de projeção daquilo que o *sujeito branco* teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como um meio de escapar dos mesmos.

[...]

Tudo o que o *sujeito branco* não quer ser é direcionado ao *sujeito negro*. Não é o que nos representa, mas é o imaginário do branco do que somos nós negros (Kilomba, 2020, p. 24-26).

O que o *sujeito branco* não quer para si, já que é insuportável aceitar e feio aos seus olhos, ele direciona ao *sujeito negro* através do seu poder de (re)formatar esse *sujeito* diferente de si.

Assim como no passado histórico dos povos negros escravizados, em que as mulheres negras eram privadas do direito à maternidade, tratadas como meras reprodutoras de futuros escravizados, a Ponciá também foi negada esse direito, tendo sofrido sete abortos, o que lhe

roubou a possibilidade de exercer a maternidade. Essa condição pode ser lida como uma metáfora de um passado marcado pela violência e pela desumanização, que Conceição Evaristo, possivelmente, incorpora em seu projeto literário por meio de diversos marcadores negativos. Ainda assim, a autora deixa entrever, nas trajetórias de suas personagens, sinais de esperança e possibilidade de um porvir mais justo.

A personagem Biliza, que antes trabalhava como empregada doméstica, foi enganada pelo filho de sua patroa, que roubou todo o dinheiro que ela havia juntado. Assim como Ponciá, Biliza sonhava com uma vida melhor, mas acabou sendo levada à prostituição e teve seus sonhos adiados. Ela conheceu Luandi, irmão de Ponciá, que reacendeu sua esperança; porém, pouco antes de uma possível mudança, Biliza foi assassinada. Ambas as personagens, Biliza e Ponciá, sofrem diversas formas de violência e são inicialmente representadas sob demarcadores negativos criados pelo imaginário branco e historicamente perpetuados para caracterizar o povo negro.

Frantz Fanon (2008), em seu livro *Pele negra, máscaras brancas*, inicia suas reflexões tomando como exemplo “o negro antilhano [o qual] será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa” (Fanon, 2008, p. 34), ressaltando que as Antilhas foram colonizadas pela França. O autor aponta que, ao longo do texto, amplia essa análise para incluir outros negros colonizados por diferentes colonizadores. Dentro desse contexto, Fanon dedica o capítulo de nosso interesse ao aspecto da linguagem, que possui importância fundamental, já que, em sua visão, “falar é existir absolutamente para o outro” (Fanon, 2008, p. 33). Nosso interesse na questão da linguagem se justifica, pois Ponciá, em seu processo de mudez, parece negar a linguagem adquirida do sujeito branco colonizador. A partir das experiências de violência de gênero, após o sofrimento causado por seu marido, a protagonista inicia estados de negação da linguagem adquirida, especialmente após algum tempo na cidade grande. Esse processo se repete até o reencontro com sua família, que pode ser compreendido como uma reconexão com sua linguagem original.

Em síntese, Fanon (2008), ao abordar a questão da linguagem no contexto colonial, afirma que ela é um instrumento de poder utilizado para reforçar as estruturas raciais e culturais. Quando os negros adotam a linguagem do colonizador, isso representa um processo de alienação e subjugação, cujo objetivo é submeter o outro às necessidades dos brancos. Nesse sentido, podemos considerar que, no contexto geral de sua trajetória, Ponciá recusa o uso da "máscara branca" ao menos no que diz respeito à linguagem; contudo, ao chegar na

cidade grande, ela inicialmente se apropria dessa máscara para sobreviver no mundo branco, como observamos na citação que se segue:

Aos poucos, Ponciá foi-se adaptando ao trabalho. Ficou mesmo na casa da prima da moça, que ela havia encontrado na igreja. Foi aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa da cidade. Nunca esqueceu o dia em que a patroa lhe pediu para que ela pegasse o *peignoir* e, atendendo prontamente o pedido, ela levou-lhe a saboneteira. Errava muito, mas ia aprendendo muito também. Estava de coração leve, achava que a vida tinha uma saída (Evaristo, 2017, p. 38-39).

Em outro momento do texto, Fanon (2008) representa a experiência do negro que, de uma forma ou de outra, enfrenta a dificuldade de ser ele mesmo, sendo praticamente obrigado a adotar a "máscara branca" para sobreviver. O trecho a seguir evidencia a dor e o horror de não poder expor sua pele negra para conviver em um ambiente dominado pelo colonizador:

A vergonha. A vergonha e o desprezo de si. A náusea. Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal. Eu me esquivo desses escrutadores do ante dilúvio, e me agarro a meus irmãos, pretos como eu. Horror, eles me rejeitam. Eles são quase brancos! E depois, eles vão se casar com uma branca. Terão filhos morenos... Quem sabe, pouco a pouco, talvez... (Fanon, 2008, p. 109).

Apresentados alguns dos inúmeros estereótipos e demarcados negativos que desumanizam a população negra, passaremos, no próximo subcapítulo, a outro ponto essencial desta dissertação, a contraposição dessa negatividade, ou seja, a humanidade, no fito de tecer outros caminhos e outras histórias possíveis e necessárias.

3.3 Contrapondo os estereótipos: tecendo outros caminhos, outras histórias

“Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (Evaristo, 2017, p.30).

De forma ainda persistente, os personagens negros, especificamente as mulheres negras, possuem, geralmente, um perfil definido na literatura brasileira, bem como na crítica literária. Pelo contraponto desse cenário, a obra de Conceição Evaristo é composta por personagens negros, sobretudo, por mulheres negras, porém, a autora não omite a presença de pessoas brancas, mas sem deixar de marcar seu lugar de poder, assim como ocorre ainda hoje em nossa sociedade. É evidente que as características impostas pelo racismo estarão presentes como marcas coloniais que fazem parte da nossa história, sendo relevante não as apagar para

não se repetir, contudo, uma das estratégias literárias de Evaristo é focar em características que represente a imagem dessas mulheres ao que há de mais humano, por vias de afetos.

Nesse sentido, a partir deste momento, buscaremos mostrar a escrita de Conceição Evaristo, especificamente, no romance *Ponciá Vicêncio*, destacando trechos que representam as contraposições dos estereótipos de mulheres negras e que compõem a escrita negra em plenitude.

Nesta sequência, destacamos o artigo de Andrea Franco Lima e Silva (2020) intitulado “As cores do afeto: um ensaio sobre as mulheres negras no contexto das relações afetivas”, que destaca a importância de temas que apresentam características da mulher negra, para além dos habitualmente tratados, destacando outras questões que contrapõem às feridas coloniais, haja vista que:

Abordar a questão da afetividade da mulher negra abre as janelas para vários níveis de relação entre esses e outros marcadores de diferenças (idade, classe social, escolaridade e outros), permitindo outra visão sobre a mulher negra, para além das descrições dos seus lugares nos indicadores sociais, comumente abaixo das médias” [...] “Tratar desse tema é fazer ecoar, no campo das pesquisas sociológicas, sua subjetividade e sua voz, que têm muito a dizer sobre as relações sociais e raciais brasileiras.” (p. 86-87)

Percebemos a relevância de olhar para outros demarcadores da mulher negra, pois nos preocupa a prevalência do mito da democracia racial que persiste em defender essa miscigenação positiva. Isso pode ser muito grave no sentido de que muitas mulheres negras ainda sobrevivem com seus traumas das feridas coloniais, se acostumando a serem menos do que poderiam. Logo:

Compreender processos de microssocialização, como os são as relações afetivas, podem nos dizer muito sobre a dinâmica das relações raciais brasileiras, bem como sobre a posição e a perspectiva da mulher negra nesse processo. Do mesmo modo em que a afetividade não é apenas pautada pelo sentimento/amor, também não pode ser explicada satisfatoriamente por seu viés economicista/ utilitarista. Há nessas escolhas preferências sociais, políticas, culturais e étnicas que merecem ser objeto do interesse sociológico. (Silva, 2020, p.88)

Neste ponto, ressaltamos alguns fatores de Salgueiro (2020) e Duarte (2011), destacando trechos do romance que contribuem para visualizarmos essas mulheres negras no lugar de um protagonismo revolucionário no âmbito da literatura brasileira, produzida por pessoas negras.

O fator que diz respeito à oralidade está presente na obra de Evaristo, inclusive, a narrativa por nós estudada é construída aos moldes da oralidade do povo preto, perceptível pela estratégia utilizada pela escritora quando compartilha as vivências e experiências dos personagens, utilizando um tom muito parecido ao falar corriqueiro, repleto de expressões

populares e ritmos próximos à oralidade. Por meio do fluxo de consciência da protagonista, durante uma narrativa não linear, o leitor se aproxima da oralidade que remete aos ancestrais, o que faz preservar a cultura e a memória de um povo que enaltece os seus antepassados. As crenças, as artes e a valorização da sabedoria dos mais velhos, representada por Nêngua Kainda, transmite todo esse contexto:

A escrita de Evaristo bebe, pois, na rica fonte da oralidade, em falas e gestos que preparam o escrever. Ao mergulhar no universo de vivências e experiências vividas, sobretudo, por mulheres que cuidam do sustento dos filhos, do reforço ao ganho pouco dos homens, quase sempre envolvidos com ocupações extenuantes, provisórias e mal remuneradas, a escritora vasculha histórias de vidas marcadas pela exclusão e pela invisibilidade. Por isso, quando Evaristo utiliza, na entrevista ao *Nexo Jornal*, em 2017, a expressão “nossa escrevivência”, está consciente de que sua literatura é um espaço que acolhe os relatos de vidas marcadas pela escravidão ou pelas agruras dela decorrentes. Essas experiências são recuperadas por estratégias que instalam, no ato de escrever, as emoções do experienciar e do viver (Fonseca, 2020, p. 63).

No romance, há um narrador que parece narrar pela oralidade da protagonista, como nos trechos durante a passagem por debaixo do angarô: “Ela ia buscar...Qual nada! O arco-íris era teimoso!” (Evaristo, 2017, p. 13).

Em outro trecho, a narrativa transmite o pensamento de Luandi, irmão da protagonista, como um lamento permeado de esperança, na crença de que, por meio de suas forças ou de algum poder, conseguiria localizar a irmã. A construção narrativa assume o tom de um “causo” sendo contado a alguém, com o uso de frases curtas, repetições vocabulares e uma cadência que se aproxima da oralidade, ao estilo de uma cantoria:

Agora ele era um soldado. Tinha o poder de mandar. Tudo seria mais fácil, até para procurar a irmã. Fardado, com a roupa do poder, entraria em qualquer lugar, seria respeitado por todos. E quem soubesse de Ponciá Vicêncio, ah, quem soubesse de sua irmã, haveria de falar! Ah! Haveria de falar! (Evaristo, 2017, p. 106).

Em síntese, no que diz respeito à oralidade, *Ponciá Vicêncio* apresenta uma narrativa que incorpora a linguagem popular, aproximando a literatura da vivência dos personagens e ressaltando o papel da coletividade negra na construção da identidade. Dessa forma, ao recorrer à oralidade, Conceição Evaristo não se limita a um recurso estilístico, mas elabora um meio de valorização da memória, da ancestralidade e da resistência do povo negro no Brasil.

Retomando Duarte (2011), no que se refere ao “ponto de vista”, e Salgueiro (2020), ao destacar o poder de narrar como expressão da arte da palavra do sujeito, observamos tais características de forma recorrente nas obras de Conceição Evaristo, cuja escrita busca justamente fazer emergir essa potência narrativa. Em *Ponciá Vicêncio*, não é diferente: o

romance incorpora esses elementos ao narrar a trajetória da protagonista marcada pela separação e pelo posterior reencontro com a família. Enquanto Ponciá não se reúne novamente com seus familiares, vive uma existência atravessada por vazios que beiram a loucura, expressos, por exemplo, em seu caminhar em círculos na busca por um “final feliz”. A construção do romance está profundamente ancorada na memória da protagonista. Além disso, quando um sujeito colonizado ousa narrar a própria história e a de seus semelhantes, desafia diretamente a lógica colonial que sustenta o racismo como invenção histórica. O ato de falar já é, por si só, revolucionário; escrever, portanto, é uma forma de inscrever essa ousadia na história, constituindo um devir negro necessário.

Ademais, no que tange à questão da oralidade, marca expressiva que caracteriza o povo negro, especialmente no que diz respeito à tradição das contações de histórias e ao compartilhamento de saberes, destacamos aqui essa dimensão por meio do canto. O canto dos povos negros brasileiros é uma herança ancestral que permanece viva e presente em diversas situações atravessadas pelo afeto. De grande representatividade simbólica e cultural, o canto acompanha os sujeitos negros desde o ato de ninar uma criança até o momento da despedida daqueles que partem desta vida. Nesse contexto cultural, social e histórico, ressaltamos esse aspecto a partir dos versos, em sequência não linear, de Mauro Duarte de Oliveira e Paulo César Francisco, popularizados na voz da cantora Clara Nunes, os quais expressam com intensidade a função do canto como manifestação de revolta, dor, mas também de resistência:

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
Do Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
Do Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou

E esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

Outro conceito explorado neste texto é o silêncio, que perpassa as personagens, principalmente a protagonista do romance, pressupondo que esses silêncios são carregados de

significados e representam formas de resistência de um povo. Ferreira e Santos (2021), concentrando-se nas ausências, fragmentos e silêncios da obra, demonstram o que há de possíveis sentidos nesse termo que atravessa os personagens do romance. Os autores afirmam que “o silêncio de Ponciá é a representação do silêncio coletivo do povo negro, uma herança da colonialização, a personagem carrega as feridas de todos aqueles que sofreram com a escravidão.” (Ferreira e Santos, 2021, p. 900).

Ponciá Vicêncio, após sair do seu povoado, arrumar um emprego e se casar, começa a vivenciar muitas angústias, passando por vários momentos de silêncio, não conversando nem com o seu marido, em uma clara crise de depressão. Ferreira e Santos (2021) buscam em Mosquera (2017) as heranças da colonização e os traumas desse período que persistem na vida do povo africano colonizado e nos seus descendentes. O historiador colombiano afirma que o povo negro escravizado sofreu irreparável impacto nas suas psiques, já que perderam sua liberdade, o que provocou depressão, melancolia, tristeza e angústia (Mosquera, 2017 apud Ferreira e Santos, 2021). Todos esses traumas podem ter sido, muitas vezes, transformados em silêncio, não somente como forma de subserviência, mas justamente como não aceitação da escravidão, isto é, como um movimento de luta, da mesma forma como a música faziam parte do cotidiano dos escravizados que cantavam enquanto trabalhavam, forçadamente, nas plantações, não era de alegria e sim de protesto, resistência.

Nesse sentido, os silêncios em Ponciá podem representar os silêncios de todo o povo negro, já que, por causas iguais, representa uma atitude da coletividade. Ademais, Ferreira e Santos (2021, p. 903) afirmam que “os cativeiros, as condições extremas de constrangimentos físicos e herdados historicamente, converteu-se em um silêncio de onde subjaz uma falsa ilusão e um errôneo discurso de inclusão e igualdade.”, haja vista que:

São silêncios e silenciamentos que desnudam as faces da colonialidade e da ferida colonial, ainda hoje determinantes das identidades desse grupo social, legando um sentimento de deslocamento e inadaptação em meio à uma sociedade cujas estruturas sociais não respondem as necessidades desses indivíduos. (Ferreira; Santos, 2021, p. 903)

Mosquera (2017), dedica o capítulo 2 do seu livro a questão da oralidade do povo negro, ao modo de música como uma das formas de resistência para suportar o período de escravidão. Ao contrário da ainda crença popular de que os povos negros africanos não lutavam contra a escravização, que se entregaram facilmente e demais falácias, esse povo sempre se organizou e lutou contra as violências e imposições às suas comunidades, desde os sequestros em África. E não somente nesse período, pois tal cultura fazia parte do contexto dos povos africanos. Um dos movimentos considerados mais marcantes na expressão cultural

afro-brasileira é, popularmente, o canto. Ainda hoje, diversos coletivos se organizam em torno do canto e da dança como formas de protesto contra o racismo e de afirmação da humanidade e identidade negra. O autor afirma que a música africana constitui um fenômeno enraizado no inconsciente dos povos africanos que foram escravizados, configurando-se como manifestação profunda de memória, resistência e ancestralidade:

Debido a ello estamos explorando la influencia de la música como factor de resistencia sin huir, para sobrellevar la esclavización, hemos visto que la música africana en tanto manifestación cultural, es un fenómeno que se encuentra en el inconsciente colectivo, en la memoria de todos los pueblos traídos al Nuevo Mundo, y así mismo, una estructura de larga duración existente desde tiempos inmemoriales y que cruzó el Atlántico junto con los prisioneros y secuestrados africanos (2017, p. 75).

Nesse sentido, a música sempre esteve como mobilidade para a resistência do povo negro escravizado, fazendo parte deles como uma informação genética cultural. Além disso, durante a pesquisa, o autor afirma que a música é presente na memória afro diaspórica que, juntamente com a dança e o canto cumpriram uma questão social, bem como se tornaram ação política-cultural permanente para enfrentar os infortúnios do contexto. Dessa forma, estamos falando de povos que cantam e dançam por vários motivos: nas lutas, perdendo ou ganhando; para festejar a vida e a morte, e no cotidiano, quer dor, quer alegria.

No romance *Ponciá Vicêncio*, a mãe da protagonista, Maria Vicêncio, canta, como tantas outras mães negras que, ao longo da história, tiveram a voz silenciada ou permitida apenas para embalar os filhos de seus senhores e, hoje, de seus patrões. Ao contrário daquelas que, durante o período escravocrata, foram privadas do direito de embalar seus próprios filhos com histórias e cantos, sendo forçadas a fazê-lo para os filhos dos outros, Maria Vicêncio canta enquanto chora a ausência de seus filhos e alimenta a esperança de reencontrá-los:

Andar de um lugar a outro foi maneira de a mãe de Ponciá aliviar a angústia do tempo de espera. Ela alimentava a certeza de que encontraria os filhos um dia, porém não podia parar. Era preciso andar sempre. O tempo de espera, se feito quieto e mudo, é pior, pois se torna demoradamente mais longo ainda. Em suas peregrinações trabalhava em tudo que era preciso, menos o barro. Nunca mais tocou na massa, mas continuava cantando muito, como no tempo em que as duas entoavam juntas as canções. Cantava as cantigas de sua infância, aquelas que tinha aprendido dos mais velhos, no tempo em que era criança. Cantava as que tinha aprendido com a mãe e que tinha oferecido depois, mais tarde, à filha. E nessas canções havia muitas que eram dialogadas e, quando chegava a parte em que entraria a voz da filha, a mãe de Ponciá se calava. Fazia silêncio para escutar lá do fundo de sua memória, a voz-menina que, mesmo tendo crescido, mesmo estando distante, se presentificava cantando em suas lembranças (Evaristo, 2017, p. 72-73).

Outrossim, Mosquera (2017) reforça a questão da tradição da oralidade, não somente no contexto referido acima, mas também como alento afetivo aos momentos de tristeza. A

tradição de contar histórias e compor suas músicas, certamente serviam como ação terapêutica para os momentos de melancolia:

Desde el momento que los prisioneros africanos permanecían en cautiverio en las costas africanas, y por las muertes que se producían antes de zarpar, los negreros se preocuparon por disminuir la melancolía, la depresión, y el miedo que sentían aquellas personas porque a menudo eran causa del alto índice de suicidio, como lo vimos anteriormente (2017, p. 76).

Em suas pesquisas, Mosquera (2017, p. 37) se dedicou a estudar vários transtornos psicológicos acometidos pelo povo negro africano sequestrado durante os tráfegos negreiros com destino ao Novo Mundo. Um dos transtornos que nos interessa, neste momento, é o chamado de depressão – melancolia, no tópico intitulado: *Síndrome del melancólico esclavizado*. Naquela época – século XVII –, nenhum especialista se interessou em estudar as consequências da enfermidade nos sequestrados, apesar de serem acometidos em grande escala desde os primeiros anos dos tráfegos negreiros. Não seria de se estranhar já que aqueles seres não eram considerados como pessoas, portanto não requereriam a mesma atenção que os seus. O olhar do historiador voltado para a referida enfermidade foi dedicado aos negros olhando para eles como vítima e não concentrando na doença.

Muitos dos sequestrados, durante a viagem, entre outros movimentos de protestos e insatisfações, decidiam pelo suicídio, pulando no mar; os que não adoeciam fisicamente, ficavam até sem se alimentar, como protesto à situação e escolhendo a própria morte a prosseguir aquela rotina do destino desconhecido e de violências. Esse contexto despertou-nos particular interesse, já que percebemos na protagonista do romance de Evaristo movimentos representativos similares, podendo, mais uma vez, nos levar à sua possível estratégia de contar a história do povo preto escravizado e de como eles reagiam de diversas formas àquela violência.

Ponciá era, frequentemente, acometida de vazios, ausências de si, rumando a uma espécie de ensimesmamento, como já dito anteriormente. Esses momentos podem ser vistos como uma autoproteção à insatisfação do que ela estava passando. A situação da protagonista nos remete a um estado de espírito do povo negro chamado de banzo, que é uma palavra utilizada em alguns países da África. De acordo com Nei Lopes, a partir de uma pesquisa no Novo Dicionário Banto no Brasil:

O banzo perpassa a história dos negros da diáspora, é um sentimento poderoso que implode e explode. Algumas explosões são arte heroica: o jazz, chorinho, blues e rap, outras são implosões a se perderam no buraco negro e plácido da existência, numa escuridão boa, consoladora, ancestral, ou mesmo no grito solitário de desespero e morte. [...] O banzo, assim, é fim para o começo, embate mentalista

introspectivo que move o mutue, a cabeça, para uma dignidade existencial que se estende além da vida - a ancestralidade. Por isso é força angustiante, uma instância desesperadora, uma dor insubmissa às opressões (Lopes, 2018, p. 1.)

Há um alento de colo, proteção e preparação para um renascer mais forte. Em momentos de depressão e melancolia, como quem quer desistir da vida, e se recolhe em silêncio. Porém, há uma força que leva a se recolher e enganar a enfermidade, sendo protegido e fortalecido pelos ancestrais.

Em diversos momentos da narrativa, quando Ponciá tenta recolher-se em lembranças de sua infância e de sua família, em um esforço de renovação por meio da memória, ela era abruptamente interrompida pela violência, inclusive a exercida por seu próprio marido contra ela: “Lembrou-se [...] O grito do homem reclamando da lerdice de Ponciá fez com que, mais uma vez, ela interrompesse as lembranças. Irritou-se, mas não disse nada. Engoliu a raiva em seco junto com o silêncio” (Evaristo, 2017, p. 22).

Em outros momentos, a protagonista se mostra recolhida – involuntários ou não – em vazios, silêncios e ausências como se essa ação fosse a única alternativa para morrer ou para se renovar e continuar a viver, como num ato de resistência, a um passo da revolução para mostrar a força renovada:

Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (Evaristo, 2017, p. 24).

[...]

Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (Evaristo, 2017, p. 30).

[...]

Na noite em que aconteceu o regresso, Ponciá Vicêncio não dormiu. Viveu o tempo em que era tomada pela ausência e, quando retornou a si, ficou apenas deitada escutando. Escutou na cozinha os passos dos seus. Sentiu o cheiro de café fresco e de broa de fubá, feitos pela mãe. Escutou o barulho do irmão levantando, várias vezes, à noite e urinando lá fora, perto do galinheiro. Escutou as toadas que o pai cantava. Escutou os galos cantando na madrugada, no galinheiro vazio. Escutou, e o que mais escutou, e o que profundamente escutou foram os choros risos do homem-barro que ela havia feito um dia (Evaristo, 2017, p. 49).

[...]

E desde esse dia, em que o homem lhe batera violentamente, ela se tornou quase muda. Falava somente por gesto e pelo olhar. E cada vez mais ela se ausentava” (Evaristo, 2017, p. 83).

Ponciá, ao silenciar e se ausentar, se tornava mais sensível e mais profunda até encontrar os seus, mais velhos, talvez, ancestrais, pela origem do barro, e, assim, morrer ou reviver mais potente.

Além disso, a protagonista viveu um momento nítido de depressão:

Ponciá Vicêncio correu vagarosamente os olhos pelo cômodo em que moravam. O pó avolumar-se por cima do armário velho. Pelos caibros do telhado acumulavam-se

teias de aranhas e picumãs. As trouxas de roupas sujas cresciam dias e dias pelos cantinhos do quarto. As folhas de jornal, que forravam prateleiras do armário, já estavam amareladas pelo tempo e roídas nas pontas pelos ratos e baratas. Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de asseio que lhe incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela ambiência (Evaristo, 2017, p. 23).

Portanto, além do significado do silêncio na obra aqui analisada, podemos reconhecer também a presença do banzo, que ressurgue como forma de resistência e alimenta a luta dos movimentos, inclusive por meio da música. Para além do silêncio imposto pelo colonizador, como tentativa de apagar a história dos negros escravizados, esse silêncio pode ser interpretado como uma estratégia de chamar atenção para as diversas formas de manifestações culturais da diáspora africana – mais uma vez ressaltando a oralidade, a música, a dança, a religiosidade, enfim, todas as tradições populares desse povo. Trata-se, assim, de mais uma possibilidade de enfrentamento ao racismo.

O romance *Ponciá Vicêncio* é composto por uma família de ausências, vazios e silêncios. Portanto, o silêncio torna-se um conceito importante para se investigar, existindo nele outras possibilidades de significados, já que surge na individualidade da protagonista e na coletividade de todo o povo negro. Uma das representatividades do silêncio pode ser vista como a resistência individual e coletiva, como observado no trecho que se segue:

O homem de Ponciá Vicêncio silenciosamente guardava distância de todos. A mãe com os olhos fechados revivia outras cenas: a menina, Vô Vicêncio, a passagem dele, a passagem de seu homem, a sapiência de Nêngua Kainda, a terra dos negros, os trabalhos de barro, o filho agora e por enquanto soldado, a voz de mando, a terra dos brancos, a resistência teimosa e muitas vezes silenciosa do negro, travestida de uma falsa obediência ao branco. O tempo indo e vindo, E neste ir e vir, Ponciá Vicêncio voltava para ela. Para ela, não! A menina nunca tinha sido dela. Voltava para o rio, para as águas-mãe. A filha nunca lhe coube, nem no tempo em que estava prenhe dela. Maria Vicêncio se lembrou do primeiro sinal recebido de que a menina não era de sua pertença. Fez do acontecido um assunto calado, guardado só para si. Nem para o seu homem falou, só para Nêngua Kainda, aquela que de tudo sabia, mesmo se não lhe dissessem nada (Evaristo, 2017, p. 107)

Assim como Maria Vicêncio em sua cantoria silenciava nos momentos em que outrora sua filha cantava com ela, o silêncio possui um significado outro que não o esvaziado, mas que significa a presença da filha pela voz que cantava a canção. O silêncio mobilizava a memória: “a silenciava para escutar lá do fundo de sua memória, a voz-menina que, mesmo tendo crescido, mesmo estando distante, se presentificava cantando em suas lembranças” (Evaristo, 2017, p. 73).

A família de Ponciá Vicêncio, como já mencionado, é marcada por silêncios; trata-se de uma família silenciada, à semelhança dos povos negros escravizados, silenciados pelos brancos eurocêntricos quando lhes foi retirado o direito à voz. A representação da família no

romance guarda profunda correspondência com a coletividade negra. Para além dessa barbárie, o silêncio dos negros escravizados pode ser interpretado como uma forma de resistência — um protesto sutil ou uma estratégia de autoproteção, recolhendo-se para, posteriormente, emergirem mais fortes. A protagonista do romance de Conceição Evaristo se recolhe em diversos momentos, especialmente quando se percebe deslocada em um mundo que parece não lhe pertencer, após deixar a Vila Vicêncio, ou ainda quando se decepciona com o marido, ocasião em que sofre diferentes formas de violência.

A partir do momento em que a personagem se vê necessitada de sua família, compreendendo que só será completa quando reencontrá-los, Ponciá fica cada vez mais silenciada e mergulhada nos vazios. Nesse contexto da protagonista, podemos ver representados um desejo de despertar a atenção, como um protesto contra o racismo, pois, com o silêncio, o todo ao redor se destaca, focalizando a nossa oralidade por meio da contação de histórias, das músicas dos cantos e danças de nossas tradições.

O protagonismo de Ponciá enquanto provedora da visibilidade positiva e humana do povo negro é percebido em todo o romance. Ademais, apresentamos momentos das contraposições aos estereótipos presentes em outras personagens, como a prostituta Biliza e a sábia Nêngua Kainda, bem como mais representatividades advindas da mãe de Ponciá.

O irmão de Ponciá, Luandi, se apaixonara por uma mulher que trabalhava como prostituta, Biliza. A moça tinha uma trajetória similar a dele e de sua irmã, partiu para a cidade grande em busca de uma vida melhor, a princípio, trabalhando de doméstica. Biliza é uma personagem que sempre buscou sua independência. Depois que foi despejada pela patroa, por dormir com o filho dela, e o acusar de roubar seu dinheiro, decidiu por ser o que a chamavam, puta:

Moça Biliza se sabia ardente, deitara algumas vezes com os companheiros de roça e alguns saíam mais e mais desejosos dos encontros com ela. Um dia, um homem enciumado chamou Biliza de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é me esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. E, agora, novamente era chamada de puta pela patroa, só porque contou de repente que o rapaz dormia com ela. Tinha a impressão de que a patroa sabia. Não, ela não devia ter gostado era da história do dinheiro. Biliza estava cansada. Tinha de começar tudo de novo. Não, não começaria mesmo! A cozinha, a arrumação da casa, o tanque, o ferro de passar roupa...Haveria de ganhar dinheiro mais rapidamente (Evaristo, 2017, p. 84-85).

Além do mais, Biliza era moça estrela, a estrela que surgiu na vida de Luandi. Mesmo que algumas vezes a sua presença ou lembrança não aliviasse a dor da saudade do seu povoado e de sua família, Biliza era aquela que “na noite escura de seu peito brilhava

trazendo lembranças de paz e de desejos de vida, a moça impulsionava o jovem a seguir vivendo”. Ademais:

Se uma noite escura havia dentro de seu peito, nada melhor do que buscar a estrela que enfeitava a sua vida, Biliza era a estrela maior. Como ele queria aquela dona! Dona Biliza, dona-estrela, dona-vida... Ah! Ele estava se amofinado a toa perdendo a coragem logo agora, que estava perto de tudo ficar diferente. Ainda neste ano ia se tornar soldado. Ia ganhar mais e ser bem importante. Estava quase chegando o momento de poder comprar um barraco e tirar Biliza-estrela da zona. Ela queria ir com ele. Estava gostando dele (Evaristo, 2017, p. 94-95).

Outra personagem de grande potência simbólica, por sua sabedoria e resistência, é Nêngua Kainda, a velha sábia do povoado onde viveu a família de Ponciá. Descrita como alguém que “parecia congregar a velhice de todos os velhos do mundo” (Evaristo, 2017, p. 98), ela representa o arquétipo da ancestralidade e da sapiência coletiva. O momento de sua morte é carregado de simbologia e sugere uma dimensão de eternidade, como se estivesse apenas adormecida, à espera de despertar em outro mundo. Antes de partir, transmite sua última mensagem a Maria Vicêncio, encerrando sua trajetória com a dignidade e a transcendência que marcam sua presença no romance:

Ela dizia que o tempo já permitia e abria os caminhos para que a mãe fosse encontrar os filhos. E, como derradeira fala, Nengua abençoou com a força de seus olhos já fechados, mas que, agora, mais e mais viam, a viagem que Maria Vicêncio empreenderia para buscar os filhos. A mãe de Ponciá e de Luandi ainda esperou por alguns segundos que a velha esboçasse qualquer outro desejo de gesto. Entretanto naquele momento, por um instante, o mundo inteiro pareceu se quedar. Nengua Kainda adormecera. Um sol quente batia em sua pele negra enrugada pelas dobras dos séculos. Em silêncio, ela adentrava num sono tão profundo, do qual só acordaria quando tivesse ultrapassado os limites de um outro tempo, de um outro espaço e se presentificasse ainda mais velha e mais sábia, em um outro lugar qualquer (Evaristo, 2017, p. 99).

Em um momento de torpor, após a morte de sua amada Biliza, Luandi misturava sonho e realidade, enxergando várias mulheres do seu contexto: “Eram só mulheres que naquele momento se acercavam de Luandi. E dentre elas uma orientando os passos das demais. Uma era guia de todas, a velha Nengua Kainda” (Evaristo, 2017, p. 103).

Retomando Salgueiro (2020), no que se refere aos aspectos fundamentais da escrevivência, talvez não por acaso, nas linhas finais do romance, Evaristo nos oferece uma espécie de síntese poética, que simboliza o entrelaçamento entre arte, cultura e religiosidade de matriz africana. Dessa forma, encerra-se a narrativa que acompanha a trajetória de uma família, representativa da coletividade do povo preto escravizado:

Ponciá Vicêncio, aquela que havia pranteado no ventre materno, e que gargalhara nenéns sorrisos ao nascer, tinha risos nos lábios, enquanto todo o seu corpo estremecia num choro doloroso e confuso. Chorava, ria, resmungava. Desfiava fios

retorcidos de uma longa história. Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e com o braço para trás, como se fosse cotoco, ora com as duas palmas abertas, executando calmos e ritmados movimentos, como se estivesse moldando alguma matéria viva. Todo cuidado Ponciá Vicêncio punha nesse imaginário ato de fazer. Com o zelo da arte atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava, ainda, significar as mutilações e as ausências, que também conformam um corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E, quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda. Seus passos em roda se faziam ligeiramente mais rápidos então, sem, contudo, se descuidar das mãos. Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de-vir (Evaristo, 2017, p. 110-111).

Essa imagem poética funciona como uma síntese da narrativa, condensando o significado de uma história marcada por temas e sentimentos de um povo cuja trajetória necessita ser recontada. Nessa imagem, percebemos movimentos corporais que remetem à dança, inclusive àqueles presentes nos rituais do Candomblé⁶, bem como o ato de manusear o barro, gesto simbólico da criação de uma nova vida. Ponciá herdou de seu avô Vicêncio esses movimentos diversos, legados ancestrais que podem representar a necessidade de reconexão com suas origens.

⁶ O Candomblé é uma religião de matriz africana que cultua os orixás. O termo candomblé vem da junção das palavras *quimbundo candombe* (dança com atabaques) + *iorubá ilê* (casa), que significa casa da dança com atabaques. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/candomble>. Acesso em: 20/03/25

4 FIOS, SILÊNCIOS E HERANÇAS: “A VIDA ERA A MISTURA DE TODOS E DE TUDO”

A Leitura de *Ponciá Vicêncio*, quer somente por fruição e/ou pesquisa acadêmica levou-nos a considerações comuns, mas foram de profundas sensibilidades, pois houve vários momentos em que o *modus operandi*, obrigatoriamente, teve que ser mudado. As leituras teóricas, complexas, foram trocadas por músicas e poesias para que a alma voltasse ao corpo, no intuito de se reafirmar enquanto vivo, como um beliscar despertando do sono. Portanto, é preciso validar que esta dissertação foi construída por afetos, prazer infinito pela escrita e leitura sensível desta voz que a construiu.

Nesse sentido, no romance, foi possível enxergar e sentir que a memória da protagonista é transporte das vivências e experiências de todas as personagens. A narrativa é construída pelos caminhos-fios feitos pelo ir e vir da memória de Ponciá. São fios que vão e vêm simbolizando resistência, porque permanecem. E o ornamento-teia gera possibilidades, pois unem passado e presente, possibilitando um porvir negro mais humano e pleno.

Durante este estudo, percorremos a narrativa a partir de vários olhares, sendo o primeiro por pura fruição, sem nenhuma informação prévia. Partindo somente de um olhar pesquisador nato, curioso em contactar com a literatura de várias formas. Naquele momento, o que mais despertava atenção eram versos. Mal sabíamos quanta poesia na obra de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*. Na sequência, fomos manipulando a narrativa com olhar mais investigador, após o despertar no âmbito acadêmico. De tanto ir e vir, percorremos o romance da mesma forma que ele se apresenta ao leitor, conduzido pela memória da protagonista: sem linearidade, um vai e vem de lembranças, sem ordem cronológica. Nos entremeios, Ponciá foi nos apresentando outros personagens e suas vivências, bem como a história de um povo, negro e sua diáspora. Ali se percebia o estilo mais conhecido da autora, a *Escrevivência*.

Ao longo deste estudo, trouxemos vários pesquisadores para contribuir com nossa reflexão, centrados na proposta inicial em que nos propusemos a lançar luz sobre as mulheres negras da referida narrativa, destacando suas singularidades humanas para além do que ainda é mostrado, estereotipadas, pela literatura e sociedade em geral, até os dias atuais. Neste ínterim, demonstramos: como a “*escrevivência*”, enquanto escrita da vivência de uma coletividade, pode ser compreendida como forma de resistência; identificamos alguns sentidos advindos dos silêncios que perpassam as personagens e como esses silêncios também representam formas de resistência; além disso, discutimos pelo contraponto, que variados

sentimentos, características e atitudes que permeiam as personagens femininas do romance em questão, podem ser compreendidas como possibilidades de resgatar a humanidade roubada dos sujeitos pretos de diáspora africana, tratados como animais e objetos.

Neste momento de considerações finais, passamos a expor questões consideradas importantes, as quais contribuíram para reflexões grandiosas, quando nos dedicamos a atender aos objetivos propostos.

Nesse sentido, destacamos o termo da ancestralidade, considerado fundamental durante a trajetória das personagens do romance, bem como é um fato, popularmente, é reconhecido como o único bem deixado pelos entes que partiram desta vida, em forma de herança. No romance, somos levados a tentar descobrir qual a herança deixada pelo avô da protagonista, afirmação que é retomada, frequentemente, durante a narrativa, ressaltando a importância do que é passado de geração em geração.

Desde o início fica explícito o respeito à ancestralidade.

O primeiro homem que Ponciá Vicêncio conhecera fora o avô. Guardava mais a imagem dele, do que a do próprio pai. Vô Vicêncio era muito velho. Andava encurvadinho com o rosto quase no chão. Era miudinho como um graveto. Ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu, mas se lembrava nitidamente de um detalhe. Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado pra trás. [...] Ponciá Vicêncio, mesmo menina de colo ainda, nunca esqueceu o derradeiro choro e riso do avô. Nunca esqueceu que, naquela noite, ela que pouco via o pai, pois ele trabalhava lá na terra dos brancos, escutou quando ele disse para a mãe que Vô Vicêncio deixava uma herança para menina. (Evaristo, 2017, p. 15)

Podemos inferir que a herança deixada pelo avô da protagonista é o valor da ancestralidade, perceptível em forma de arte, cultura, religiosidade, enfim, todo um conhecimento herdado do contexto negro-africano. Reafirmamos que a formação dos povos pretos não é composta somente dos estereótipos advindos do contexto colonial escravocrata, mas somos. Nossa herança vem de nossos ancestrais. E a ancestralidade é conhecimento: de vida, identitário e sabedoria para o passado, presente e futuro, conectando, assim, as humanidades⁷. Em *Ponciá Vicêncio* temos a memória como transporte para possibilidades de um porvir negro.

Outro elemento encontrado durante a pesquisa foi o banzo, que surge por meio das ausências, silêncios e vazios que intercalam momentos mais críticos de sofrimentos, como se os sujeitos recolhessem seus espíritos para entrar em contato com os ancestrais. Concluímos

⁷ Mestre em Psicologia da Saúde, Gaby Oliveira, no texto *O que é ancestralidade e o que ela pode nos ensinar sobre nós mesmos*, em entrevista para a *Diáspora Black*. Acesso em: 08/04/25. Disponível em: <https://diaspora.black/blog/cultura-negra/o-que-e-ancestralidade-e-o-que-ela-pode-nos-ensinar-sobre-nos-mesmos>

que os momentos de banzo das personagens do romance são renovadores, podendo levar o sujeito a conectar com suas tradições, marca cultural deles na humanidade. Por ser banzo um estado de espírito – uma forma utilizada por povos negros africanos de se conectarem com suas origens, demonstrando saudades e buscando forças, ou até mesmo uma espécie de casulo em que eles entram espiritualmente para se protegerem e se fortalecerem.

Nesse sentido, ressaltamos Mosquera (2017) no que diz respeito às manifestações culturais dos povos africanos, quando afirma que:

la música africana en tanto manifestación cultural, es un fenómeno que se encuentra en el inconsciente colectivo, en la memoria de todos los pueblos traídos al Nuevo Mundo, y así mismo, una estructura de larga duración existente desde tiempos inmemoriales y que cruzó el Atlántico junto con los prisioneros y secuestrados africanos (Mosquera, 2017, p.75).

Então, não somente nos momentos provocados pelo colonialismo eurocêntrico, mas as manifestações culturais são presentes na vida do povo negro, talvez desde sempre. Além disso, assim como a herança de diversos traumas, provocados pelo período escravocrata, também herdamos habilidades para ressignificar os flagelos durante toda a vida, causados “por la empresa de la modernidad europea / blanca / racional / colonial (capitalista-esclavista)” (Mosquera, 2017, p. 38).

Outrossim, pela leitura da pesquisa de Mosquera (2017), compreendemos Banzo como uma tristeza tão profunda que assolava os povos pretos escravizados, os quais foram sequestrados, roubadas suas identidades, cultura e famílias. Por conseguinte, resistiram às violências, buscando se conectarem com a ancestralidade, por meio da memória individual e coletiva. Ademais, o pesquisador ressignifica o banzo, direcionando para o contexto da história e da cultura do povo preto africano.

Quanto aos objetivos propostos nesta dissertação, consideramos que conseguimos destacar a mulheres negras, personagens do romance, olhando para suas singularidades humanas para além de estereótipos costumeiros. Conhecemos Ponciá, Maria Vicêncio, Nêgua Kainda e Biliza, mulheres negras, protagonistas de suas vivências. Essas mulheres, por serem negras, são unidas pela mesma dor, ou seja, pela dororidade. Porque, segundo Piedade (2017), o lugar de onde falamos é o “marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do Não Ser, sendo” (Piedade, 2017, p. 17). E é deste contexto de dor que as mulheres de Evaristo, em *Ponciá Vicêncio*, surgem como protagonistas de uma forma mais humana, resistindo e lutando contra o racismo.

Biliza é a personagem que foi trabalhadora doméstica e prostituta, porém, foi destacada por ser a estrela renovadora, símbolo de esperança para si, enquanto mulher negra e

para Luandi, irmão de Ponciá que a apelida de Biliza-estrela. Destacamos a mulher negra que ressalta a importância do amor e paixão, apesar do sofrimento e da marginalização em que vive. Biliza é uma mulher negra que trabalha e sonha em ter uma vida melhor, projetando isso após conhecer o irmão de Ponciá. Além disso e, talvez, mais importante, Moça Biliza é potente e inspira resistência e mudança para melhor. É a personagem que surge brilhante dentro da noite escura, trazendo lembranças de paz e desejos de vida, além de simplesmente dar prazer a um homem ou proporcionar-lhe prazer carnal (Evaristo, 2017, p. 94).

Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, é a representatividade da matriarca que sustenta a família, já que o ganho do marido não é suficiente. O sustento vem, principalmente, por meio da arte do barro produzida por ela e sua filha. Neste contexto, o manuseio do barro não somente alimenta a família, mas mostra a arte do barro, herança deixada pelos ancestrais e que pode representar a criação e recriação da vida. A personagem, também, destaca a união e a importância do laço familiar como meio de resistência, amor e paciência em aguardar o tempo, senhor e Deus de tudo. Maria Vicêncio quando fica sozinha na casa do povoado, sente o vazio e sabe que precisa ir atrás dos filhos para reunir a família. Então, vive um processo de gravidez, esperanto do tempo de renascer.

O Encontro com os filhos também pertencia a vontade do tempo e não somente dela. O querer dela era o trato que ela fazia com a vida. Era uma teima regada de paciência, uma crença de que o melhor iria acontecer. Maria Vicêncio, mais uma vez voltou em casa, grávida ainda de seus filhos, esperava o dia em que ela, mãe, iria renascer (Evaristo, 2017, p. 91)

Nengua Kainda é a sábia do vilarejo, representando toda a sabedoria dos ancestrais do povo negro, era muito velha, “Parecia congrega a velhice de todos os velhos do mundo” (Evaristo, 2017, p. 98). Mesmo sem acompanhar de perto a trajetória dos personagens, ela aconselha nas decisões a partir dos seus conhecimentos pela ancestralidade, consultando o que fazer e quando fazer. Nengua é, possivelmente, uma espécie de senhora da razão, dos sonhos e do tempo. Sua morte é muito emblemática, fazendo com que o leitor não saiba ao certo se de fato ela morreu, ou simplesmente partiu para outro plano, digamos assim.

Nengua Kainda adormecera. Um sol quente batia em sua pele negra enrugada pelas dobras dos séculos. Em silêncio, ela adentrava num sono tão profundo, do qual só acordaria quando tivesse ultrapassado os limites de um outro tempo, de um outro espaço e se presentificar ainda mais velha e mais sábia, em um outro lugar qualquer (Evaristo, 2017, p. 99).

Por fim, Ponciá Vicêncio, a protagonista da narrativa, ousou, aos 19 anos, iniciar um movimento rumo à mudança, pois:

acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova [...] Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer a todos os dias (Evaristo, p. 2017, p. 30)

A personagem é tão potente que até seus silêncios, vazios e ausências representam todo o contexto do povo de diáspora negra-africana, tanto as histórias e características inventadas, existindo como estereótipos, quanto às possibilidades de recuperar o prazer de sermos nós mesmos em plenitude. Ponciá possuía o poder de reinventar a vida, pelo manusear do barro, pela herança do avô e pelo “imaginário ato de fazer”:

Ponciá Vicêncio, aquela que havia pranteado no ventre materno, e que gargalhara nenéns sorrisos ao nascer, tinha risos nos lábios, enquanto todo o seu corpo estremecia num choro doloroso e confuso. Chorava, ria, resmungava. Desfiava fios retorcidos de uma longa história. Andava em círculos, ora com uma longa história. Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e cm o braço para trás, como se fosse cotoco, ora com as duas palmas abertas, executando calmos e ritmados movimentos, como se estivesse moldando alguma matéria viva. todo cuidado Ponciá Vicêncio punha nesse imaginário ato de fazer. Com o zelo da arte atentava para as porções das sobreas, a massa excedente, assim como buscava, ainda, significar as mutilações e as ausências, que também, conformam um corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E, quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda. Seus passos em roda se faziam ligeiramente mais rápidos então, sem contudo se descuidar das mãos. Andando como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de-vir (Evaristo, p. 2017, p. 110-111).

Por meio de Ponciá, Conceição Evaristo consegue, juntamente com mais escritoras negras, registrar e fazer emergir a nossa marca, enquanto humanidade, pela arte literária. Ademais, o que procuramos mostrar, enquanto humanidades, foi no sentido de fazer emergir das mulheres pretas outras características diferentes dos estereótipos que ainda nos perseguem. Dizer que tal flagelo não nos sobrecarrega seria fingir que está tudo bem, como no velho mito da democracia racial. Vez ou outra, a sociedade destaca alguma peculiaridade de pessoas negras elevando-a ao título de moda e, somente assim, têm certa aceitação. Não é somente tal *status* que queremos. O que queremos é ter e ser vida humana de plenos direitos.

Por fim, procuramos internalizar o desejo ansioso de Sueli Carneiro (2011, p. 7), concluindo o sentido sobre a luta por um feminismo negro, em que mira uma utopia de alcançarmos os nossos direitos, enquanto seres humanos em plenitude, possibilitando sermos mais que raça e gênero.

Ressaltamos que esta dissertação parte da leitura e análise de um romance de Conceição Evaristo, autora cuja produção literária está em pleno curso. Isso significa que estamos não apenas testemunhando, mas também participando das investigações em torno de uma arte literária que se constrói no presente. Ao mesmo tempo em que integramos o corpo

da crítica, buscamos contribuir com análises que, esperamos, venham a dialogar com outros olhares críticos em um porvir esperançoso, capazes de lançar novos afetos, sobre esta ou outras obras da autora.

Amparados por Octavio Paz (1996), quando este se dedica à poética da modernidade, encontramos inspiração para compreender os signos literários como entidades em constante movimento, aptas a despertar novos sentidos na sociedade de seu tempo. O poeta, segundo Paz, ainda não conhece o significado final desses signos, pois ele "está no tempo, o tempo que fazemos entre todos e que a todos nos desfaz."

Enfim, é difícil escapar da poesia de Evaristo, mesmo se quiséssemos. É como se, ao conectar a prosa em Ponciá, a escritora fosse ornamentando o caminho para que o leitor catasse as poesias que ela entorna no chão.

Concluindo esta dissertação, ousamos concordar com um dizer já considerado de domínio popular, o qual afirma que o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, tem o **poder de cura**. Vejam que são: verbo e substantivo **femininos**. Cura pelo feminino? Talvez motivo para outra pesquisa, quiçá!

5 REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Elisa de Sousa Silva. *Letras Ideias*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 13-29, jan./jun. 2019

BEZERRA, Simone Maria. *Escrevivência: escrita, identidade e o eu feminino negro em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo*. 2019. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2019. Disponível em: <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789>. Acesso em: 18 de set. 2023.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988
 CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero (online)*. Publicado em 2011. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em 14 de ago. 2023.

COSTA, Elisângela de Lana. *O silenciamento da mulher negra na escrita literária de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane*. 2019 (f. 181). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019

CRUZ, Rosângela Aparecida Cardoso. *No vão da voz de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: uma poética de silêncios*. 2021 (f.) Tese (Doutorado em Letras e Literatura). Universidade Estadual de Maringá. 2021.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, C. L. *Marcas da violência no corpo literário feminino*. In: *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. DUARTE, C. L et. al (orgs.). Belo Horizonte: Editora Idea, 2018.

DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2018.

DUARTE, Eduardo Assis. *O negro na literatura brasileira*. In: *Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

DUARTE, Eduardo. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.]*, n. 31, p. 11-23, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430>. Acesso em: 11 abr. 2025.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e Afrodescendência* (In DUARTE, Eduardo de Assis, *Literatura, política, identidades*. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG: 2005, p. 113-131).

EMICIDA, Canal GNT. *Vídeo o que é raça? Uma reflexão sobre eugenia e branquitude*. YouTube, 04/09/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Lt6z_egfPcQ. Acesso em: 01/10/2024.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. DUARTE et.al. (orgs.). 1ª Ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras em Belo Horizonte*, Maio de 2009. Disponível: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em: 10/06/2024.

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo*. [Entrevista concedida ao Programa Roda Viva], TV Cultura, 06/09/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>. Acesso em 20 de jul. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. In: *SCRIPTA*, vol. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. Belo Horizonte, 2009.

FONSECA, Maria N. S. *Escrevivência: sentidos em construção*. In: *Escrevivências: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. DUARTE, C. L et. al (orgs.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Y. N.; SANTOS, D. N. *Ausências, fragmentos e silêncios em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo e El libro de Emma de Marie-Célie Agnant*. *Revista Iberoamericana*, Vol. LXXXVII, Nº 276, 2021, 893-911

HERMES, E. S.; UMBACH, R. U. K. *À sombra da colonialidade: a violência em ‘The welcome table’, de Alice Walker e ‘Duzu-Querença’, de Conceição Evaristo*. In: *Ilha do Desterro* v. 75, nº 2, p. 105-132, Florianópolis, mai/ago 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/R46nKMrwNdXFxtGbJpxTycH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 set.de 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LORD, Lord. *A transformação do silêncio em linguagem e ação*. Portal Geledés, 2015. Disponível em <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/> Acesso em 16 nov. 2021.

MATOS, Renata Araújo. *O amor e o abuso em “Ponciá Vicêncio” de Conceição Evaristo* (2017). *Revista TOMO*, [S. l.], n. 41, p. 127–166, 2022. DOI: 10.21669/tomo.vi41.17859. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/17859>. Acesso em: 18 set. 2023.

- MBEMBE, Achille. *A crítica da razão negra*. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014
- MOSQUERA, S. A. *La trata negrera y la esclavización: en perspectiva histórico-psicológica*. Bogotá: Apidomas Ediciones, 2017
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos / Kabengele Munanga*. – 3. ed. – 1. reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2012. – (Coleção Cultura Negra e Identidades)
- PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996. (Coleção Debates)
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Panorama da literatura afro-brasileira*. 2022. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/artigos/artigos-teorico-conceituais/>. Acesso em: 16/09/24.
- PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018
- RODRIGUES, Jéssica. *Projeto cultural de Conceição Evaristo*, Casa Escrevivência é inaugurada no Rio de Janeiro. *Brasil de Fato*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://brasildefato.com.br/2023/07/26/projeto-cultural-de-conceicao-evaristo-casa-escrevivencia-e-inaugurada-no-rio-de-janeiro>. Acesso em: 20/09/2024
- SALGUEIRO, Maria A. A. *Escrevivência: conceito literário de identidade afro-brasileira*. In: *Escrevivências: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. DUARTE, C. L et. al (orgs.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- SANTOS, José Leomax Ferreira. *Faces do racismo no romance Ponciá Vicêncio*, 2020, (f. 26) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) (Graduação em Letras. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020
- SILVA, Amanda Nunes do Amaral. “*Nos frágeis limites da vida e da morte*”: uma leitura interseccional de Olhos d’água, de Conceição Evaristo. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2023.
- SILVA, A. F. L. *As cores do afeto: um ensaio sobre as mulheres negras no contexto das relações afetivas*. In: *Epistemologias e Metodologias negras descoloniais e antirracistas*. ALVES (orgs.). Porto Alegre: Rede Unida, 2020. (Série Pensamento Negro Descolonial)
- SOUZA, Simone Conceição. *Imagens do negro nas obras A cor da Ternuna, de Geni Guimarães e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: A reafirmação da identidade e da cultura afro-brasileiras*. 2018 (113 f.) Dissertação (Mestrado em Letras), Departamento de Letras e Artes - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana 2018.

SOUZA, Neuza Silva. *Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. LeBooks: Rio de Janeiro, 1983.

XIII Congresso Internacional ABRALIC, 13, 2013, Campina Grande. Anais eletrônicos. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2013. Disponível: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434459413.pdf. Acesso em: 11/mai. 2013

IMAGENS:

Fontes:

<https://www.africas.com.br>.

<https://vermelho.org.br/2018/05/19>

<https://www.editoramale.com.br>

<https://www.amazon.com.br>

<https://www.africas.com.br>.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br>

<https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/conceicao-evaristo-defende-enredos-afro-na-sapucaí/>

Fotografia do Arquivo pessoal

<https://midianinja.org/estao-abertas-as-inscricoes-para-o-premio-conceicao-evaristo-de-literatura>. Acesso em 08/03/2025

<https://www.sescrj.org.br/noticias/cultura/poncia-vicencio-espetaculo-inedito-inspirado-em-obra-de-conceicao-evaristo-estreia-no-sesc-copacabana/>. Acesso em 24/06/2025